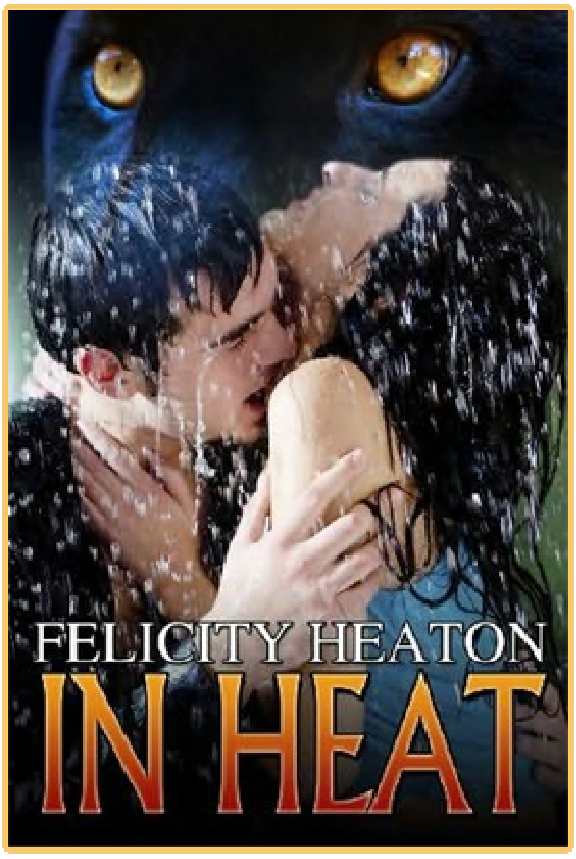
TWKliek apresenta:



Felicity Heaton

No Cio

Saga In Heat 01

Uma onda de calor não era o único que se fazia sentir em Londres para a advogada Kim. Estivera acontecendo cada noite com um homem que punha seu corpo e coração em chamas. O problema? Era um homem que sempre emergia com pele negra e ronronava, e era só um sonho. Caminhando ao trabalho no dia mais quente do ano, o que menos esperava era encontrar-se com o Erik, um homem que subia sua temperatura e que parecia exatamente seu noivo sonhado. Com forma de pantera negra, Erik Blackwell tinha estado procurando a sua companheira durante vinte e sete anos. As visões que compartilhavam todas as noites eram cada vez mais quentes, mas encontrá-la estava se tornando impossível já que nunca tinha visto seu rosto. Quer dizer, até que acaba trabalhando como sua advogada em suas negociações contratuais com seu irmão, Alistair. Kim não podia negar sua atração pelo Erik. O calor que sentia por ele era intenso e era só questão de tempo antes que se entregasse a seus desejos, mas algo a perseguia. Erik era realmente o homem de seus sonhos? Se for assim, porque crescia o pelo e ronronava? E o que havia a respeito da terrível sensação que tinha ao redor do Alistair e do contrato? Até onde estaria disposta a ir para obter suas mãos sobre a empresa do Erik? O que Kim iria fazer quando descobrisse o segredo de Erik? Ela, por sua vez lhe daria as costas, ou completariam o emparelhamento e ficaria com ele, para poderem estar juntos para sempre?

Disp em Esp: *Club de Las Excomulgadas*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Rayssa*
Revisão Final: *Lu Daychoun*
Formatação: *Greicy*
Capa: *Élica Leal*
TWKliek

Comentário Revisora Rayssa: Esse livro é uma verdadeira tentação, romântico e com cenas hots, com direito a sexo em uma boate. Ele já começa de uma forma diferente, deixando nós as pobres leitoras (ou os pobres leitores =D)com um fogo louco e logo em seguida nos frustra.

Erik é o que toda mulher sonha em ter, ele é lindo, carinhoso, forte, protetor, interessado... Mais um homem de papel para satisfazer as mulheres.

Comentário da Revisora Lu Daychoun: Adorei revisar esse livro e eu já li vários livros sobre lobos ou leopardos (metamorfos em gerais) e esse mocinho foi o que mais me surpreendeu pelo seu controle mesmo tendo o lado selvagem dele ,ele é muito romântico e paciente. Além das cenas super Hot o livro tem uma história legal e a mocinha que para o começo não queria ir longe demais, quando começou não parou mais e se soltou de vez KKKK.

Capítulo 1

— Não lute contra isto. — Uma voz de homem, profunda, sedosa, ecoou ao seu redor. A sensação de seus dedos fantasma sobre seus braços, através de suas costas, lhe fazendo cócegas nos omoplatas, fez com que ela estremecesse de prazer.

Como ele pensava que teria vontade de lutar contra?

Ela nunca o teria feito.

Virou-se, desesperada para dar uma olhada em seu rosto, com a luz tênue da sala. Nunca conseguia vê-lo. Ele sempre era um mistério para ela, sempre a evitava.

Suas unhas acariciavam seus braços, como ocorreu com suas costas, seu quente fôlego contra seu pescoço. Tornava pegajosa a sua pele, acrescentando ao já opressivo calor do quarto. Seu estômago se apertou, apertou-se com excitação enquanto suas mãos se moviam sobre seu torso. Seus dedos levantaram a prega de sua camiseta, apanhando o material enquanto explorava sua pele nua a um ritmo dolorosamente lento.

Ela se arqueou contra ele, esfregando seu traseiro contra seu pau e sentindo seu desejo. Estava duro por ela, pressionando firmemente na abertura de seu traseiro. Uma mão chegou aos quadris, puxando ela, enquanto se afundava, lhe mostrando só o que estava por vir e fazendo com que se formasse uma piscina de umidade em sua calcinha. Ela gemeu, inclinando a cabeça para um lado e tratou de olhá-lo por cima de seu ombro.

Um ruído surdo ressonou através dela. Era um ronrono líquido que se sentia em cada centímetro de seu corpo. Ela esfregou seu traseiro contra sua longitude, provocando um estrondo profundo nele, e sorriu para si mesmo pelo efeito que tinha sobre ele. A mão sobre seu ventre deslizou até seus peitos, escorregando por debaixo da regata. Ela fechou os olhos enquanto seus dedos brincavam e torturavam seu mamilo direito. O fantasma com sua outra mão por atrás de seu braço, acendendo-a o suficiente para que se arrepiasse com seu contato. Ele passou seus dedos sobre seu ombro e lhe deslizou a alça da camisola por cima dele, acariciando-a a seu passo.

Sua boca era quente e acetinada contra sua pele enquanto lhe beijava o ombro. Lambeu-a e saboreou, passando sobre seu pescoço seus dentes afiados, voltando a opressão de seu ventre em um inferno. Ela moveu sua mão a seu redor, rodeando seu quadril, enquanto se esfregava contra sua parte traseira.

O único som em seus ouvidos era a combinação de sua respiração, quente e pesada, ofegante enquanto se moviam contra si.

Seu coração trovejou, afastando-se com ela, e se entregou ao tempo do mesmo.

Sua língua lambia o lóbulo de sua orelha, enquanto ela umedeceu os lábios. Seu cenho se franziu e gemeu, movendo a cabeça para um lado e levantou seu outro braço. Estendeu a mão para trás e a passou através de seu cabelo curto e denso. Era como de veludo sob seu tato e afundou seus dedos nele, sentindo a suavidade e se perdeu nas sensações que a alagavam.

Ele sussurrou de novo.

Ela abriu os olhos e olhou sua mão, enquanto a movia por sua cintura e até sua calcinha. Como era que estava nua?

O pensamento fugiu de sua mente quando sua mão baixou. Mordeu-se o lábio prevendo seu toque, disposta a deixá-lo mover-se mais rápido antes que ela explodisse em necessidade.

Mordeu-lhe a orelha e ela grunhiu.

Seus olhos estavam quase fechados. Aumentaram quando viu a erupção de pele negra em seu braço.

— Não lute contra mim — sussurrou-lhe. — Estamos destinados a estar juntos.

Kim se levantou da cama, o zumbido do alarme sacudiu seus sentidos e abaixo, o som das ruas da cidade lhe indicaram que a manhã tinha chegado. Respirando pesadamente , lutou para retardar seus batimentos cardíacos. Apertou a mão contra o peito. Estava pegajosa de suor. Sua camisola estava empapada.

Respirando profundamente, manteve a mão apertada contra seu peito e se apoiou na cama com a outra. Os lençóis finos se pegavam a sua pele úmida. Olhou a grande janela, lhe dando a bem-vinda à brisa fresca da manhã que entrava através dela e agradecendo em silêncio que a tinha aberto a noite anterior antes de ficar adormecida.

Olhou ao longe, à frente a construção de tijolo vermelho e recordou o sonho.

Vinham-lhe com mais frequência agora. Não sabia se se tratava de algum tipo de sinal ou não. Se eram um sinal, provavelmente era só seu corpo lhe dizendo que realmente precisava conseguir um namorado.

Deixando cair de novo na cama, apagou o alarme e estirou os braços para o lado.

Os sonhos não só eram cada vez mais frequentes, eram cada vez mais quentes.

Exalou um fôlego e fechou os olhos, deixando que o prazer persistente de seu sonho passasse por ela. Só desejava por uma vez poder ver seu rosto, ou ao menos poder chegar a algum tipo de conclusão. Era sempre dolorosamente lento, tão lento que na realidade nada tinha acontecido. Ele a havia tocado como nenhum outro homem o tinha feito, provocando sentimentos nela que a estavam deixando tonta de desejo, e então despertava.

O homem da rádio anunciou que hoje ia ser o dia mais quente do ano. Ela suspirou. Londres em calor era horrível.

Saindo da cama se dirigiu ao banheiro. Olhou-se no espelho. Os azulejos brancos do banheiro lhe davam um aspecto pálido. O homem de seu sonho estava provavelmente fora de seu alcance de todos os modos. Com o profundo e atraente tom de voz que tinha, e essas mãos dolorosamente hábeis, definitivamente não seria real. Inclusive se o era, não era o suficientemente bonita para apanhar a um homem como ele.

Em toda sua vida lhe disseram o que era evidente.

Franziu o cenho ante seu reflexo, devorando seu comprido cabelo marrom escuro, empapado de suor para trás e só deixando um par de filamentos livres. Riu. Sorriu. Franziu o cenho. Seus olhos se abriram um pouco, até que o branco mostrou toda sua íris com a rica cor do chocolate.

Deixando cair seu cabelo, enrugou o nariz e a apertou. Puxou o lábio inferior. Fez uma careta.

Talvez era evidente. Às vezes pensava que era bonita. Seus dentes eram retos. Também seu nariz. Suas sobrancelhas estavam muito bem arqueadas e eram finas. Tinha um rosto oval e não era magro demais, mas tampouco gordo.

Empurrou de lado e tragou saliva ao recordar as mãos de seu namorado de sonho sobre ela toda.

Suspirando, incorporou-se e olhou o relógio digital preso ao espelho. Não havia tempo para um banho de banheira esta manhã. Suspirou e olhou à ducha. Seus pais tinham tentado convencê-la a pôr um ou outro, mas o banheiro era suficientemente grande para ambos, e algumas vezes também necessitava um banho de banheira. Meteu-se na ducha e a abriu. Não sabia por que estava tão preocupada. Seu homem do sonho era precisamente isso, um sonho. As possibilidades de que existisse eram quase tão poucas como a oportunidade de conseguir uma promoção.

Em sua companhia não seria menos que um milagre. Estivera trabalhando no escritório de advocacia durante quase três anos e ainda não mostrava nenhuma sinal de que a levavam a sério.

Afastando seus pensamentos de seu trabalho e do homem de seus sonhos, centrou-se na lavagem de seu cabelo e no insuportável trabalho que fazia. Com este calor, ia ser nada menos

que infernal.

Chegaria a seu trabalho, suada como havia despertado esta manhã. Havia um novo cliente que iria hoje, cujo caso ia ser muito Hush, Hush[1] e malditamente quase impossível. E sua irmã a tinha abandonado, o que significava que estava sem saída tinha que jantar a sós com seus pais essa noite.

Este dia ia ser perfeito.

* * * *

Kim abriu passo no abarrotado trem, esmagada na porta franziu o cenho quando alguém lhe deu uma cotovelada enquanto passava por detrás dela. Aproximou-se nas pontas dos pés para ver se havia mais algum espaço e se afundou de novo em seus calcanhares quando viu que estava cheio e muito apertado como uma lata de sardinhas. Inclinou a cabeça contra o cristal a seu lado e ficou olhando o jornal que o homem no assento do outro lado estava lendo.

Alguém diante dela se moveu e ela franziu o nariz quando fedeu a transpiração.

Simplesmente genial.

Que maneira de começar o dia.

Já estava a ponto da ebulição e só era oito da manhã. O aquecimento do planeta. Isso era tudo o que era. Toda esta contaminação e essas coisas. Suspirou de novo e fechou os olhos, tratando de sair de sua rotina diária, recordando seu sonho.

Disse-se que não era um sonho.

Era mais uma fantasia.

Mas era ele cada vez, o mesmo homem, esse mesmo toque e os mesmos lábios contra sua reaquecida carne.

Sempre lhe dizia o mesmo, perto da orelha, às vezes frente a ela, a seu lado ou detrás. Não lhe importava. Só queria derreter-se em uma poça cada vez que falava. Ele podia não dizer nada, não fazer nada, e ela seria dele para que tomasse.

O trem se sacudiu em uma esquina, chiando os freios enquanto ia costa abaixo. Ela franziu o cenho pela interrupção e se deu conta de que a próxima parada era a sua.

Ao descer, empurrava junto com o resto de viajantes e logo exalou um suspiro de alívio quando saiu à rua. Seu sentido de calma durou pouco quando se virou para encontrar a sua chefa, Laura Townsend, caminhando para ela, com os braços completamente cheios com uma caixa que estava cheia de arquivos.

— Kay — gritou Laura.

Kim se encolheu. Muito tarde para escapar agora.

— É Kim — disse sem rodeios, sem preocupar-se com a correção de sua chefa porque sabia

[1] *Super secreto.*

que Laura nem sequer se deu conta de que tinha falado.

— Pode-te levar isto? — Laura deixou cair à caixa nos braços da Kim.

Kim franziu o cenho enquanto ela endireitava seu traje do Armani. Nunca poderia entender como Laura tinha conseguido converter-se em sua chefa. Tinham ido à universidade juntas e tinham entrado ainda à empresa ao mesmo tempo. Como Laura era chefa do departamento, e ela passava a metade de seu tempo fazendo mandados? Laura também tinha conseguido esquecer convenientemente seu nome, e esquecer que se conheceram.

Kim refletiu que uma posição de poder podia fazer isso a alguém. Não havia tempo para gente pequena quando está ocupada farejando aos grandes chefes.

Ajustou a caixa em seus braços e caminhou para o escritório. Era um edifício georgiano cor creme com altas janelas e portas duplas negras na entrada. Sempre tinha pensado que era formoso. Foi à metade da razão pela que tinha decidido unir-se a essa empresa. Isso e que sua amiga trabalhava ali. Entretanto, recentemente tinha mudado e não estava segura de que gostasse da borboleta em que se converteu. Era mais como uma mariposa.

Os arquivos trocaram de lado a lado na caixa enquanto subia as escadas e tratou de recuperá-los em uma melhor posição enquanto seguia Laura à entrada. O interior do edifício estava fresco, a pesada pedra trabalhava para manter o calor fora. Levantou a vista por volta das duas grandes escadas de frente a ela, desejando que os escritórios estivessem nesse piso com o resto dos sócios.

Pagou por sua perda momentânea de concentração.

A caixa deslizou enquanto um arquivo caiu da parte superior e antes de que pudesse recuperá-lo, todos se tinham dispersado pelo chão. Inclinou-se imediatamente, ficando de quatro patas e tentando encontrá-los para recolhê-los. Podia ouvir o clique impaciente dos sapatos da Laura no chão. Seu coração pulsou asquerosamente mais rápido em pânico.

Alguém lhe tocou o ombro.

— Está bem, tenho-os — murmurou ela, morta de vergonha à medida que mais pessoas se reuniam.

Moveu-se com rapidez para o resto dos arquivos, pondo-os de novo na caixa. Alguém a tocou de novo.

Ela sacudiu seu ombro para trás.

— O disse que estou bem. Fique longe de mim — quase grunhiu as palavras.

Um par de brilhantes sapatos pretos apareceram em sua vista junto com um arquivo.

Não eram sapatos de mulher.

Não eram da Laura.

— Não lute contra mim — disse uma exuberante grave e masculina voz. — Só estou tentando te ajudar.

Ficou paralisada, seu coração dançou em sua garganta enquanto olhava seus sapatos. Não podia ser. Simplesmente não podia ser. As palmas de suas mãos suavam e sua respiração se obstruiu enquanto seguiu suas calças para cima, passando pelas fortes, largas pernas e os largos ombros, tudo enfatizado por um forte terno preto a medida. Seus olhos chegaram a seu rosto e

ela ruborizou-se sob a intensidade de seu olhar.

Ajoelhou-se junto a ela, trazendo a cabeça quase ao mesmo nível que a sua, e sustentou o arquivo perdido.

Ela olhou uns olhos mel marrons, perdendo-se na força deles e incapaz de dizer nada. Todo o sentido de vergonha desapareceu por um momento, mas voltou com toda sua força quando sorriu, com seus lábios suaves curvando-se.

— Está bem? — disse, sua voz fazia com que derretesse por dentro tanto que se alegrou porque já estava no chão e não podia cair.

Ela assentiu em silêncio.

Colocou o arquivo na caixa e recolheu os outros por ela enquanto o olhava fixamente, tratando de averiguar se era real ou se estava simplesmente fantasiando de novo. Nunca tinha visto um homem tão formoso. Seu cabelo preto curto parecia aveludado como o tinha estado em seus sonhos e seus olhos eram tudo o que tinha imaginado que seriam.

Seus olhos se abriram quando de repente ficou de pé e jogou uma olhada a grande mão que sustentava seu braço. Tragou saliva e piscou, seus sentidos cambaleando-se ao recordar a sensação de seu tato. Afastou suas fantasias quando ele disse algo e ela olhava seus olhos. Ela se perdeu de novo no momento em que encontraram os seus de novo. Eram como a cor do mel, com manchas escuras em suas profundidades. Nunca tinha se dado conta de que as pessoas pudessem ter olhos dessa cor.

— Está certa de que está bem? — disse com um sorriso divertido, mas não havia o menor sinal de preocupação em seus olhos.

— Estou bem, obrigado — disse com um sorriso. Com suas bochechas coradas quando sorriu.

— Não se preocupe com a Kay. Sempre foi um pouco torpe. — Laura se interpôs entre ela e o homem.

— Kim — sussurrou corrigindo-a.

O homem sorriu.

— Não o estávamos esperando pelo menos até dentro de meia hora, Sr. Blackwell — disse Laura.

Kim tratou de não olhá-lo, mas seus olhos pareciam ignorar todas as ordens que lhes enviava. Estava impressionante. Não era só seu aspecto, era seu ar em geral. Havia algo nele que falava de perigo e paixão, de calor e sedução. Positivamente gotejava masculinidade e sensualidade.

Ou talvez eram só seus sonhos fazendo que se sentisse assim.

O quarto frio se fez de repente muito quente quando seus olhos voltaram a encontrar-se com ela. Ele estava falando com a Laura, mas Kim não ouvia uma palavra do que ele dizia. Seu coração pulsava com força em seus ouvidos. Afastou o olhar por uma fração de segundo, mas vagou de volta para ele, como se ele a tivesse chamado e ela fora incapaz de resistir.

Laura se virou para ela.

— Necessitam esses arquivos na sala dois.

Kim a olhou, sentindo-se um pouco aturdida e definitivamente confusa. Os arquivos? Olhou para baixo quando Laura o fez e viu a caixa ali. Os arquivos. Esqueceu-se por completo deles.

— Espero que Kim trabalhe em meu caso — disse o homem.

Seu coração deu um tombo quando disse seu nome. Ele a tinha escutado. Tinha ouvido quando corrigiu a Laura. Era por isso que ele sorriu? Tinha sorrido para ela?

— Kim? Ela não trabalha em casos como o seu — disse Laura com um amplo sorriso.

Kim franziu o cenho. Ela trabalhava sim em casos como o dele e Laura sabia. Se este fosse o homem que supunha ser o da reunião dessa manhã, então era um caso que se supunha que ela devia estar trabalhando. Especializou-se em negociações de contratos.

Laura começou a caminhar e ele a seguiu. Kim olhou na direção às escadas, notando a força de sua constituição e de sua altura.

Tirando os olhos de cima, agachou-se e tomou a caixa de arquivos.

Sorriu quando o ouviu falar.

— Acredito que Kim deveria trabalhar neste caso. Acredito que a necessito.

Capítulo 2

Kim se apoiou contra o corrimão do balcão da sala de reuniões e ficou olhando o pequeno jardim de baixo. Não era grande, mas era maior do que possuía a maioria dos escritórios da cidade. Era seu lugar favorito no edifício e saboreava cada momento excepcional que tinha que passar ali. Só estava agora naquele lugar porque Laura tinha recebido uma chamada no escritório e lhe tinha pedido que viesse para assistir a segunda metade da reunião. Necessitava deste momento para acalmar e se preparar se ia ter que sentar em frente a esse homem toda a tarde. Como se supunha que tinha que trabalhar com ele sem imaginar cada excelente fantasia que tivera a respeito dele? Como existia ele, um homem que caminhava e falava ser uma versão real de seu namorado dos sonhos e entrar em sua vida? Não eram mais que um sonho, não é mesmo?

O sol caía sobre o jardim de onde se encontrava no pátio do edifício, convertendo-o em um lugar pouco ensolarado. Era sufocante. Tirou-se o casaco preto limpo e desabotoou os dois botões superiores de sua blusa branca. Colocou a jaqueta em cima do corrimão de cor verde escura, apoiou os cotovelos contra ela de novo e lançou um suspiro. Estava tão tranquilo.

Fechou os olhos e levantou a cara para o sol. Esquentou-lhe imediatamente.

— É bom aqui.

Era sua voz.

Seu coração se acelerou um pouco e lhe deu um olhar. Estava encostado de costas para o jardim, com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás. O sol caía sobre sua pele bronzeada, tocando brandamente suas belas feições. Os olhos dela riscaram seu perfil, detendo-se em suas escuras sobrancelhas, no cabelo preto azeviche e sua mandíbula quadrada.

Ela sorriu quando abriu os olhos e voltou a cabeça para olhá-la.

Era estranho sentir-se tão cômoda com um cliente, um homem que só acabava de conhecer.

Endireitou-se e lhe devolveu o sorriso. Fazendo que seu coração se acelerasse e fazendo que sua boca secasse.

— Erik Blackwell — disse estendendo uma mão. — Mas pode me chamar Erik. — Ela a olhou e logo tomou quando teve seus sentidos em ordem.

Seus dedos se fecharam ao redor dos dela, sustentando-a com força, e seus olhos se dispararam para encontrar-se com os seus. Ele a olhava fixamente, com os olhos mel fixos nela de uma maneira que lhe dava vontade de ruborizar-se de novo. Seus dedos se moveram contra os seus, enviando um calafrio através dela, e ele franziu o cenho quando tomou a mão de novo.

Ela brincou com o punho de sua manga esquerda, pretendendo que havia desfeito enquanto tratava de juntar a peça posterior. Era ridículo que um simples toque de seu polegar contra o dela significasse algo. Era uma estupidez deixar que a afetasse da forma em que o fazia.

Um olhar furtivo havia lhe demonstrado que ainda a estava olhando.

— Sou Kim — disse.

— Não Kay — sorriu.

Ela se ruborizou.

— Não sou normalmente torpe... quer dizer o que... falou minha chefa. — Ela baixou o olhar outra vez e ficou olhando as plantas de cores vivas de verde no jardim.

— Eu gostaria de saber como é normalmente então, Kim.

Tragou, mas não fez nada para tirar a massa seca de sua garganta. Queria saber como era normalmente? E por que tinha que seguir dizendo seu nome? Mal podia suportá-lo, quando estava ao seu redor, como agora. Cada vez que dizia seu nome, rodando-o por sua língua com uma voz de seda, a fazia querer jogar-se sobre ele.

— Mais profissional — disse sem rodeios, tirando o melhor de si mesmo.

Pareceu decepcionado.

Ele era um cliente, e estava apenas pensando na decepção. Não havia forma que um homem como ele alguma vez realmente olhasse a uma garota como ela. Ele quereria a Laura… loira, escultural, a perfeita Laura. Ela era o suficientemente bonita para ele.

A porta da sala de reuniões se abriu e Kim se virou para ver a mulher que acabava de entrar com seu amigo Simon.

Laura lhe lançou um olhar sombrio. Kim sabia o que significava. Era uma advertência para não escorregar e envergonhar a firma, mas era mais que isso. Tinha a impressão de que Laura estava interessada no Erik como algo mais que só um cliente.

— Devemos entrar. Faz muito calor aqui de todos os modos. — Kim o olhou. Ele não mostrou nenhum sinal de mover-se. Em troca, inclinou a cabeça para trás de novo, elevando o rosto para o sol.

— Eu gosto do calor — murmurou. — Posso senti-lo em cada centímetro de mim, sinto o calor através de mim.

Estava cativada. Seu olhar se deteve em seu rosto e o sorriso sublime que estava dando ao sol. Parecia positivamente contente. Como um gato deitado ao sol. Quase preparado para

ronronar.

Ela franziu o cenho ante seus pensamentos e se disse que os homens dos sonhos eram quão únicos podiam ronronar.

— Você não gosta do calor, Kim? — disse fixando seu olhar nela.

Ela jurou por um momento que seus olhos se tornaram mais amarelos que o mel. Trocou sua atenção em suas mãos, as olhando, esperando que seu pelo explodisse.

Nada.

Disse-se que isto era real, e que os homens do mundo real não ronronavam quando os tocava, e de repente não lhes brotava cabelo de veludo preto.

— Bem, Kim? — disse. Ele estava mais perto agora, tão perto que podia sentir o calor que provinha dele. Sua voz seguia sendo um sussurro, jogando com seus sentidos e enviando seus pensamentos de novo a seus sonhos. — Você gosta do calor?

Ela olhou seu peito, olhou sua ascensão e sua queda, hipnotizada por sua proximidade.

Ela assentiu.

Ele se afastou.

Ela piscou e se voltou para o jardim, respirando com dificuldade enquanto tratava de manter o equilíbrio. Ele era um cliente, e realmente não estava interessado nela. Tinha sido só uma conversa inofensiva. Esta atração era unilateral.

Nada ia acontecer.

Saltou quando alguém lhe tocou o ombro.

— Kim? — Simon sorriu. — Está um pouco nervosa hoje.

Ela assentiu, sorrindo a seu amigo. Alegrou-se de que ele estivesse sentado nesta reunião. Esperava que ele a mantivesse em terra e ela conseguisse passar através disto sem machucá-lo.

— Só um pouco nervosa — disse.

Simon a olhou por cima do ombro. Voltou a cabeça para ver o que estava vendo e encontrou Erik observando-os.

— Parece que o Sr. Blackwell não gosta que lhe façam esperar — disse Simon com outro sorriso. — Escutei todo tipo de coisas a respeito dele. É difícil saber o que acreditar.

Antes que pudesse perguntar a Simon o que tinha ouvido dele, tinha entrado na sala, deixando-a só na varanda. Seus olhos foram atraídos para Erik de novo e descobriu que ainda olhava para ela enquanto falava com Laura.

Ao entrar na sala, pôs sua jaqueta por cima do respaldo da cadeira e abriu seu notebook. Escreveu a data no canto e o nome de Erik. Olhou-o, tendo a sensação de que havia mais de seu dono do que se via.

Só que quem era Erik Blackwell?

* * * *

Erik se reclinou em sua cadeira, fascinado com a mulher na mesa frente a ele. Estava escrevendo furiosamente, anotando nota depois de nota do que se estava discutindo. Perguntou-se se podia sentir que ele a olhava da mesma maneira que podia sentir quando ela o olhava.

Estava dando à Srta. Townsend a metade de sua atenção, respondendo a suas perguntas sobre o contrato tanto como podia e mantendo a sua garota escrevendo para poder observá-la. Houve uma pausa na discussão enquanto o homem que se apresentou como Simon se levantava, a fim de lhe oferecer um café ou chá. Ele se negou e pediu um pouco de água, com os olhos fixos em Kim. Não gostava da intimidade que ela tinha tido com o Simon quando tinha saído a varanda. Havia algo estranho nele. Seja qual seja o pensamento que Kim sobre sua relação, claramente Simon pensava que podia ser diferente.

Um copo de água apareceu diante dele e passou a língua por seus lábios enquanto olhava o fundo de cristal que prometia um fresco alívio. O calor não ia diminuir e o ar da sala estava tão quente agora que era sufocante. Tirou a jaqueta e afrouxou a gravata, mas não tinha ajudado. O cabelo na nuca de seu pescoço estava úmido pelo suor.

Simon pôs um copo frente a Kim e a atenção de Erik esteve nela de novo. Apertou seu pulso nu contra a condensação de gelo do cristal frio. Sua língua percorreu seu lábio inferior, molhando-o e seus olhos se fecharam brevemente. Quase pôde sentir seu alívio quando o frio do cristal baixou sua temperatura. Só o fez sentir-se mais quente.

Seus olhos a seguiam a cada movimento enquanto tomava o copo e o levava aos lábios. Viu o movimento de sua garganta enquanto bebia, com os olhos fechados com prazer, e logo olhou sua boca sob o cristal e se lambeu os lábios outra vez, capturando cada gota de umidade neles.

Ele agarrou seu copo e o bebeu de uma só vez, tratando de esfriar-se, mas não totalmente. Pôs o copo de volta e continuou observando Kim.

Ela, pensativa, mordia a ponta de sua caneta, suas sobrancelhas finas levantadas enquanto enrugava o nariz e olhava a folha de papel.

Não cabia dúvida de que era ela.

A atração que sentia, a forma em que reagia a ele, e sua forma. Inclusive seu aroma. Era ela. Tinha estado sonhando com ela durante tanto tempo, desesperado por seu tato e morrendo por saber quem era.

E agora a tinha encontrado.

Era mais jovem do que ele tinha esperado e parecia um pouco cautelosa com ele. Não era absolutamente como lhe disseram que seria. Supunha-se que ela devia sabê-lo. Mas então, supunha-se que também devia conhecer seu rosto nas visões, mas sempre tinha sido um mistério até hoje.

Algo estaria mau?

Preocupava-lhe que ela não reagisse como ele havia predito que o faria. Tinha-o reconhecido, disso estava seguro. Sua atitude com ele e quão aberta era a seu redor dizia isso.

Não estava atraída por ele? Não sentia a conexão?

Ele estava queimando por ela, faminto e desesperado por seu tato, não podia afastar os olhos dela mais de um segundo. Queria ver se sentia da forma em que o fazia em sonhos, se ela

tinha o sabor e cheirava tão doce como o era neles. Estava ansioso por ver se reagia a ele como o fazia ali.

Queria que o desejasse.

Ele grunhiu em voz baixa, uma chamada que só ela escutaria.

Ela abriu a boca e levantou a cabeça, dilatando suas pupilas enquanto o olhava através da mesa.

Podia ouvir seu coração acelerado, sentir seu estrondoso sangue através de suas próprias veias, enquanto cantava para ele. Vividamente recordava a disposição de suas pernas contra as suas, a forma em que suas unhas se cravaram em seus braços enquanto ela se retorcia contra ele. Recordou o aroma de seu corpo, seu suor, à medida que avançavam um contra o outro. Ainda podia sentir a varredura elétrica de seus dedos sobre sua carne nua, burlando-se dele com uma dureza tão dolorosa que havia sentido que ia explodir só se respirasse em toda sua longitude. Sustentou o olhar enquanto pensava nela; o áspero movimento de sua língua por seu pescoço, as palavras sussurradas em seus ouvidos, a forma em que seus dedos sempre se enterraram em seu cabelo, sustentando sua boca contra seu corpo. Ela piscou. Ele farejou, inalando profundamente enquanto continuava a sustentar o seu olhar, não a deixando ir. Podia cheirá-la. Ela o desejava. Desejava-o tanto como ele a desejava.

Era o destino.

Vinte e sete anos sonhando com ela, em busca dela, e agora finalmente a tinha encontrado.

Longas noites quentes passadas tentadoramente perto dela em suas visões. Incontáveis horas tocando-a e torturando seu corpo enquanto explorava o seu. Tudo havia valido a pena porque agora a tinha encontrado.

Ela tragou.

Ele sorriu.

Tinha-a encontrado, agora só tinha que lhe demonstrar quão bom podia ser estarem juntos.

De onde estava sentado, parecia que ia lhe dar muito trabalho convencê-la.

Mas podia fazê-lo.

Tinha que fazê-la dar-se conta de que os sonhos que tinham compartilhado eram só o começo.

O melhor ainda estava por vir.

Capítulo 3

Kim jogou sua bolsa no chão junto à porta e se virou para fechá-la. Pôs a corrente de segurança e acionou as travas. Com um suspiro, deixou-se cair pesadamente na sala de seu apartamento. O jantar tinha sido terrível. Tentou apagar o som de seus pais discutindo da sua mente, e notou que não foi tão difícil esta vez.

Provavelmente foi porque não tinha prestado realmente atenção neles durante toda noite.

A noite inteira estivera pensando em Erik.

Agora, não tinha dúvida em sua mente, que era o homem com que tinha estado fantasiando durante o último, Deus sabe quanto, tempo, mas ainda não se atrevia a acreditar que era real, ou compreender a forma em que se colocou em seus sonhos.

Como poderia coincidir tão perfeitamente com seu homem ideal? Sua voz, cabelo, constituição e a forma em que fazia que seu interior tremesse de paixão. Como era possível?

Esfregou as têmporas, sentindo uma dor de cabeça chegar. Era muito louco para pensá-lo. Nunca tinha sido uma pessoa que acreditasse nas premonições e em coisas loucas como essas. Tinha que haver uma explicação singela e sã, para isso. Talvez tivesse visto ele uma vez e sua imagem ficou em sua mente? Era razoável. Se o tinha visto antes, nunca teria se esquecido dele. Era um desses homens belos que ficam na mente da pessoa e fácil de recordar como eles se pareciam, mesmo depois de anos sem vê-los.

Sacudiu a cabeça e decidiu não insistir muito nisso. Em vez disso, tentou focar no trabalho enquanto abria a janela de seu quarto e começava a despir-se.

O caso ia lento. Havia tantas coisas que revisar e se supunha que deviam reunir-se com a outra parte amanhã. Não sabia nada dele. Quão único sabia era que ia ser um dia longo, e a temperatura não manifestava nenhum sinal de queda.

Sentada no quarto, o sufocante exterior era bastante mal, mas estar hoje com o Erik vendo-a como um falcão, tinha sido insuportável.

Correu as magras cortinas através de sua janela e tirou a roupa íntima, jogando-a à cadeira com ao resto de sua roupa.

Caiu na cama, suspirando enquanto saboreava a frieza dos lençóis e logo fechou os olhos.

Perguntou-se se sonharia de novo esta noite. Se o fizesse, iria ver seu rosto agora?

Sonharia com Erik?

* * * *

Erik jazia de costas, olhando a Kim enquanto se movia pelo quarto. Lambeu seus lábios, esperando que ela chegasse junto a ele, ainda com mais fome pelo seu toque que na noite anterior. Podia ver seu rosto agora, seus suaves olhos cor chocolate e seu cabelo castanho escuro. Era ela.

Ela se virou para olhá-lo com um sorriso que dizia muito sobre as coisas que ia fazer com ele, e não mostrava nenhuma pitada de temor. Deitou-se na cama, olhando seu longo corpo.

Sua camisa estava sem abotoar, e não se surpreendeu ao ver que usava a que tinha usado na reunião de hoje. A calça preta abraçava aos seus quadris à medida que sua dolorosa ereção era visível através do material.

Ela passou uma mão por seu cabelo, cantarolando em voz baixa para si mesmo enquanto caminhava para ele. Usava a blusa branca que estava hoje, e a saia curta. Estava fascinado com

seus dedos enquanto desabotoava lentamente cada botão de sua blusa, revelando-se para ele pouco a pouco.

Queria levantar-se e rasgar a camisa, mas não podia mover-se, sabia que era sua vez de estar sob controle. Ela não tinha necessidade de dizer uma palavra para mantê-lo quieto, esperando. Tudo o que tinha que fazer era lhe dirigir um olhar, um sorriso, e saberia o que quereria dele.

Ele suspirou quando ela passou a camisa por seus ombros, afastando-se dele e escondendo-se enquanto o olhava por cima do ombro. Seus quadris se balançavam sedutoramente, fazendo que seu pênis doesse por ela. Prendeu o fôlego quando ela tirou a camisa, o tecido suave movendo-se sobre sua pele suave. Não usava sutiã.

Um gemido escapou quando olhou de novo o seu rosto, seus braços cruzados sobre seu peito, suas mãos sustentando os seios. Ela se aproximou mais, ainda cantarolando uma doce melodia. A luz das velas piscava a seu redor, banhando tudo com sua cálida e dourada luz. Seu olhar desceu para sua saia e passou a língua pelos lábios quando suas mãos ficaram a vista, os dedos roçando ao longo de sua cintura.

— Acha que deveria tirar isto?

Ele assentiu com impaciência, desesperado por vê-la em toda sua glória, morrendo por estar dentro dela.

Ela sorriu docemente e começou a desfazer-se da saia.

Seus olhos vagaram por cima de seu estômago tenso com seus peitos cheios, todo seu corpo se esticou ao vê-los e só pôde pensar em tocá-los, acariciá-los e brincar com seus mamilos. Queria chupá-los com sua boca e passar horas e horas brincando com eles.

Sua saia caiu no chão com um suave farfalhar e seus olhos desceram. Franziu o cenho e grunhiu ao vê-la completamente nua. Ela era toda , com deliciosas curvas e sensualidade. Tinha que tê-la. Era uma tortura tê-la tão perto, mas tão longe.

Estendeu a mão, esforçando-se para chegar até ela.

Deu-lhe outro sorriso, cheio de simpatia, como se pudesse sentir sua dor, e em seguida, para seu doce alívio se moveu para ele de novo.

Engoliu em seco, quando ela subiu na cama arrastando-se lentamente ao longo desta. Suas mãos acariciando suas pernas, detendo-se em suas coxas e em seguida atingiu sua virilha. Fechou os olhos e grunhiu quando seus dedos brincaram com seu membro e o prazer atravessou o material de suas calças.

Ela passou as mãos por cima de sua longitude, esfregando-o até que esteve a ponto de lhe rogar que o pusesse em liberdade.

Então se deteve.

Ele a olhou, sua temperatura aumentando quando viu a fome em seus olhos. Estavam escuros pela luz, cheios de ardente paixão. Seu olhar caiu em sua boca. A curva de seus lábios pecaminosamente tentadores enquanto ela sorria, o que fez seu coração palpitar. Queria beijá-la, prová-la e esmagar seus lábios com um beijo retumbante. Queria sentir sua boca contra ele, banhando-o, mordendo-o.

O puxão no cinto e o som do fecho abrindo fez com que seu quadril fosse à sua direção.

Ele se queixou aliviado para o teto quando sua mão se moveu dentro de sua calça, percorrendo-o. A mão dela estava muito fria contra sua pele, com os dedos traçando ligeiros patrões em cima de seu duro pênis. Ele arqueou para trás, fechou os olhos fortemente enquanto tirava a calça e descia sobre as costas, deixando-a em torno de seus quadris.

Sentou em suas pernas, e ele pôde sentir seus joelhos a ambos os lados de seus quadris. Focou-se na sensação dela tocando-o. O golpe suave de sua mão por sua longitude, da ponta até a raiz, e a forma em que brincava com suas bolas, fizeram-no delirar. Gemeu seu nome, rogou-lhe que não se detivesse, que mantivesse o contato com ele, acariciando-o.

Seu cabelo fez cócegas em seu estômago e ele tentou pegar por cima deste, agarrando-o com força em um esforço por ancorar-se enquanto ela soprava sobre a cabeça de seu pênis.

Rugiu.

* * * *

Kim se sentou, ainda escarranchada sobre suas pernas e aturdida pelo que tinha feito. Olhou seu rosto, olhando-o ofegar, tratando desesperadamente de recuperar o fôlego. A fina camada de suor sobre sua pele refletia a luz, por isso seus músculos brilhavam ao respirar.

Seu olhar caiu a seu estômago e ao líquido pegajoso a cima de seu pau.

Não podia acreditar o que tinha feito.

Somente tinha soprado sobre ele, soprado ar fresco contra sua carne quente para brincar com ele, e o fez gozar.

Abriu os olhos, suas profundidades mel chamando-a, querendo olhá-los por uma eternidade.

Os músculos de sua garganta trabalhando duro enquanto tratava de engolir várias vezes.

Nem sequer sabia por que o tinha feito. Uma parte dela tinha sabido que seria sua perdição. De algum jeito, tinha-o sabido, como se o houvesse dito ou tivesse ocorrido antes.

Tomando a saia de onde estava pendurada sobre a borda da cama, limpou o sêmen de seu estômago.

Ele franziu o cenho, tomou sua saia e terminou o trabalho. Agora, ela não sabia o que fazer. Nunca tinha tido uma pausa em seu sonho como esta. Parecia tão real.

Ela acariciou brandamente seu membro amolecido. Ele se contorceu embaixo dela. Delicado.

Isto não a deteve. Seguiu passando seus dedos sobre este, e logo se moveu para diante até seguir com os patrões de seu estômago. Ainda podia sentir o resíduo pegajoso, e a suavidade de sua pele onde não o havia tocado. Ela baixou a cabeça, consciente de que seus peitos estavam roçando sua pele, enquanto que seus lábios exploravam sua carne. Os mamilos doíam enquanto se movia para cima, brincando, enquanto isso ele como ela, esfregava seu corpo um contra o outro.

Ele ronronou. Não havia dúvida de que o som baixo provinha dele. Ela levantou a vista para

ver que tinha os olhos fechados, e um sorriso sublime em seu rosto como a que estivera usando esse mesmo dia no escritório. Ela afundou ligeiramente suas unhas sobre seu peito. Suspirou. Seus músculos se esticaram baixo ela, todo seu corpo ficou tenso e duro.

Ela se jogou para trás, sua vagina pressionada contra seu pênis endurecido uma vez mais. Desceu um pouco, sentindo-o se agitar embaixo dela e gemeu quando a cabeça esfregou seus clitóris.

Ela o olhou seus olhos quando os abriu de novo, com as mãos descendo até suas coxas. O calor explodiu dentro dela, percorrendo seu corpo em um calafrio enquanto seus dedos mergulhavam entre sua perna, e seu polegar roçava os lábios de sua vagina.

Ele sorriu, sustentando seu olhar, apanhando-a no seu. Não podia afastar o olhar, não podia concentrar-se em outra coisa além de seus olhos e o tato delicioso de seus polegares que se inundavam em sua escorregadia vagina. Ele os moveu sobre seus clitóris, fazendo círculos, roçando-o e pouco a pouco a enlouquecendo de necessidade. Ela desceu frente a ele de novo, com seu membro duro para satisfazer sua fome e com seu polegar torturando-a.

Abrindo as pernas um pouco mais, lhe rogou em silêncio que mantivesse seu contato com ela, lhe dando a liberdade que ela raramente encontrou em seus sonhos com ele.

Ele fez um gesto e levantou os quadris dela, movendo a longitude de seu membro contra ela, enquanto abria os lábios de sua vulva com a outra mão. Ela gemeu e se retorceu enquanto ele punha dois dedos em seus clitóris, e esfregava lentamente.

Os dentes dela brincavam com seu lábio e queria fechar os olhos, mas não podia. Não podia fazer nada exceto olhá-lo, lhe deixando ver como a fazia sentir com apenas um toque, e sabendo que podia fazer que sentisse muito mais se estivesse dentro dela.

Ela franziu o cenho quando ele a levantou, fazendo que se ajoelhasse escarranchada sobre ele, e logo gemeu baixo quando moveu um dedo dentro dela. Ele se retirou e então facilmente colocou os dois dedos nela, fazendo-a abrir os olhos. Ela estava muito molhada e faminta por ele e estava certa de que facilmente poderia colocar mais dedos nela. Ele colocou os dedos no interior dela, bombeando lento ao princípio, mas movendo-se em um rápido, rítmico e duro movimento que fez que ela ofegasse por ele quando levou sua outra mão também ao jogo. Deu a volta e apertou seus clitóris, colocando seus dedos dentro dela.

Ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, balançando seus quadris contra sua mão, não lhe importando se se via selvagem com seu abandono. Tinha que senti-lo, tinha que sentir exatamente o que podia fazer com ela.

Abriu os olhos um pouco e o olhou, respirando cada vez mais rápido, seu coração trovejando em seus ouvidos até que esteve segura de que ia desmaiar. Cavalgava desesperadamente sobre seus dedos, seu nome saindo de seus lábios uma e outra vez até que tudo explodiu. Seu nó no estômago, seus músculos tensos, e se convulsionou para frente contra ele, sua bochecha pressionada com força contra seu peito enquanto seu orgasmo a levou longe. Seu ritmo se desacelerou a uma queda constante dentro e fora dela, tirando os últimos espasmos de seu orgasmo.

Levantando a cabeça, olhou em seus olhos, só metade consciente de seus dedos deixando-a,

de suas mãos aproximando-se para descansar em sua parte traseira.

— Isso foi... — ela respirou, não conseguindo falar, mas querendo falar.

Ele negou.

— Isto é só um sonho — disse.

Ela franziu o cenho quando uma de suas mãos a deixou e sua outra a empurrou para trás. Seu pênis pressionado contra sua entrada.

Ele sorriu.

— O melhor ainda está por vir.

Capítulo 4

Kim não se atreveu a olhar para cima quando entrou na sala de reuniões o dia seguinte. Não podia ver o Erik, não depois de fantasiar com ele como a noite anterior, e certamente não depois de levantar-se para encontrar-se a si mesma empapada de desejo e sentindo o corpo lhe formigando, como se acabasse de ter um orgasmo.

Ainda assim, tinha sido o sonho mais quente e pelo menos tinha tido alguma conclusão. Deu uma furtiva olhada à sala e levantou a cabeça quando viu que Erik não estava ali.

Os únicos ocupantes da sala com ela eram dois homens aos que não reconheceu, e Laura e Simon. Pensou que os dois homens eram a outra parte no contrato. Um deles era sem dúvida, o advogado. O traje elegante e sério e o arrumado cabelo escuro, não eram quão único o distinguiam. Era a forma em que se mantinha suspeitosamente olhando a ela e Laura, e a forma em que insistia em sussurrar tudo ao outro homem com uma voz o suficientemente forte que facilmente se pudesse ouvir.

Suas bochechas se ruborizaram imediatamente quando se abriram as portas e Erik entrou. Ela tentou sustentar seu olhar, mas tristemente não teve êxito quando lhe sorriu. Seus olhos se cravaram no chão, seu rubor passando por todo seu corpo a queimou.

Puxou a cadeira a seu lado e ela se estremeceu por dentro enquanto se sentava nela. Seu olhar foi atraído para as pernas, enquanto ele as estendeu sob a mesa. Recordou a ágil, forte sensação delas debaixo dela. Ela fechou os olhos e disse a si mesma que tinha que conseguir algo para controlar-se.

Colocando um sorriso rígido e esperando não ter que passar o dia inteiro ruborizando-se, abriu os olhos e olhou o Erik.

Ele a olhava, com seus olhos de mel intensos fazendo que ela quisesse derreter-se neles.

— Toma café ou chá, Sr. Blackwell? — disse com um ar brilhante, alegre. Sua voz sacudida, tremendo entretanto.

Ele sorriu.

— Seria bom um café. Ontem à noite passei um inferno de noite. Quase muito quente para mim.

Sentiu o rubor, mas não pôde evitar que acontecesse. Ela morreu em seu interior um pouco, sabendo que provavelmente agora estava da cor da beterraba. Ele não pareceu dar-se conta. Em todo caso, seu sorriso se alargou.

Foi arrastando os pés para conseguir um café das mesas que tinham sido postas a um lado da sala, tomou uma profunda respiração e tratou de acalmar-se. Forçou um sorriso quando Simon apareceu junto a ela, só um pouco muito alegre, mas era muito alegre para essa hora da manhã. Ela se serviu um café também, vendo-se tensa com seu sorriso falso cansado por debaixo. Ele tinha estado provavelmente na discoteca toda a noite ou o que fora que fez que o manteve insone. Havia-lhe dito ao respeito uma vez, e tinha tratado de conseguir que fora com ele, mas ela se desculpou dizendo que os clubes não eram de seu gosto.

Entregou-lhe seu café e logo olhou o outro que tinha colocado. Esqueceu de perguntar ao Erik como tomava. Ela o olhou e se surpreendeu pelo olhar que lhe estava dando ao homem frente a ela. Havia tanta ira nele, tanto ódio, que a pegou desprevenida. Por que tinha assinado um contrato com alguém a quem claramente desprezava?

Tomou um par de torrões de açúcar, envolveu-os e os pôs no prato junto com uma colher. Levou tudo pela sala, amaldiçoou a forma em que a colher se sacudiu contra a taça de porcelana, traindo seus nervos.

Pôs em frente a Erik e logo se sentou, tentando sustentar um sorriso verdadeiro quando ele a olhou.

— Esqueci-me de te perguntar como tomava. Sinto muito. Minha cabeça está em outro lugar hoje. Espero que você goste de preto. — Em silêncio se repreendeu por ser tão casual com ele, e lembrou a si mesmo que só porque lhe tinha dado um orgasmo, adormecendo a sua mente em seu sonho a noite anterior, não significava que ela o conhecia o suficientemente bem para ser tão informal.

— Eu gosto de preto — quase sussurrou as palavras enquanto o coração dela saltou e subiu até sua garganta. Inclinou-se mais para perto, descansando o cotovelo no braço da cadeira, e levando sua boca a seu ouvido. Sussurrou: — Preto é uma cor tão sensual, não te parece?

Ela engoliu em seco e assentiu sem dizer nada e se encostou de novo em seu assento. Olhou a mesa e, depois a suas mãos enquanto tomava seu café. Era fascinante ver a colher dando voltas e voltas.

Antes que soubesse, seus pensamentos se moveram à forma em que seus dedos lhe tinham acariciado assim, dando voltas e apertando-se.

Colocou de novo a colher no prato e quase gritou quando lhe tocou o braço.

— Kim? — disse em voz baixa e íntima.

Ela assentiu de novo, perdida em seus olhos.

— Eu acho que estão te buscando.

Seus olhos se abriram. Buscavam-na? Sua temperatura se elevou a do sol e sua boca se secou.

Seus dedos se moveram de seu braço, acariciando-a brandamente e fazendo-a sentir ainda mais quente.

Ele olhou além dela.

Virou-se e encontrou a Laura no extremo da mesa com as mãos nos quadris.

— Talvez devesse te conseguir um café, Kim — disse Laura em um tom agudo. — Estive tentando conseguir sua atenção durante cinco minutos.

Kim piscou várias vezes e logo deixou seu assento. Aproximou-se da cafeteira, servindo-se tanto como cabia de forma segura na taça e lhe pondo açúcar. Pensou na adição de leite, mas a voz de Erik ecoou em sua cabeça, lhe dizendo quão sensual era o preto. Fechou os olhos e apertou as coxas quando uma dor deliciosa se estabeleceu ali.

Sem leite.

O preto era sensual.

Ela tinha gostado sempre da cor preta.

Sentada atrás, abriu o arquivo frente a ela e tratou de concentrar-se em suas notas. Era impossível quando o aroma do creme de barbear que Erik usava chegou até ela, e podia sentir o calor dele tão tentadoramente perto dela.

— Podemos começar? — disse Laura, sua voz rompendo a ilusão em que Kim tinha se deslizado.

O advogado frente a ela se levantou e se esclareceu garganta. — Meu nome é Lyle McConnaughy. Estou aqui para representar a meu cliente, Alistair Blackwell, neste procedimento.

Seu olhar se moveu imediatamente ao homem sentado a seu lado. Alistair Blackwell? Voltou-se para o Erik.

— Meu irmão — disse casualmente em resposta a sua pergunta não formulada.

Ela franziu o cenho e olhou outra vez ao homem. Pôde ver o parentesco agora. Tinham os mesmos olhos cor mel, e a linha da mandíbula igual, mas seus lábios eram mais finos e seu cabelo era de cor areia quente, quase loiro morango.

Ele assentiu para ela, seus olhos reduzindo-se e a comissura da boca atirando um sorriso que ela juraria estava destinado a ser sedutor. Ela baixou o olhar a suas notas, franziu o cenho e logo tomando um gole de seu café. Seu coração trovejou.

Parecia que Erik não era o único homem que podia pô-la nervosa só com um sorriso.

Um maço de papel apareceu frente a ela. Ficou olhando as primeiras linhas, vendo o nome de Erik e o de seu irmão. Atraindo-os para ela, perguntou-se por que estava assinando um contrato com seu irmão e para que seria.

A sala ficou silenciosa enquanto todo mundo lia o contrato. Deu-se conta de que os únicos que não liam suas cópias eram Erik e seu irmão. Olhavam-se e pôde sentir a tensão irradiando deles.

Mudou sua atenção ao contrato e procurou a primeira página, folheou a seguinte e, então o olhou tudo. Havia pelo menos quarenta páginas, todas repletas do que parecia ser parágrafos sobre o uso compartilhado de bens.

Já estava na metade quando a hora de almoço foi anunciada. Passou com rapidez, fez uma pequena pausa aonde todos circulavam passando sutilezas. Ela se desculpou e foi ao banheiro, desesperada por refrescar-se. A temperatura da sala tinha aumentando à medida que o sol se

movia ao redor para cair totalmente no pátio. Todo mundo voltou a ler o contrato depois do almoço e antes que ela soubesse, quase tinha passado três quartos do caminho. A porta se abriu e alguém entrou, anunciando que mais comida estava a caminho, e logo voltou a desaparecer. Ela franziu o cenho ao seu relógio. A tarde caía.

Seu olhar se moveu de novo ao contrato e se deteve no último parágrafo que tinha lido.

Era sobre sangue.

Que tipo de contrato tinha uma cláusula a respeito de sangue nele?

Olhou para Erik, dividida entre perguntar ou não. Sabia que se supunha que fluiria com facilidade, sem fazer perguntas, acabar de ler o contrato e deixar que o assinassem, mas havia algo muito equivocado em um contrato entre duas partes que tão evidentemente se odiavam mutuamente e um contrato em que o sangue era mencionado.

Erik se virou para ela e logo ao contrato. Sabia que seu dedo estava descansando no parágrafo. Ela o olhou lê-lo, franzindo o cenho e logo olhando a seu irmão e suspirando.

— Por fim... comida — disse Alistair enquanto a porta abria. Ela o olhou. Sorriu-lhe. — Estou morto de fome.

Erik permaneceu quieto. Ela olhou a sua direita. Seus punhos estavam apertados e tremiam. Ela levantou os olhos para seu rosto e viu que estava olhando através da mesa para seu irmão.

Seus olhos se moveram para ele. Seu irmão a olhava. Havia uma fome em seus olhos que a punha nervosa. Tinha a impressão de que não morria de fome por comida.

Levantando-se, sorriu quando Erik olhou, seus olhos escuros e dizendo coisas que não se atrevia a acreditar. Sua reação não tinha nada a ver com o fato de que seu irmão tinha chegado claramente a ela. Sentiu-se agradecida pela distração quando Laura se aproximou, empurrando-a fora do caminho para poder falar com Erik. A comida ficou sobre a mesa e ela se dirigiu à cafeteira, desesperada por outra dose de cafeína. Simon abriu as portas do pequeno jardim e ela respirou fundo quando o ar frio se apoderou dela, despertando-a e levando o opressivo ar úmido da sala.

Saiu para varanda e bebeu um gole de café, agradecida por um descanso na leitura do contrato e de estar sentada ao lado do Erik. Ao estar tão perto dele se distraía muito. Não podia concentrar-se em seu trabalho quando estava perto dele.

— Parece que há algo que você não gostou no contrato — disse uma voz divertida e sentiu que alguém dava um passo para seu lado.

Muito perto.

Ela olhou os olhos de Alistair. Ele sorriu amplamente e devorou um pequeno sanduíche triangular em uma só mordida.

— O parágrafo 157 — disse ela vendo sua expressão de perto.

Ele arqueou uma sobrancelha, o sorriso permanecendo fixo em sua face, e logo se aproximou mais dela. Cheirava como o pecado… escuro e atraente.

— Você não gostaria de saber a respeito dele — sussurrou, seu fôlego fresco contra seu rosto.

Ela franziu o cenho. Definitivamente havia algo que não estava bem neste contrato. Alistair sorriu e lambeu os dentes. Havia definitivamente algo que não está bem com ele tampouco.

— Não se supõe que deva falar com o advogado da oposição. — A voz profunda de Erik agitou seus sentidos.

Virou-se para olhá-lo, ao mesmo tempo em que seu irmão o fazia. Tinha a cara mais escura que a meia-noite.

— OH... não sabia — disse Alistair inocente e apoderando-se de sua mão. Sacudiu-a, passando sua outra mão sobre a parte de atrás da dela e cobrindo-a completamente. Ele se aferrou a ela. Ela franziu o cenho de novo. — Foi agradável te conhecer. Estou seguro de que nos veremos logo.

Afastou-se e ela olhou suas costas, confusa e tentando averiguar o que tinha querido dizer. Ia estar sentada frente a ele o resto do dia e na terça-feira também. É obvio que estariam vendo-se. Ou tinha querido dizer outra coisa. Havia dito que estariam vendo mais uns dos outros. Quanto mais dela ele queria ver?

Ela olhou o Erik. Estava apoiado contra o corrimão, com os olhos fixos no jardim de baixo.

— De que fala o parágrafo 157? — Disse ela, nervosa por lhe perguntar. Tinha que sabê-lo.

— Você leu — disse.

— Mas não o entendi.

Endireitou-se, virou-se e franziu o cenho à sala. Assumiu que se dirigiu a seu irmão. Surpreendeu-se quando ele entrou, deixando-a na varanda. Fez com ela sentir frio, como se estivesse zangado com ela por alguma razão, em vez de com seu irmão.

Ela o seguiu e pôs a xícara a um lado.

— Tem algum lugar onde se possa fumar? — disse Erik perto de seu cotovelo.

— Lá está o terraço. — Ela apontou para cima e se sentiu um pouco estúpida quando sorriu. Não era como se não soubesse onde estava o terraço. Estavam na parte superior dos edifícios.

— Posso te levar ali — disse Laura com um sorriso doce.

Ele negou. — Kim tem calor.

Kim levantou as sobrancelhas quando se virou para olhá-la.

Ele sorriu e ela se ruborizou.

— Acredito que poderia tomar um ar, e talvez poderíamos discutir esse parágrafo.

Capítulo 5

Kim brincou com o punho de sua jaqueta e logo a tirou. Dobrou-a cuidadosamente e a pendurou sobre seu braço.

O elevador estava demorando muito para vir.

Erik estava de pé ao seu lado. Seu olhar se moveu por seus sapatos. Se tivesse que adivinhar, diria que eram Armani. Vestia preto outra vez. Pelo menos agora sabia por que gostava da cor. Era sensual.

Engoliu em seco com o pensamento. Que classe de cliente era tão aberto com seus

advogados? Todos os clientes que tinha conhecido eram homens de negócios formais, de grande autoridade que não lhe teriam dado a hora do dia se os tivesse encontrado na rua. Mas Erik não. Pelo contrato, podia ver que tinha dinheiro, e não só um pouco. Por que era tão diferente?

— Sinto que esteja demorando tanto, — disse ela enchendo o silêncio.

Ele deu de ombros e sorriu. Sua expressão facilmente poderia ter sido tomada para dizer que não lhe importava, mas ela não acreditava o que seu coração lhe dizia. Ele tinha acabado de ver como ela estava quente no calor da sala de reuniões é por isso que ele pediu para ir com ele.

O elevador soou.

As portas se abriram.

Ela engoliu em seco novamente e esperou que passasse antes de segui-lo.

Virou-se e apertou o botão do andar superior e respirou fundo enquanto as portas se fechavam. Ela estava bem. Respirou fundo, disse-se que tudo ia estar bem. Fechando os olhos, tratou de imaginar-se em um espaço maior que a caixa de metal pequena e estreita que agora a levantava vários andares, deixando um grande eixo vazio perigosamente abaixo para que caíssem quando os cabos se rompessem.

Seu coração começou a correr.

Não ajudou que pudesse sentir Erik perto atrás dela, só um pouco a sua direita.

Suas mãos tremiam. Era uma estupidez. Não deveria ter mencionado o elevador. Deveria lhe haver dito que teriam que tomar as escadas.

Levantou a vista e jurou que podia ouvir o barulho dos cabos do elevador diminuir bruscamente passado um andar. Então, seu pior pesadelo passou. Parou.

Ela olhou com olhos arregalados para as paredes do elevador, tentando sentir se ele ainda estava em movimento, desesperada para se convencer que era.

Ela sorriu com voz trêmula por cima do ombro a Erik.

Ele franziu o cenho.

— Ele faz muito isso — chiou ela e depois limpou a garganta, tentando não deixá-lo ver o seu medo.

Deu um passo para ela, frio e sereno e aparentemente nada incomodado com o fato de que eles estavam presos em uma caixa de metal opressivamente quente a ponto de despencar para uma morte prematura.

E tudo o que pôde pensar foi beijá-lo, porque se ia morrer, queria saber o que realmente se sentiria antes de morrer. Morreria feliz então.

Ele roçou ela, pressionando o botão de alarme, e logo deu um passo atrás. Um pequeno ruído chiado escapou de sua garganta novamente. Ele sorriu tranquilamente, como se tivesse visto quão assustada estava.

— Vai se mover de novo logo. Já o verá — disse com voz profunda e tranquila.

Ela assentiu e se aferrou a essas palavras e ao som de sua voz. Acalmou-se por um momento.

E então o elevador se moveu. Não foi tanto um movimento, mas sim como um estremecimento. O metal se sacudiu por cima dela. Seu coração se acelerou a toda marcha.

Seu peito se sentia apertado enquanto lutava por respirar com normalidade. Tratou de devorar o ar, mas só lhe ressecou a garganta, o que o fazia impossível respirar. Olhou Erik, com os olhos arregalados, e todo seu corpo tremeu enquanto entrava em pânico.

Em qualquer momento, estavam indo para a morte.

— Está bem? — disse inclinando a cabeça, parecendo preocupado.

Ela assentiu, mas logo se converteu em uma sacudida de cabeça.

— Eu não gosto de elevadores. — Ela conseguiu espremer as palavras. Sua voz soava incrivelmente baixa e apertada em seus ouvidos.

— Deveria ter me dito isso. — Apertou o botão de alarme de novo. Várias vezes.

— Poderíamos ter pegado as escadas.

Agora era muito tarde, pensou. Agarrou-se à parede quando o elevador se estremeceu de novo.

— Fica preso todo o tempo — disse mais para acalmar a si mesma que para informar-lhe. — O tempo todo. Estão sempre recebendo engenheiros para arrumá-lo. É tão velho... provavelmente tão antigo quanto à construção. Merda. — Apertou ainda mais a parede e fechou os olhos, tentando não pensar na longa queda e o fato de que ia morrer sem beijar o homem que estava no estúpido caixão de metal com ela. — OH, meu Deus... OH meu Deus... Deveria haver dito algo. Sempre ficava preso. Sempre. OH Deus.

Umas mãos mornas estavam em seus ombros e ela saltou. Seus dedos se fecharam ao redor dela, abraçando-a, fazendo com que seu coração pulsasse mais rápido e sua respiração piorasse.

— Olhe-me, Kim. — A voz de seu chamado era baixa e melódica, seu tom lhe dizendo que deixasse de lado seu medo e se ancorasse a ele, que acreditasse na calma que o fazia sentir. — Abre os olhos e me olhe.

Abriu-os um pouco, incapaz de fazer qualquer coisa além de obedecê-lo. Estava inclinado, curvado para baixo para que seu rosto estivesse ao nível do dele. Olhou-o nos olhos, lhe pedindo que fizesse com que tudo se vá, para que se perdesse neles e esquecesse o mundo a seu redor. Tragou de novo. Tinha a garganta tão seca.

Ressecada. Sentiu que lhe colocava os polegares sobre os ombros.

— Ouça — suspirou e abriu os olhos um pouco mais. Sorriu. — Aí está. Continue me olhando. Entendido?

Ela assentiu, desejando que a adrenalina em suas veias fosse à única razão pela que estava tremendo. Seu controle sobre ela se apertou e tremeu ao sentir o mesmo. Fechou os olhos um pouco, centrando-se na sensação de suas mãos sobre ela. Podia mover-se a seu mundo de fantasia. Nada disto existiria ali. Houve sempre apenas ele, nesse quarto.

— Me olhe — disse ele e ela voltou a abrir os olhos por completo.

— Tudo vai estar bem. Vamos estar bem. Nada mal vai acontecer. Vai mover-se de novo em um minuto. De acordo?

Ela assentiu de novo.

— Não vou deixar que nada te aconteça. Respira.

Surpreendeu-se quando se afastou dela, suas mãos deixaram seus ombros. Tratou de dar a

volta para enfrentar ele, presa do pânico que estava de algum jeito desaparecendo, mas ele a agarrou de novo pelos ombros e deu um passo para trás dela.

— Te concentre em sua respiração — sussurrou-lhe perto de seu ouvido.

Sua visão desfocada flutuou enquanto seus dedos pressionavam seus ombros, aplicando uma pressão suave a seu tenso corpo. Ela fechou os olhos, sua boca abrindo-se enquanto se perdia na sensação da massagem sobre seus ombros. Não podia acreditar o que estava acontecendo. Talvez tinha ido para seu mundo de fantasia, depois de tudo.

Em algum lugar a Kim real e Erik gritavam enquanto o elevador caía e se estrelava contra o chão, esmagando seus corpos. Mas aqui, na fantasia da Kim, Erik do sonho estava lhe dando uma massagem nos ombros, e o estava divino.

Seu polegar pressionava com força contra sua espinha, afrouxando-a e fazendo-a querer fundir-se nele. Queria inclinar-se para trás e sentir seu corpo contra o seu. A temperatura no elevador pareceu elevar-se, convertendo-se em um pouco quase insuportável.

Ela manteve sua atenção fixa nele, deixando fora os pensamentos de pânico e fingindo que estavam de volta nessa sala.

— Isso mesmo, simplesmente relaxe — disse atrás dela.

Era tão fácil quando estava fazendo isso, seus peritos dedos desfazendo todos os nós deixando-a líquida sob seu toque. Sentia-se tão bem. Muito bem.

Disse-se que era um cliente e isto estava mal em muitos níveis, mas no fundo de seu coração, não lhe importava.

— Sente-se melhor? — Soprou perto de seu ouvido.

— Mm hmm. — Sorriu preguiçosamente, seu coração golpeando fortemente contra seu peito.

Ela se jogou para trás um pouco para conseguir estar mais perto dele. Tinha morrido e tinha chegado ao céu.

— Segue respirando assim. Está fazendo muito bem.

Uma gota de suor lhe correu pelas costas. E soprou em seu rosto, tratando de que se esfriasse. Foi incrivelmente quente. Seus dedos se moveram aos botões de sua camisa branca engomada e desabotoou um par, desesperada por um pouco de alívio.

Ela ofegou em silêncio quando suas mãos se moveram, a pele de seus dedos acariciando sua pele nua enquanto lhe tirava a camisa por seus ombros o máximo que podia. Ela mordeu os seus lábios e franziu o cenho ante a sensação de suas mãos sobre ela, as palmas das mãos e sua massagem, tentadora brincando com ela. Seu estômago se apertou, palpitando com desejo, com fome dele. Apertou as coxas, o umedecimento em suas calcinhas.

Muito quente.

Abriu os olhos e viu o elevador. O pânico se elevou dentro dela outra vez, esmagando a calma e fazendo-a sentir ainda mais quente enquanto as paredes pareciam fechar umas polegadas.

— Não posso respirar — sussurrou com o que sua mão ia para sua garganta. — Muito quente... não posso respirar.

— Fecha os olhos Kim — disse, sua voz ainda fria e serena. — Concentre.

Ela o fez, fechou os olhos com força e vontade própria para centrar-se em suas mãos. A forma em que as pontas de seus dedos pressionadas em sua carne a fez sentir dor por dentro, e a forma em que seus polegares roçaram suas costas nuas, fazendo que seus joelhos quisessem dobrar-se.

Um calafrio a percorreu quando tirou o cabelo de seu pescoço com uma mão, seus dedos acariciando-a enquanto com a outra mão seguia lhe massageando os ombros. Outra onda a formigou, repartida quando explodiu contra seu pescoço, refrescando-a. O arrepio levantou seus cabelos e seus mamilos se elevaram. Podia senti-lo perto atrás dela, quase a tocando. Soprou em seu pescoço e ela suspirou. Era tão frio, mas a fazia queimar por dentro.

Definitivamente tinha morrido e foi para o céu.

O elevador se sacudiu e zumbiu enquanto começava a mover-se de novo.

Erik olhou Kim e lentamente tirou suas mãos quando ela se virou para ele.

Sua expressão de assombro com olhos arregalados não fez nada para aliviar a culpa que sentia sobre suas ações. Tinha sido tão vertiginoso tocando-a, perdidos em seu momento íntimo roubado, que se tinha esquecido de si mesmo e onde estavam. Isto não era seu sonho. Este era o mundo real e se cometia um engano aqui, podia perdê-la para sempre.

Deu um passo atrás, lhe dando um pouco de espaço enquanto ela abotoava a camisa de novo e olhava para todas partes, exceto a ele. Queria dizer algo, mas não tinha as palavras adequadas. Brincou com sua jaqueta, alisando da mesma maneira que tinha brincado com a camiseta de manga de ontem. Desejava saber o que ela estava pensando. Tudo o que queria era um sinal de que não tinha arruinado as coisas.

O problema era que ela estava tão tentadora neste momento, que seus instintos lhe faziam atuar precipitadamente.

Isso e seu irmão.

Queria grunhir quando pensava na maneira em que Alistair tinha paquerado abertamente com ela. Alistair sabia. Se o tentava, seria capaz de senti-la tão claramente como ele o fazia. Kim era dele.

Dele e unicamente dele.

O elevador se deteve e abriu de repente as portas.

Observou Kim sair e logo suspirou enquanto a seguia. Tinha que pensar em uma maneira de fazer as coisas adequadas entre eles de novo. Amaldiçoando seu irmão por lhe fazer atuar da maneira que o tinha feito, seguiu Kim a um estreito lance de escadas e logo para fora sobre o terraço.

O ar frio o banhou, levando parte de sua tensão. Fechou os olhos para tirar o máximo proveito da sensação. Era tanto seu alívio depois da aproximação no elevador. Deu um breve olhar para Kim e depois caminhou ao longo do terraço. O conjunto de Londres se expunha diante dele, brilhando pelo calor. O sol batia, lhe esquentando as costas enquanto caminhava. Não sabia por que tinha pedido um lugar para fumar.

Não fumava.

Seu irmão tinha lhe conduzido a loucura por atrever-se a lhe falar com Kim e ele se sentiu obrigado a afastá-la dele. Fumar parecia à desculpa mais sensível. Não pensava que retornar à sala e anunciar que gostaria de passar algum tempo a sós com sua companheira teria sido bem recebido.

Olhou-a através o terraço. Estava ainda de costas para ele, a brisa que soprava movia seu cabelo ao redor e fazia que suas roupas dançassem. Perguntou-se o que estava vendo e caminhou para ela. Mantendo a distância, ficou no lugar em que estava. Era a BT Tower.

Ela o olhou por cima do ombro, sua expressão continuava um pouco surpresa e confusa. Sua boca abriu um par de vezes, mas não disse nada. Talvez não sabia o que dizer tampouco.

Dando-lhe um pouco de espaço, andou ao longo do teto outra vez tentando clarear sua mente e encontrar uma forma de desculpar-se com ela e arrumar as coisas.

Ele respirou fundo e suspirou enquanto se dirigia de novo para ela. Ela se aproximou mais da borda e olhou para baixo, à rua. Ele olhou ali, vendo os ônibus vermelhos e os táxis pretos lutando pelo domínio. As pessoas pareciam pequenas. Um carro de polícia acelerou, suas sirenes cortando o calor e chegando até eles.

— Afaste da borda Kim — disse ele e ela o olhou. — Me deixa inquieto.

Ela se afastou e logo franziu o cenho. Voltou a olhar a borda e logo para baixo, para seus pés. Conhecia seus pensamentos agora. Ela obedeceu sem sequer pensar nisso. Tudo era tão confuso para ela agora mesmo.

— Sinto-o por como atuei. Passei do limite —começou ele e logo passou a mão pelo cabelo.

O cabelo na nuca de seu pescoço estava empapado de novo. Não era o único que tinha ficado muito quente no elevador. Lançou-lhe um olhar que dizia que tinha sua atenção. — Normalmente não sou assim com as mulheres.

A atenção dela voltou para a cidade.

— Eu gostaria de saber como é normalmente então, Erik. — Ela perfeitamente fez eco de suas palavras ontem.

Ele se surpreendeu que ela se lembrasse delas.

— Mais profissional — disse com um sorriso.

Ela o olhou de novo, dentro de seus olhos, seus marrons quentes olhos em busca de uma explicação.

— O que diz o parágrafo 157? — disse de repente.

Agarrou-o com a guarda baixa e franziu o cenho. Esqueceu-se do maldito contrato e a cláusula que lhe tinha chamado tanto a atenção em algo que não entenderia.

Olhou a cidade. O sol já estava começando a baixar. Em poucas horas, estaria escurecendo.

— Vêem jantar comigo — disse sem olhá-la. Sentiu-a aproximar-se e seu olhar se moveu para onde ela estava de pé. — Permitiria isso? Para que pudesse te pedir desculpas apropriadamente?

Ela negou. — Isso realmente não é necessário.

Levantou uma sobrancelha, perguntando-se se o jantar não era necessário ou a desculpa dele. Ele não tinha que desculpar-se por algo? Claro, ela estava cheirando como se estivesse

excitada e sentido a fome nela tão primitiva como a sua própria, mas tinha tomado vantagem de seu pânico.

— Insisto — disse ele, aproximando-se dela.

Ela não se afastou. Ficou olhando-o nos olhos. Maldita seja era formosa. A cálida luz do sol banhava sua pele, convertendo-a em ouro e brilhantes. Tinha os lábios rosados e suas bochechas estavam vermelhas pelo calor. Suas pupilas estavam dilatadas enquanto o olhava. Podia sentir o desejo nela, sabia que queria render-se a ele e dizer que sim.

— Realmente não posso — disse com voz tensa. — Você é um cliente.

— Podemos falar sobre trabalho e nada mais, só sobre este parágrafo. — Ele deu outro passo para ela.

Ela respirou profundo. Podia ver a indecisão em seus olhos. Sentia-se como o diabo, tentando-a com seu pecado, em vez de fazê-la sair para que jantasse com ele.

— O que significa? — disse com a incerteza em seus olhos cada vez mais cheios de curiosidade. — Sei que este contrato é para ser sem perguntas, mas posso sentir que há algo errado nele.

— Vêem jantar e lhe explicarei isso.

Ela abriu a boca.

A porta do terraço abriu com um chiado e Simon apareceu. Caminhou rapidamente para eles. A atenção de Kim foi roubada por ele, mas Erik notou que não se via aliviada de ser resgatada por seu amigo.

— Graças a Deus que está bem. Fiquei sabendo do elevador. Está bem? — disse Simon quando se virou para ele.

Ela assentiu e Erik notou seu olhar atravessar ele. — O Sr. Blackwell foi maravilhoso. Realmente cuidou de mim.

— É bom sabê-lo. Alistair Blackwell deu por terminado o dia. Disse algo sobre uma reunião breve depois de que recebeu uma chamada que parecia ser uma mulher gostosa. — Simon sorriu.

Erik franziu o cenho. Seu irmão não tomava nada a sério exceto às mulheres.

— Quer que te leve para casa? Não quererá ir de metrô hoje. Estará terrivelmente quente.

Simon a puxou pelo braço, fazendo gestos em direção a porta enquanto seus olhos percorriam a Kim.

O coração de Erik se afundou quando Kim se afastou, deixando que Simon a escoltasse até a porta. Olhou para ele enquanto a alcançava, lhe dando um pequeno sorriso. Ele soube o que significava. Se tivessem tido um pouco mais de tempo a sós, poderia havê-la convencido de jantar com ele.

A porta se fechou.

Ele a olhou um momento.

Um fim de semana longe dela, e agora com o Alistair farejando.

Fechando os olhos, jogou a cabeça para trás e rugiu ao céu.

Capítulo 6

O calafrio que dançou pelas costas de Kim fez com que parasse na escada. Olhou para trás, à porta acima dela, a que levava a andar inferior do terraço. Jurou que havia sentido algo, ou escutado algo que vinha lá de cima. Algo que lhe tinha feito sentir dor de estômago e de coração. Sacudindo-o, disse-se que era ridículo. Era só a culpa por deixar Erik de pé no terraço como o tinha feito. Não soube mais o que fazer. Uns segundos mais a sós com ele e teria estado de acordo com sua proposta de jantar.

Ela desejou jantar.

Seu sentido lutou com seu coração, lhe dizendo que tinha feito o correto. Ele era um cliente. Não podia envolver-se com ele, não importava quão interessado parecesse.

Seu coração lhe perguntou o que era de pior que poderia vir acontecer ao ser apanhada com ele. Teria perdido seu trabalho com certeza, mas teria valido a pena por somente um beijo lento dele.

— Algo está mal? — A voz de Simon a sacudiu de seus pensamentos.

Ela sorriu e começou a caminhar pelas escadas de novo, ainda não era capaz de superar o que aconteceu no elevador ou inclusive o terraço. Não tinha acreditado quando Erik começou a lhe pedir desculpas. Se tivessem ficado presos no elevador muito mais tempo, teria sido ela a que teria que pedir desculpas. Tinha estado a uma fração de segundo de distância de virar-se e beijá-lo. Tinha perguntado se gostava do calor. Havia tanto calor vindo dele, e saindo dela quando a tocou, que se podiam sentir mais quentes que o sol. Gostava do calor. Seu calor.

Não escutou o Simon enquanto caminhavam pelas escadas, seus pensamentos se mantiveram firmes em Erik. Por que não aceitou sua oferta? Poderiam ter mantido estritamente nos negócios e ela não haveria se sentido presa em seu apartamento vendo televisão sozinha esta noite. Ficar sentada frente a ele a noite inteira não teria sido nada menos que um sonho.

Ela sabia que não havia nenhuma possibilidade de aceitar agora. Inclusive se o via na sala de reuniões quando pegasse suas coisas, haveria outras pessoas ao redor. Não podia caminhar até ele e lhe dizer que adoraria jantar com ele e se ele se importaria muito se fosse servido em seu corpo nu e que estava autorizado a utilizar sua boca?

Simon abriu a porta para ela quando chegaram ao primeiro andar. Ela sorriu enquanto caminhava junto a ele e logo piscou quando se encontrou cara a cara com o Erik na porta do elevador quando este se abriu.

Ele sorriu, mas não o mostrou em seus olhos. Estavam escuros e vazios. Ela o viu caminhar pelo corredor, tomando nota de sua constituição e o quente que se via inclusive da parte posterior. Ele desapareceu na sala de reuniões e suspirou, seus ombros trementes.

— Está definitivamente fora do espírito — disse Simon, enquanto a ultrapassava. Voltou a olhá-la com um sorriso ainda preso a sua face.

Ela se encolheu de ombros e mentiu sem pestanejar.

— O jantar de ontem à noite com meus pais. Sabe que sempre me esgota.

Soava como uma desculpa perfeita para seu atual miserável estado de ânimo. Por que não havia dito que sim? Virtualmente lhe tinha rogado jantar com ele. Nenhum outro homem no planeta lhe havia inclusive pedido que jantassem, e muito menos lhe tinha suplicado.

Ela foi diretamente à sala de reuniões e agarrou sua bolsa, sem atrever-se a olhar para Erik.

Ele estava perto dela enquanto colocava suas coisas em sua maleta. Seria tão fácil para ela sussurrar "sim" para ele.

Seu coração pulsava asquerosamente rápido em sua garganta e antes que as arrumasse para encontrar sua voz, tinha saído pela porta.

Fechou os olhos um momento e se acalmou. Provavelmente era o melhor. Realmente necessitava este trabalho. A voz em sua cabeça lhe disse que o necessitava mais.

— Vamos? — disse Simon passando sua bolsa por cima do ombro.

Ele seguia sorrindo. Que demônio fazia com que sorrisse todo o maldito tempo?

Ela assentiu e o seguiu, contente pelo ar fresco quando saiu à calçada frente ao edifício. Isso lhe levantou o ânimo um pouco, fazendo que o mundo parecesse um pouco mais brilhante. Disse-se que veria Erik na segunda-feira e na terça-feira.

E então estaria fora de sua vida.

Franziu o cenho na calçada, olhando fixamente as rachaduras desta, enquanto caminhava ao lado do Simon para seu carro. Não podia permitir que Erik simplesmente entrasse em sua vida dessa maneira e logo desaparecesse.

Uma porta se abriu diante dela e se deu conta de que tinham chegado ao carro do Simon. Jogou-lhe uma olhada. Era nada menos que um símbolo de status, um Jaguar XK vermelho brilhante. Sempre muito polida, quão suficiente podia ver-se a si mesmo nele.

Ela olhou a si mesma.

O que Erik via nela?

O cabelo murcho lhe pendurava dos ombros, uns olhos apagados a olharam de volta.

Mas tinha que ter visto algo nela. A forma em que a havia tocado no elevador. A suave carícia de seus dedos em seu pescoço e seu fôlego fresco jogando com sua pele. As palavras tranquilizadoras. O fato de lhe ter dito que não permitiria que nada lhe acontecesse. Tudo isso a fez acreditar que gostava, que via algo que não era uma mulher perto dos trinta quando a olhava.

A buzina soou e ela sorriu para Simon. Caiu no assento do acompanhante junto a ele, apertou o cinto de segurança e pôs sua bolsa em seu regaço. Perguntou-se que tipo de carro conduziria Erik.

Provavelmente era preto.

O preto era sensual.

A julgar pela forma em que atuava e se via, o carro tinha que ser elegante, preto e sexy, e teria que fazer um inferno de ronrono.

Simon ligou o carro.

— Cara, está muito distante hoje. — Riu para ela e ligou o rádio.

Ela se moveu um pouco para poder ouvir-se pensar, então olhou pela janela.

— Simon — disse enquanto saíam do fluxo principal de tráfico.

— Hum?

Detiveram-se em um semáforo. Um táxi tratou de meter-se na faixa de ônibus para furar fila. Esperava que as câmaras de trânsito tivessem capturado isso.

— O que é que ouviu falar do Erik Blackwell? — Não se atreveu a olhá-lo, mas soube que a estava olhando.

A luz trocou para verde e pôs seu pé no acelerador.

— Só rumores, especulações desagradáveis, esse tipo de intrigas sujas. — Estava sorrindo quando ela o olhou.

Às vezes não sabia por que eram amigos. Sempre estava escorregando entre atuar como um moço, molesto sarcástico e, definitivamente, presunçoso, e ser um bom tipo.

Desejou que fosse mais um bom tipo e menos um garoto. Desde o verão passado, tinha estado agindo estranho ao seu redor, como se pensasse que ela estaria impressionada com o carro novo e a nova imagem, e sua nova atitude irritava.

— Como o que? — disse com indiferença, agindo como se fora nada mais que um interesse passageiro.

— Como mulheres com as que esteve saindo que misteriosamente se ferem por uma coisa. Sempre há algum tipo de acidente. Montanhismo, caminhadas ou montar a cavalo... sempre... e não apenas as estatísticas médias daqui. Parece que cada garota que visitou a casa da família foi ferida de uma maneira ou outra. Uma delas foi mutilada, inclusive.

Não gostou da alegria com a que Simon disse a última frase. Ela franziu o cenho ante o painel.

— Está certo que é ele? — Seu coração estava ameaçando saltar pela garganta se Simon dissesse que definitivamente todas as histórias cobriam Erik.

— Bom — disse Simon, sustentando as palavras tanto tempo que dava a sensação antes mesmo de terminar a frase que não podia provar nada do que tinha ouvido. — Poderia ser seu irmão, suponho. Não me tinha dado conta de que tinha um. Todo mundo só se refere às pessoas como Blackwell.

Erik não lhe parecia como o tipo de homem que quereria ser conhecido simplesmente por seu sobrenome. Soava libertino. Definitivamente o tipo de coisas que Alistair sim se faria chamar.

— Erik parece o suficientemente bom — disse encolhendo-se de ombros, casual como qualquer outra coisa.

Simon riu.

— Agora é Erik?

Ela se ruborizou e olhou a pequena flecha verde no painel frente a Simon piscar quando lhes indicou que seguissem, girando à direita.

— Ele me disse que o chamasse assim.

— E agora chama? — Virou o carro outra vez e logo se deteve em outro semáforo. Inclinou-se para ela. — Escuta, Kim não te envolva. Só vai terminar ferida também.

— Não estou tão segura — disse ela e o carro se afastou de novo. Alegrou-se que Simon não estivesse mais perto dela. Tinha tido bastantes homens invadindo seu espaço pessoal hoje sem ser

convidados. Viu o carro diante deles. — Convidou-me para jantar.

— O que fez o que?

O carro se deteve bruscamente. Simon estava de repente muito perto dela. Parecia mortificado.

— Espero que lhe tenha dito que não. É um cliente.

— Disse que não. Não sou uma menina. Conheço as regras, Simon. — Ela olhou pela janela do passageiro e viu que não estavam mais que a umas portas de seu apartamento. Soltou o cinto de segurança. — Obrigado pela carona.

Sua mão em seu braço lhe impediu de sair. Ela o olhou, e logo a seus olhos, franzindo o cenho.

— Sinto muito... só estou um pouco preocupado de que este tipo te seduza ou algo. Não quero ver que te machuque — sussurrou com um sorriso zombador na comissura da boca. Suas sobrancelhas se levantaram e tirou seu braço. — Posso entrar?

Esfregou as têmporas.

— Esta noite não. Tenho uma dor de cabeça infernal. Só quero um banho e dormir decentemente um pouco. — Sorriu e desceu do carro.

Deu-lhe uma despedida amável enquanto tomava a mão, mas ele não estava nada contente. Esperava que ele não estivesse indo contar para Laura o que lhe havia dito. Não queria que Laura conseguisse seu caso.

Passando a alça de sua bolsa sobre o ombro, tomou suas chaves e subiu os degraus a seu apartamento. Abriu a porta e entrou, correndo pelas escadas tão rápido como pôde.

Um copo de vinho, uma boa comida, um pouco de televisão e uma longa pausa na banheira. Isso faria que tudo estivesse melhor.

Recordou a sensação dos dedos do Erik enquanto massageavam seus ombros. Talvez devesse ficar ensopada e tomar uma primeira bebida, jantar e ver um filme só mais tarde.

Poderia utilizar um pouco de tempo para pensar.

Não havia muito em que pensar.

Ao entrar em seu apartamento, jogou sua bolsa no chão e fechou a porta. Chutou acidentalmente sua bolsa e apertou os dentes em sinal de frustração quando caiu, dispersando parte de seu conteúdo no corredor.

Agachou-se e pôs de novo tudo em seu lugar, detendo-se quando viu o contrato. Tirou-o e ficou olhando-o. Distraidamente fechou os fechos da porta, pensou na maneira em que tanto Alistair como Erik haviam atuado quando tinha mencionado o parágrafo. Entrou na cozinha, folheando as páginas até que o encontrou, e o leu enquanto abria o refrigerador.

Tirou uma garrafa de vinho rosé, colocou ao lado e logo tomou um copo do armário.

Pôs o contrato ao lado da garrafa e leu o parágrafo de novo enquanto desarrolhava o vinho.

Que tipo de contrato mencionava doações de sangue nele?

Especialmente doações de sangue para meninos. Alistair teria filhos? Se o fizesse, ela apiedou-se por ele e sua mãe. Tinha a impressão de que só se preocupava com si mesmo.

Serviu-se um copo grande de vinho e o levou com ela através da sala ao quarto.

Olhando a palavra sangue, perguntou-se por que ambos os homens tinham estado tão nervosos a respeito.

Alistair tinha escondido melhor que Erik, mas o clima tinha estado ainda ali. Nenhum dos dois queria que ninguém tivesse perguntado por isso.

Erik teria falado realmente sobre ele se tivesse saído para jantar com ele?

Pôs o copo de vinho ao lado da banheira e colocou o plugue no ralo. Deixou correr a água, tirou a roupa e se sentou na borda da banheira. Sustentou sua mão sob a água, deixando-a correr por cima de seus dedos e logo os moveu criando um tamborilar suave sobre sua pele. Ficou olhando o contrato.

Ele havia dito que ia contar lhe tudo sobre ele e acreditava. Ele tinha parecido tão desesperado por fazer as coisas bem com ela e esse olhar que lhe tinha dado quando foi embora com o Simon, era como se lhe tivesse quebrado o coração ao rechaçar sua oferta.

E essa sensação na escada.

O que tinha sido isso? Não tinha sido só o estremecimento involuntário de costume. Havia sentido algo. Ela sentiu-se atraída a olhar para a porta. Queria voltar para o terraço e para Erik.

Fechou os grifos da banheira quando estava cheia e atirou alguns sais de banho dentro. Sustentando o contrato se acomodou no assento fechado do sanitário, deu-lhe um último olhar e logo se afastou. Deslizou-se na água quente, gemendo já que imediatamente aliviou seus músculos. Sentia-se tão bem, quase tão bem como no elevador com as mãos de Erik. Sua massagem tinha sido inofensiva. A forma em que a havia tocado tinha sido tão sensual, eletrizante. Quando lhe tinha aberto a camisa e a tinha acariciado, tocando sua pele nua, havia-se sentido como se tivesse caído para morte no fosso do elevador e tivesse sido transferida para o céu.

Suspirou e fechou os olhos, concentrando-se no eco de seus dedos contra sua pele e desejando que estivesse aqui com ela, nu na banheira. O que não daria para que isso acontecesse.

Recolhendo seu vinho, tomou um longo gole e inclinou para trás a cabeça no travesseiro de banho dela. Suspirou e sorriu ao pensar nele.

O que estaria fazendo neste momento? Estaria jantando com outra pessoa?

* * * *

Erik ficou olhando o pôster no restaurante. O Ivy. Era a escolha perfeita. Óbvia, também.

Melhor ainda para ele, entretanto.

Entrou e ignorou à mulher da recepção quando viu sua pressa. Dirigiu-se diretamente a eles. Levantaram a vista enquanto se aproximava. Uma expressão escura apagou o sorriso de sua cara.

Um restaurante, e as pessoas ocupadas como o Ivy, era um lugar perfeito para uma briga com seu irmão. Belamente público. Não havia forma na Terra de que Alistair se atreveria a atacá-lo diante de todas estas pessoas.

Ele caminhou para ele, fazendo caso omisso do olhar que a mulher loira sentada frente a seu irmão lhe deu.

Detendo-se frente a Alistair, olhou-o fixamente aos olhos. Entrecerrando-os.

— Mantém-se afastado dela. — A voz de Erik era como um sussurro mortal.

Alistair sorriu.

Seu encontro pareceu um pouco chateada.

— Querido irmão, não entendo o que quer dizer. Fui puramente falar de negócios. — Alistair continuou com seu sorriso. Recostou-se em sua cadeira, casualmente passando um braço sobre as costas dela.

Erik podia ver nos olhos do Alistair quão nervoso estava. Não escondia nada. Havia ira e violência em suas profundidades cor amarelada. Disse-se que Alistair não se atreveria a mudar frente a todas estas pessoas. A ira não era pela acusação ou a interrupção, era porque estava arrastando isto aos olhos em público. Os paparazzi se encontravam fora, revestindo as janelas. Não havia dúvida de que seu argumento teria uma menção nos jornais de amanhã.

— Não te servirá de nada mentir, Alistair. Posso cheirar tudo sobre isso. — Erik endureceu seu olhar.

Alistair ficou pé, endireitou-se e lhe deu um olhar de arrogância pura. A sala inteira estava olhando-os agora.

Em silêncio.

Estavam provavelmente ofegando lutando por sair, mas Erik não ia deixar que chegasse tão longe. Cansou-se das tentativas de seu irmão por dominá-lo. Já era hora de que Alistair se desse conta de que não só era mais jovem que ele, mas também mais fraco também.

— Tirou-me a companhia — grunhiu Alistair.

— Não o fiz. — Erik se endireitou em toda sua estatura. Era só um par de centímetros mais alto que Alistair, mas era suficiente para mostrar domínio sobre ele. — Foi o desejo de mamãe em sua morte. Não quero a maldita empresa, mas que me amaldiçoem se for me tirar tudo.

Alistair sorriu.

— Oh, mas o farei.

Ao Erik não gostou do tom sarcástico da voz de Alistair e o brilho de seus olhos. Erik deu um passo para ele, olhando-o.

— Se a tocar — sussurrou-lhe em voz baixa, ameaçando-o. — Se tão somente puser um dedo sobre ela... matar-te-ei.

Alistair ainda sorriu. Em todo caso, mais amplamente.

— Quem disse algo a respeito de pôr meus dedos nela? — disse.

Erik grunhiu em voz baixa. Ele sabia tudo sobre os sórdidos desvios sexuais de Alistair. Era perverso, mudando na metade das relações sexuais que tinha com as mulheres.

— É um filho da puta doente, Alistair. Mantém afastado dela. Digo-o a sério. — Sua mandíbula se esticou, com o cenho franzido a seu irmão.

O sorriso de Alistair se converteu em um sorriso malicioso, a cabeça movendo-se ligeiramente para um lado.

— Devolva a companhia — disse, suas palavras faladas com doçura que não cobriam o desprezo em seus olhos.

— Dê-me a casa — replicou Erik.

— Não — disse Alistair categoricamente e logo fez uma pausa. Seu olhar se tornou pensativo e logo se converteu em escuridão. — Sabe que ela só lhe deu isso porque queria incomodar papai. É sua culpa que ela o odiasse tanto.

Erik grunhiu, esta vez mais forte. Alistair se estremeceu ligeiramente sob a ameaça, mas se recuperou rapidamente. Se Alistair queria tirar o ar os trapos sujos da família em público, então Erik ia assegurar se de que saíssem por cima. Estava cansado de inclinar-se ante o Alistair, escolhendo o caminho mais fácil. Tinha chegado o momento de que seu irmão soubesse a verdade.

— Não Alistair — disse e deu um passo pondo distância dele. Todo seu corpo se esticou. Sua voz foi baixa, tremendo com raiva ao pensar no que sua mãe tinha passado. — Foi você. Foi sempre você. Era porque foi tão parecido a ele e o via em ti. Essa era a inteira feia verdade. O sexo, as mentiras e a violência. Ela o via e lhe fazia ver papai quando ela estivera cega de amor antes. Você fez que o odiasse. Você é a razão pela que os dois estão mortos!

Deu meia volta e saiu pela porta, sem dar a Alistair a oportunidade de pensar um momento. Seu coração trovejou pela adrenalina, tanto que estava tremendo. Ficou andando sem olhar o chão, fazendo caso omisso do clique das câmaras dos paparazzi. Tratou de controlar seus sentimentos, lutou contra o desejo de entregar-se a eles. Não podia mudar, não aqui e não quando se sentia assim. Entregar-se à ira era o começo. Levaria um passo mais perto de ser como Alistair e seu pai, e não queria isso.

Grunhiu, deixando o estrondo correr através dele e acalmá-lo, tirar todos seus sentimentos reprimidos pela agressão e o ódio.

Entrou em seu carro, pôs a música alta e ligou o motor. Acelerou, escutando o rugido e sentindo as vibrações que percorriam seu corpo. Golpeando seu pé no acelerador, saiu do estacionamento e saiu disparado pelo caminho.

Uma longa viajem e voltaria para seu estado normal de novo.

Amanhã sairia para correr. Sempre o ajudava a limpar sua cabeça e lhe dava uma melhor perspectiva sobre as coisas.

Esta noite, sonharia com ela.

Capítulo 7

Kim respirava constantemente à medida que corria perto do Hyde Park. Era um dia glorioso com sol. Não havia uma nuvem estragando o céu de safira. Sorriu para dentro e ajustou os fones em seus ouvidos quando saiu quase escorregou.

Ontem de noite tinha sido justo o que precisava: um pouco de tempo a sós para pensar a

respeito de tudo o que tinha ocorrido nos últimos dias. Afundou-se na banheira durante quase uma hora antes de ir ao refrigerador para comer algo e encontrar um filme romântico brega. É óbvio, tinha pensado no Erik o tempo inteiro, imaginando que ele era o protagonista e ela a mocinha.

Não pôde tirá-lo de sua mente. A noite toda tinha sonhado com ele. Tinha sido diferente esta vez. Só tinha permanecido ao seu lado e estivera acariciando brandamente sua pele, pressionando beijos suaves contra ela e estando perto. Era uma boa mudança, mas não haveria dito não para algo mais apaixonado e frenético. Depois de seu momento no elevador, ela estava até a borda com desejo e estava à beira de transbordar-se.

Pega em buraco no caminho, que quase a fez cair, mas se recuperou no último minuto. Tomou como um sinal de que correr sem concentrar-se provavelmente ia terminar em desastre e se deteve. Indo até a sombra de um carvalho enorme, olhou a seu redor a toda as pessoas do parque. O sol sem dúvida os estava esgotando. Havia mantas de cores brilhantes como manchas sobre grama, geralmente com um casal deitado nelas, ou um grupo de amigos tomando uma bebida e rindo.

Deixou de correr e se esticou.

A luz do sol brilhava sobre sua garrafa de água enquanto tomava longo gole. Tirando os fones e guardando-os de forma segura no bolso de sua bermuda, jogou um pouco de água sobre seu rosto e logo se limpou com a parte inferior de sua camiseta de alças finas.

Olhando para baixo à sombra da árvore que estava debaixo, viu que não havia muitas pessoas com guarda-chuva e se aproximou de um amplo espaço aberto. Sentou-se e levou os joelhos a seu peito, olhando o formoso parque e tentando não pensar no Erik.

Realmente queria que tivesse dito que sim à sua oferta de jantar.

Desde que o tinha conhecido, seus sonhos tinham sido cada vez mais quentes, parecido com o clima, mas na noite anterior a tinha desconcertado. Tinha sido tão diferente, como se se estivesse mostrando a outra face de Erik no sonho. Perguntou-se se na vida real seria o mesmo. Gostaria que jazesse nu com ela, só em silêncio explorando cada centímetro do corpo um do outro com toques ligeiros e beijos suaves?

Suspirou e recostou-se, olhando para o céu que aparecia através da rica mata de cor verde escuro por cima dela.

Fechando os olhos, esticou-se e se centrou em como se sentiu relaxada.

Não se tinha dado conta sequer que havia dormido até que abriu os olhos e se encontrou deitada na cama desse quarto misterioso. Ficou olhando para o teto, com uma sensação incrível contida e sorrindo para si mesma.

Alguém tocou o pé dela e ela olhou com ao longo do corpo de Erik. Ele sorriu um pouco malicioso olhando-a. Deu-se conta de que estava vestido com sua roupa íntima, e nada mais.

Ela esticou o pescoço para ver como começava a plantar beijos longos, úmidos em sua perna esquerda, pouco a pouco subindo ao longo dela. Seus olhos estavam entrecerrados quando chegou a suas coxas. Seus dedos brincavam em uma, enquanto que sua boca explorava a outra.

Ficou sem fôlego quando sua mão roçou a parte dianteira de sua calcinha. Calor líquido se

instalou em seu abdômen, esquentando sua vagina. Ela se retorceu um pouco, sentindo a excitação manchar sua roupa íntima e gemendo quando sua mão a tocou de novo. Sua pélvis se arqueou na cama, com fome de que seus dedos voltassem. Ele melhor.

O prazer a derreteu enquanto beijava a parte dianteira de sua bermuda rendada. Sua língua passou através do material, primorosamente perto, mas dolorosamente longe, ao mesmo tempo. Ela levantou um joelho, deixando-a cair para o lado, expondo-se para ele. Ele captou a indireta e abaixou de novo a cabeça, lambendo ao longo de sua virilha através de suas calcinhas.

Ela grunhiu e estendeu a mão passando os dedos por seus cabelos pretos, exuberantes e o sustentou contra si.

Um suspiro de alívio lhe escapou quando colocou os dedos na cintura de sua roupa íntima e a moveu lentamente por suas pernas. Suas mãos perderam o controle sobre ele e estendeu a mão, desesperada por tocá-lo de novo, sentir a suavidade aveludada de seu cabelo debaixo de seus dedos. Ela o agarrou no momento em que retrocedeu, lançando sua roupa íntima ao chão. Ela sorriu para ele quando a olhou, atraindo-o. Fogo e fome obscureciam seus olhos.

Ele grunhiu.

Sentiu um nó no estômago e seu coração saltou em seu peito. Ela abriu a boca, surpresa por sua reação ao seu grunhido.

Ele grunhiu de novo, saindo um ronrono profundo que retumbou enquanto ele descia para ela.

Ela jogou a cabeça para trás, arqueando-se na cama enquanto sua língua separava seus lábios inferiores e se foi para seu interior. Sua boca se abriu, formando um amplo "o" enquanto ele a lambia toda, com os dedos ajudando. Circulou seus clitóris e o excitou com a ponta da língua, e logo mergulhou dentro dela. Ela gemeu quando ele lambeu sua entrada, ronronando e lambendo toda sua excitação. Queria lhe dizer que era tudo para ele. Que ele a punha tão molhada e com fome, morrendo por senti-lo dentro dela.

Seu outro joelho se aproximou e lhe separou as pernas, com os olhos fechados enquanto a devorava, sua língua banhando-a com força.

Seus olhos se abriram quando deslizou um dedo dentro dela e gemeu.

— OH, Erik.

— Kim.

Ela franziu o cenho quando algo tocou o seu pé.

— Kim?

Tremulando os olhos abertos, perguntando-se para onde foi o quarto. Ficou olhando o céu por cima dela e lançou um suspiro, em uma tentativa por desacelerar seu ritmo cardíaco e acalmar-se.

— Sonhando comigo? — Uma voz familiar fez que com que tentasse abrir os olhos.

Desceu o olhar e encontrou ao Erik sorrindo para ela. De repente muito consciente do fato de que seus mamilos estavam dolorosamente excitados e, provavelmente, mostravam-se através de seu top.

— Huh?

— Você disse meu nome. — Sorriu enquanto ela se ruborizava. Se não sabia que sonhava com ele, provavelmente agora o sabia. — Pensei que fosse você quando estava correndo pelo caminho. Tive que vir e dizer olá. Espero que não contrarie como deve agir com um cliente.

Agora que havia mencionado, deu-se conta do que estava usando. A parte superior de sua camiseta preta se ajustava dolorosamente apertada contra a parte superior de seu corpo, revelando seus músculos com cada respiração que tomava. Seu short era preto também. A maneira em que se vestia, o preto era definitivamente sensual.

Ela o olhou dos pés a cabeça, os músculos fortes e definidos de seus braços e torso, suas poderosas e longas pernas. Maldito seja, estava sexy.

— Agir com um cliente? — disse, um pouco aturdida por sua leitura dele e seu sonho.

— Disse que sou um cliente por isso não podia sair comigo. — Não havia o menor indício de decepção em sua voz. — Seria terrível se me sentasse? Minhas pernas estão me matando.

Ela não soube o que dizer. Olhou as suas pernas celestiais em questão. Seria um crime deixar que o matassem. Ele queria lhe devolvesse de bom grado o favor que tinha feito a ela e o massageasse. Maldita seja morria de vontades de tocá-lo. Olhou o local na grama ao lado dela e, então lhe devolveu o olhar.

— Não aqui — disse. — Saiamos à luz do sol. Está muito bom para desperdiçá-lo.

Levantou-se sem pensar e o seguiu à luz. Esquentou-se, relaxando, sentada sobre a grama.

Deitou-se a seu lado, fechou os olhos e se esticou, com as mãos apoiadas detrás de sua cabeça como um travesseiro. De novo se encontrou pensando quão contente se via, estando sob o sol como um gato.

Ao ver que não estava a ponto de abrir os olhos e capturar os dela, seu olhar passou por ele. Tinha um corpo grandioso, esbelto e tonificado, poderoso.

Ele respirou fundo e o sustentou, e logo expirou para fora lentamente.

Quando a olhou, sorriu com estupidez, tentando pensar em algo para dizer que preenchesse o silêncio. Ela estava feliz por apenas estar com ele, mas se sentia tão íntimo e profundo em algum lugar dentro, que lhe fez sentir um pouco de pânico. Como podia estar tão cômoda sentada em silêncio com um homem que acabava de conhecer? Normalmente ela falava sem parar ao redor dos caras até que se conheciam e falavam pelo menos uma dúzia de vezes. Com o Erik, estava bom não dizer nada. Era prazeroso somente estar com ele como nunca estivera com ninguém mais.

— O que é... — vacilou e logo continuou quando ele levantou uma sobrancelha, com o interesse em seus olhos faiscantes, — ... O parágrafo 157?

Pôs os olhos em branco e sorriu.

— Sabe do acordo — disse com voz rouca, seu olhar voltado para o céu. — Jantar por uma explicação.

Suas palavras esquentaram um pouco seu interior. Ele ainda queria sair com ela. Inferno, estava morrendo para dizer que sim, mas sua consciência e temor de ser descobertos por alguém de sua companhia a fez sacudir a cabeça.

— Não podem me ver contigo — ela disse, com tom mais apologético. Não podia esconder-

se dele. Odiava a ideia de lhe dizer não a ele, mas tinha que fazê-lo. Ele a olhou. A decepção brilhava em seus olhos cor mel. Ela sentiu a necessidade de acrescentar mais ao que havia dito para convencê-lo. — Eu seria fuzilada.

Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso.

— Não acrescenta à emoção de estar comigo?

Disse-se que o fazia, mas não era necessário fazê-lo emocionante.

Ela negou de novo.

Franziu o cenho um momento, pensativo, e logo se apoiou em um braço, apoiado a seu lado.

— Não tem que ser um jantar, então — ele disse, com um sorriso adornando seus lábios outra vez. Havia um ar em sua expressão que lhe dizia que tinha encontrado um plano infalível para obter que saísse com ele. Se a pressionasse um pouco mais, ela estaria de acordo com algo sem importar o risco em que a pusesse. Só tinha passado tanto tempo desde que ela pôde sustentar-se antes que seu coração ganhasse sobre seus sentidos. — Que tal bebidas? E antes de dizer que não, como sinto que vais fazer, conheço um lugar onde ninguém de seu trabalho saberia. Estaria a salvo ali.

Ela o duvidava. Estaria a salvo da empresa, mas não de si mesma. Se fossem a um lugar onde ninguém do trabalho pudesse vê-la, não teria nenhuma razão para controlar-se.

— Vamos, Kim. — Tocou-lhe a mão e um arrepio a percorreu pelo breve contato entre eles.

— Um par de goles e te direi tudo o que queira saber de mim.

Ela assentiu, sem parar para pensar porque sabia que se o fizesse então diria que não de novo. Queria sair com ele, queria sentar-se em uma mesinha, ou junto a ele em um bar, e escutá-lo falar toda a noite. Isso era pedir demais? Ele praticamente prometeu que ninguém os veria. Ela confiava nele.

— Dê-me o seu endereço — disse.

Ficou paralisada, seu sentido lutando contra seu coração de novo.

— Para que? — disse com voz tremente.

Deu-lhe um olhar de incredulidade. — Assim posso te pegar, é obvio.

— Talvez não seja tão boa ideia. — Ela se encolheu enquanto o disse, não querendo incomodá-lo, mas sabendo que o tinha feito quando sua expressão se nublou.

— Você já concordou — disse com uma voz plana que expressava claramente seu desgosto.

— Sei, mas...

— Por que sempre luta comigo? Não lute contra mim, Kim. Basta dizer sim e te prometo que ninguém te verá. — Tocou-lhe a mão de novo, os dedos ligeiramente acariciando-a, persuadindo-a e convencendo-a.

O que havia dito a golpeou forte. Continuava dizendo que não brigasse com ele. No sonho Erik dizia também. Ela lembrava.

Ela olhou sua mão, que ainda estava apoiada nela. Não ia brotar pelos ou ronronar. Ele não. O verdadeiro Erik e o do sonho não eram o mesmo. Mas, como continuava dizendo as coisas que tinha ouvido em seus sonhos?

Talvez ela não o tivesse ouvido dizer em suas fantasias. Talvez suas lembranças fossem

suficientemente vagas para as coisas que ele disse na vida real apagasse elas. Quando tinha deixado cair os arquivos, havia-lhe dito que não lutasse contra ele. Provavelmente foi então que ela lembrou, não em seus sonhos.

Ela o olhou nos olhos. Ele estava esperando uma resposta, com seu olhar um pouco ansioso e esperançoso. Pela primeira vez, ela ia fazer o que queria. Ele tinha prometido agora. Ninguém os iria ver. Além disso, não era como se todos os dias, caísse um homem morto de amor e bonito virtualmente lhe rogando que saísse com ele. Seria uma completa idiota se o rechaçava e passasse mais uma noite sozinha.

Ela assentiu.

Ele sorriu.

Perguntou-se o que ele estava fazendo quando colocou a mão em seu bolso e tirou um celular. Apertou alguns botões e logo entregou para ela.

— Escreve — disse rapidamente, como se temesse que ela mudasse de opinião outra vez se passava muito tempo.

Ela o fez. Com cuidado, colocando seu endereço na nota que tinha aberto, comprovou que estava certo e logo acrescentou seu número do celular no final.

Nunca lhe tinha dado a um cara seu número antes.

Sentia-se um pouco tonta.

Entregando-lhe de novo, sorriu enquanto ele o revisava e logo a olhava. Esperava que não mencionasse o número. Tinha sido um impulso fazê-lo. Falou para si mesma que não tinha sido um impulso. Tinha sido só para o caso de que chegasse tarde ou se perdesse. Ela não tinha absolutamente nenhuma esperança vã que ligasse do nada só para ouvir a voz dela.

— Às nove em ponto — disse ele ficando de pé.

Ela olhou suas costas enquanto partes de grama seca saíam dele. — Uh huh.

Deu flash de um sorriso em sua direção e ele correu afastando-se.

Ela suspirou e se deixou cair de novo na grama, olhando sem ver o céu. O que estava pensando? Ela estava esperando que saísse como em suas fantasias? Era uma loucura. Ele era só um homem que igualava com o seu cara um pouco. Isso era tudo. Agora ela continuou e o tinha convertido no cara do sonho. A voz de sua cabeça, disse-lhe que era malditamente persistente.

Ela sorriu ao céu.

Talvez realmente gostava dela.

Capítulo 8

O calor era cansativo. A suave brisa que soprava através da janela não fazia nada para esfriar o quarto. Erik jazia de costas com seus olhos fechados enquanto Kim passava suas unhas curtas sobre seu peito. Ele grunhiu, urgindo-a. Ela riu, um som suave em sua mente vaga de luxúria.

Seus dedos baixaram, acariciando e passando por cima de seu estômago. Ele ficou tenso, lhe

mostrando o poder de seu corpo, na única forma direta em que podia agora. Ela gemeu com avaliação e aproximou sua vagina contra seu pênis duro. Outro grunhido lhe escapou.

Sentiu sua espada, e logo sentiu o beijo que pressionou em cima de seu umbigo. Beijou-o ao redor, lambendo-o de vez em quando enquanto explorava seu estômago. Apoiou sua cabeça sobre seus braços e a olhou, não movendo nem um músculo enquanto o tocava, lambia e beijava. Era fascinante vê-la explorar o seu corpo.

Riu quando ela encontrou um ponto delicado justo ao lado por cima do quadril esquerdo e lhe deu um sorriso malicioso, ela tinha acrescentado a sua lista de coisas sobre ele que tinha aprendido e estava guardando para seu uso em uma data posterior. Não gostava que lhe fizesse cócegas. Bom, só detrás das orelhas.

Ela baixou a cabeça outra vez, seus beijos chegando até seu cabelo encaracolado. Passou seus dedos sobre eles, estudando-os, e logo seu olhar se moveu através de seu pênis faminto. Outro sorriso brincou em seus lábios, esta vez um que falava de poder e sabedoria. Ela podia ver a fome que ele tinha por ela, o muito que queria que ela o tocasse ali. A estas alturas, provavelmente poderia senti-lo, cheirá-lo nele como se pudesse cheirar o desejo dela.

Seus dedos se moveram para baixo sobre suas coxas enquanto se sentava de novo, seu olhar ainda persistente em sua longitude.

Seu fôlego preso em sua garganta e a antecipação em espirais em seu estômago enquanto levantava uma mão. Baixou pouco a pouco e acariciou a minúscula ponta com um dedo brandamente por sua ereção.

Tentou suspirar, mas se converteu em um ronrono baixo em sua garganta.

Ela sorriu, viu-se um pouco mais confiante quando o fez. Ele sabia por que, via-o em seus olhos. Era o poder que sentia quando ela o fazia ronronar. Como se fora a única pessoa que podia fazê-lo.

E o era.

— O que quer, Erik?

Ele sorriu para sua pergunta. Ela estava mais audaz em seus sonhos, e na vida real também.

— A ti — suspirou.

— Quer isto? — Ela baixou a cabeça e lentamente lambeu a longitude de seu pênis.

Ele gemeu e conseguiu mover a cabeça. Tentou ver enquanto lhe lambia outra vez, sua língua seguindo as cristas e veias de sua longitude. Chegou à suave cabeça, explorando com cuidado e fazendo com que ele quisesse tê-la ali. Ela ficou, como se houvesse sentido sua necessidade, e moveu sua língua contra o lado sensível da mesma.

Seus dedos se fecharam em punhos e atirou de sua pélvis para cima, com vontades de mais contato entre eles. Ela gemeu e passou a língua ao redor da cabeça de seu membro, deslizando a ponta até a sua rachadura. Ele esteve a ponto de soluçar de novo quando ela envolveu seus lábios ao redor dele e o levou a sua boca. Seu gemido se converteu em um ruído afogado em sua garganta. O ruído afogado se converteu em um ronrono profundo.

Ela o levou mais, tão profundo, que sabia que não duraria muito tempo, e aspirou com força de volta pra cima, a língua pressionando com firmeza ao longo da parte inferior de seu pênis.

Quando chegou à cabeça, ela a moveu com sua língua, e logo a afundou no abismo doce de sua boca. Perdeu-se ali enquanto o chupava forte no caminho de volta para cima e logo se moveu para o interior. Seu ritmo era lento e uma constante tortura, muito divina para ele a arrumar.

Seus dedos se apoderaram dos travesseiros enquanto tentava resistir a empurrar em sua boca, mas descobriu que não podia. Suas mãos o sujeitavam, o sentido da restrição só acrescentando ao seu prazer. Sua língua dançando contra a cabeça de seu pênis e logo o chupou de novo, com seu ritmo cada vez maior até que ofegou duro por seus movimentos. Fechou os olhos, seu gemido convertendo-se em um grunhido enquanto todo seu corpo se esticava, esperando o doce momento em que ia encontrar a liberação.

Ela pôs seus ovos em sua mão e logo pressionou o lugar debaixo deles. Ele rugiu e entrou em sua boca, seu pênis palpitante enquanto seguia chupando-o e lambendo-o.

Relaxou-se de novo na cama, levado por um mar nebuloso de felicidade e sedado por dentro.

Erik abriu os olhos e olhou a desordem em seu estômago nu e a mão onde ainda sustentava seu membro.

Pôs os olhos em branco. Outra ducha antes de sair esta noite então. Ele franziu o cenho e alcançou um lenço da caixa ao lado de sua cama. Limpou a desordem, e quase riu de si mesmo.

Vinte e sete anos masturbando-se com a mesma garota. Seu irmão riria dele, sempre fazia.

Alistair não podia entender por que se mantinha celibatário, resistindo às mulheres que a vida lhe punha em seu caminho. Ele resistia porque queria a sua companheira, não uma penetrada rápida.

Vinte e sete anos, entretanto.

Os sonhos tinham sido pouco frequentes em um primeiro momento, só se produziam três ou quatro vezes ao ano. Tinha sabido o que eram imediatamente. Deus sabia quantos anos Kim teria tido realmente quando tinha começado aos ter, mas eram sempre com ela tendo a mesma idade que agora, mais ou menos, em suas visões. Só quando tinha amadurecido completamente fazia quinze anos que tinham começado a ser mais frequentes, aumentando até o ponto, faz dois anos, onde os tinha tido todas as noites.

Seria diferente para a Kim. Só teriam começado o último ano ou assim. As mulheres humanas que entravam no cio não os tinham constantemente até só um par de semanas ou um mês antes que estivessem prontas para o emparelhamento. A julgar pela forma em que Kim se fundia e a forma em que atuava a seu redor, ela estava preparada.

Não podia acreditar que tinha estado esperando quase trinta anos por ela e até este momento. Ele só esperava que ela se mostrasse receptiva com a ideia. Ele não seria capaz de mantê-lo oculto para sempre. Emparelhar-se com ele significava deixar para trás a humanidade e chegar a ser como ele. Seu envelhecimento se desaceleraria a um ponto enquanto ela chegava à maturidade, e então viveria para sempre como ele.

Franziu o cenho e se sentou.

A menos que alguém a matasse quando ela estivesse em seu melhor momento. Não estava convencido de que sua mãe tinha matado o seu pai e logo tirou a sua própria. Não era próprio

dela absolutamente. Ela odiava seu pai com uma paixão ardente, mas nunca teria matado.

Ao entrar no banheiro, atirou o lenço usado no sanitário e se lavou. Olhou-se no espelho, estudando sua face e viu seus olhos lentamente tornar-se amarelos enquanto permitia o seu lado primário sair à superfície.

Sacudiu a cabeça e se afastou, olhando para trás ao quarto e a grande cama dupla. Seus nítidos lençóis brancos estavam enrugados onde tinha estado sobre elas. Não tinha a intenção de ficar adormecido, mas depois de retornar a casa de sua corrida e ter tomado uma ducha, não tinha tido nada o que fazer a não ser esperar. O tempo tinha passado impossivelmente lento, arrastando-se pela tarde até que se tornou insuportável.

Queria vê-la outra vez.

Tinha permanecido na cama, olhando o teto e escutando os sons do silêncio, enquanto desfrutava da fresca brisa que trazia o aroma do verão através de sua janela.

Quão seguinte soube, era que estava perdido em uma fantasia.

Voltando para quarto de banho, abriu a ducha, assegurando-se de que a água estivesse deliciosamente fria antes de entrar. Fechou os olhos e pensou nessa noite.

Em poucas horas, ela estaria com ele de novo.

Pouco depois disso, veria até onde a fome entre eles os levaria.

Desejava ela.

E pelos demônios ia tê-la.

* * * *

Kim quase caiu quando o timbre da porta soou em seu andar. Saltou para ele, lutando desesperadamente com o sapato e apertando-o em seu pé justo antes de chegar ao intercomunicador.

Apertou o botão de resposta.

— Olá? — disse.

Uma pequena imagem em branco e negro piscou com vida. Era Erik. Seu coração pulsou com força à vista dele enquanto se inclinava para a câmara e sorria graciosamente.

— Deixa-me subir? — Ronronou as palavras contra ele.

Ela assentiu, como se pudesse vê-la, e pulsou o botão. — Claro. Terceiro andar. Não pegue o elevador.

A tela ficou preta e lutou para colocar seu outro sapato. Repetidamente alisou o vestido de verão preto em cima de seu corpo, respirou para acalmar-se enquanto as perguntas lhe alagavam a mente e seu estômago dançava com a ideia de ver Erik de novo.

Baixou o olhar para si mesmo. Era o único traje preto que possuía e estava contente de que ainda servia. Estava ajustado na parte superior, mas largo nos quadris, fazendo-o ligeiro e fresco. Perfeito para o clima tropical quente. Abotoou o botão superior e se perguntou o que Erik

pensaria dele. Tinha-o escolhido somente devido a sua adoração pelo negro. Levava roupa íntima preta também. Não era que estivesse tirando conclusões precipitadas, mas era melhor estar preparada.

Empurrou uma mecha de cabelo para seu rabo-de-cavalo e foi à cozinha. Pegando o vinho rosé do refrigerador, serviu dois copos grandes e os levou com ela à porta. Pondo-os na mesa ao lado do estreito corredor, ela mesma se preparou.

Alguém chamou. Seu coração saltou para seu estômago. Respirou fundo e disse que era isso. Não havia necessidade de sentir pânico. Tomaria umas bebidas com o Erik e descobriria o que o parágrafo queria dizer. Isso era tudo. Não ia, além disso, assim não havia nenhuma necessidade de sentir-se decepcionada se não o fizesse.

Abriu a porta com um sorriso nos lábios.

Deus todo-poderoso, se ela pudesse se derreter em uma poça aqui e agora. Seu sorriso se desvaneceu, substituído por um olhar de fome que não podia apagar de sua cara quando ela o olhou. Apoiou-se contra o marco da porta, com os braços cruzados e o cenho aumentando e ficou olhando. A calça preta e a camisa que levava lhe davam um aspecto incrivelmente atraente, e havia um olhar em seus olhos enquanto a olhava, tanto fogo e paixão, que ela só pôde olhá-lo.

Ele sorriu.

Seus peitos doeram, seu estômago ficou tenso de necessidade.

Recolhendo uma taça de vinho, ofereceu para ele, tremendo enquanto tentava dizer algo.

Ele sustentou a mão e passou os olhos sobre ela. Engoliu em seco, suas mãos tremiam ao ver a fome em seu olhar. Seus olhos se estreitaram e retornaram para ela.

— Está muito bonita esta noite — disse com uma voz profunda que a fez pensar que sair não era realmente necessário e que só podia tomá-lo, atirar ele no chão e arrancar os miolos fora.

Ela estendeu a taça de vinho de novo, com a esperança de que queria tomá-la para que ela pudesse beber a sua e matar as células associadas em seu cérebro com a piscina suja de pensamentos em sua cabeça.

Ele sustentou a mão de novo. — Estou dirigindo. Não posso beber.

— Oh — disse, ainda apanhada por seus olhos. Tomou todo o copo de vinho de uma só vez e se iniciou pelo segundo. Não fez nada para deter os nervos que cresciam dentro dela, ou os pensamentos sujos. Sua cabeça se sentia confusa e suas bochechas queimavam enquanto o álcool a acariciava como fogo em suas veias.

Ela franziu o cenho enquanto seu cérebro finalmente despertou.

— Por que vamos beber se não está bebendo? — foi à cozinha e voltou a encher seu copo com mãos trêmulas.

Ele a seguiu. Podia sentir seus olhos nela e quando ela o olhou, descobriu que estava olhando suas costas.

— Conheço o dono do clube. Posso deixar o carro lá e conseguir um táxi para casa. — Sorriu e logo riu quando seus olhos se arregalaram. — Asseguro-te que não vou te embebedar.

Ela levou a taça aos lábios, mas ele cruzou a cozinha e a tomou dela.

— Está fazendo um bom trabalho sem minha ajuda — disse e bebeu o vinho. — Que tal

pegarmos um táxi para lá também?

Ela assentiu e logo se deu conta de que seu carro estaria fora de seu bloco de apartamentos toda a noite. Teria que voltar amanhã para recolhê-lo. A voz em sua cabeça lhe disse que poderia fazer as coisas mais fáceis para ele e lhe deixar compartilhar sua cama esta noite assim não tinha que ir para casa. Esqueceu, dizendo-se que isso não ia acontecer.

Sorrindo para Erik, viu-o verter os restos da garrafa de vinho em dois copos. Ele entregou-lhe um, e tomou um gole.

— Você está bonito também — disse ela e franziu o cenho quando se inclinou para ela. — Em uma forma muito viril... é obvio... para um cliente.

— Não estou certo se agradeço ou me ofendo porque me disse isso, mas de uma maneira muito viril. — Terminou o vinho e pôs o copo na mesa. — Pronta?

Tomou seu celular.

— Chamarei um táxi e pegarei minha jaqueta e poderemos ir.

Saiu até o corredor, surpreendendo-se ao escutar o toque do telefone da empresa de táxis. O que na Terra a havia possuído ao lhe dizer que estava bonito? Os homens não eram bonitos. Deveria dizer que se via deliciosamente "fodível" ou incrivelmente sexy, ou um dos outros milhões de coisas que tinham estado flutuando ao redor de sua cabeça nesse momento. Deus, parecia tão bom, entretanto. Adônis não podia fazer nada contra este homem.

Terminou a ligação com a empresa de táxi e agarrou a jaqueta e a bolsa do sofá. Colocando a jaqueta sobre o braço, foi à cozinha e até Erik. Ela sorriu para ele da porta.

— Estou preparada — disse.

Seu olhar se estreitou em seu corpo de novo e logo a olhou diretamente aos olhos.

Sorriu-lhe.

— Está, juro que está.

Capítulo 9

Erik abriu caminho para o clube. Dirigiu ao longo da estrada até chegar à fila de pessoas esperando entrar quando se deu conta que Kim se deteve na parte de trás, virou-se para ela.

— O que está fazendo? — riu das palavras, com um pouco de vertigem ao ver-se com ela. Ela se estava excepcional com seu pequeno vestido. Não tinha passado desapercebido que tinha optado por vestir-se de preto. É realmente apropriado para ela. Ela estava ótima de uma forma animal.

— Fila — disse encolhendo-se de ombros.

— Não tem que entrar na fila — disse ele e a agarrou pelo braço. Ela se aferrou a ele enquanto caminhavam e logo a soltou quando caminhou do seu lado.

— Não temos que entrar na fila? — Ela parecia confusa.

— Eu não entro em filas. — Ele riu de novo e assentiu para a fila de pessoas que lutavam e

olhavam ao longo da linha para as portas. — Isso é para eles, não para mim.

— Oh — disse ela, levantando as sobrancelhas e abrindo os olhos.

Teve a sensação de que nunca tinha tido acesso VIP a um clube antes.

Ao chegar à porta, ele assentiu ao gorila. Era um homem enorme, calvo e duro como um prego.

Era um estranho contraste com sua equipe original. Ele o tinha visto em forma de leopardo. Como ser humano, via-se nada mais que como um magro gato, elegante na realidade.

— Alistair está aqui? — Perguntou Erik.

O porteiro negou com a cabeça e sorriu então expôs seus caninos ligeiramente alargados. Erik olhou por cima do ombro para Kim. Ela estava olhando com a boca aberta à enorme massa de homem frente a ela.

— Entramos? — Erik abriu a porta enquanto o porteiro tirava a corda de veludo preto de seu gancho, deixando-os passar.

Ela se moveu junto a ele dando um ultimo olhar ao gorila. Quando o porteiro sorriu outra vez, Erik se perguntou se era uma grande ideia. Não era frequente que os humanos entrassem neste clube. Se não tivesse a carteira de identidade correta, a única maneira de entrar ia ser acompanhada de um metamorfo.

Cada vez que a um humano vinha ao clube, encontrava-se com olhares curiosos e comentários sussurrados. Esperava que não fosse assim esta noite. Geralmente, os humanos chegavam com os de nível mais baixo, não com um da elite como ele.

Isto causaria que um boato se espalhasse. Dava cinco minutos antes que as pessoas começassem a falar dela e dez antes que decidissem que era um potencial casal. O clube estava lotado e seria essa a única razão pela qual se espalharia tão lento. Em uma sala com apenas dez ou vinte metamorfos, demoraria uma fração de segundo em cheirar seu aroma e saberiam que ela estava no cio.

Por sorte para ele estar no cio não queria dizer que era temporada de caça para as chamadas de emparelhamento. Os casais apareciam uma vez na vida, duas vezes com sorte, e estavam destinados a uma só pessoa. Muitos de sua espécie não encontravam a suas companheiras. Não podia acreditar que tinha encontrado a dele. Sem rosto para procurar, tinha pensado que seria impossível.

Olhou ao redor do clube. O escuro interior estava iluminado com luzes de néon azuis e púrpuras. Estava abarrotado tal como tinha esperado que estivesse. Entre ele e o bar havia pelo menos setenta pessoas.

Kim o olhou, seus olhos ainda arregalados, mas esta vez ela olhava fascinada mais que curiosa.

— Conseguirei uma bebida para ti — disse por cima do ruído da música.

Era geralmente uma mescla eclética, mas os sábados, o clube tocava somente rock e música alternativa. Isso não significava que não houvesse uma canção lenta para dançar de vez em quando. E isso não queria dizer que não podia conseguir que tocasse qualquer canção que quisesse, sem importar o gênero.

Ele olhou para Kim, perguntando-se se se atreveria a dançar com ele. Quando seus olhos se encontravam com os dele, o fogo se estendia e entrecerrava os olhos dela. Ficou olhando fixamente seus olhos, lhe deixando ver sua fome e como o fazia sentir.

Ele a desejava. Não ia deter-se por nada até tê-la.

Suas pupilas dilataram. Não era a pouca luz o que as fazia reagir. Podia cheirar seu aroma. Dizia que tinha tanta fome quanto ele.

Conduzindo-a para o balcão, inclinou-se contra ela quando finalmente chegaram e falou com garçom.

Reconheceu-o. Era outro pantera negra. Era bom ter outro com quem falar de vez em quando. Sua espécie era rara entre os metamorfos. O sangue mais comum parecia dominar, e era o sangue que seu pai e irmão tinham. Puma.

Se conseguisse convencer a Kim de acasalar-se com ele, então teria outra pantera negra com quem falar. Usualmente um companheiro escolhido já era um metamorfo, mas às vezes poderia ser um humano.

Ele pediu dois copos de vinho.

Sua mãe tinha sido uma pantera negra quando se acoplou com seu pai. Sua linhagem era mais antiga do que podia recordar, mas o de seu pai era mais antiga ainda.

Entregou uma taça de vinho para Kim, brindando em silêncio e logo assentiu para seu destino. Ela olhou ali, e logo para ele. Ele sorriu tranquilizadoramente e começou a caminhar entre a multidão. Estava apertado, e a poucos passos dele se deu conta de que se estava ficando separado da Kim.

Kim ficou sem fôlego quando uma mão se apoderou dela, agarrando-a com força. Levantou a vista para ver o Erik sem deixar de lhe sorrir e logo olhou a mão, onde sustentava a sua.

O ar da sala estava fresco, um contraste surpreendente com o calor úmido do exterior. Ela tinha esperado que estivesse mais quente aqui, com todas as pessoas estreitamente apertadas juntas, mas a única vez que se havia sentido quente desde que tinham chegado foi quando Erik a havia tocado. Ela passou a mão à sua, sustentando-a e aproveitando a oportunidade ao máximo.

Ela se surpreendeu quando seus dedos se deslizaram em meio dos dela, fechando com força suas mãos. Ela ficou perto dele à medida que avançavam entre a multidão, com ele como escudo. Não havia maneira de que pudesse ver aonde iam. Não podia ver nada por cima das pessoas a seu redor. Todos eram mais altos que ela, e algumas das mulheres que passavam eram incrivelmente lindas.

Perguntou-se por que Erik a tinha escolhido quando ele provavelmente poderia ter qualquer garota desta sala.

Seus dedos apertaram os dela, seu polegar acariciando brandamente o seu. Ela olhou suas mãos, hipnotizada pela ternura que se agitava acariciando-a. Sentia-se como se estivesse tratando de tranquilizá-la e a queria fazer sentir mais cômoda. Ela olhou suas costas. Olhou por cima do ombro para ela, seus olhos em silêncio fazendo uma pergunta.

Esta bem?

Ela assentiu.

Ele sorriu e lhe apertou a mão.

Um pouco de emoção correu através dela.

Não estava imaginando. Não podia imaginá-lo. Ele se preocupava com ela. Seu olhar, suas ações, tudo a fazia acreditar.

Abriu passo entre a multidão e ela se surpreendeu de que tivesse atravessado ilesa e com sua taça intacta. Moveram-se além das cabines ao lado da sala e logo caminharam por um corredor entre duas delas. Erik desapareceu através de uma cortina escura. Seguindo ele, olhou ao redor da sala.

Estava cheia de espelhos. Um escuro assento suave mobiliado se envolvia ao redor de uma pequena mesa polida.

Erik se deslizou no assento.

Ela se sentou frente a ele.

Notou que ele estava relutante em soltar sua mão. A sensação de seus dedos pressionados nela, sustentando-a com tanta força, fez com que o interior dela se esquentasse. Não era só o vinho. Ela tomou um gole para manter o equilíbrio. Era bom, provavelmente além do que podia permitir-se.

Olhando Erik, viu que estava olhando suas mãos. Havia uma estranha expressão em seu rosto, que ela não pôde interpretar. Era algo entre assombro e incredulidade. Ele não poderia acreditar que estava sustentando sua mão, tocando-a? Ela não podia acreditar. Sentia-se tão cômoda e natural.

Deu-lhe um pequeno sorriso vacilante e logo a soltou. Ela tomou outro gole de sua bebida, olhando-o levantar-se e fechar a cortina. Gostava da privacidade e isolamento que lhes dava. De repente se sentiu como se só estivessem ela e Erik ali. Que não havia uma multidão de pessoas do outro lado da cortina.

Ele brincava com seu copo e logo franziu o cenho. Ficou pensativo. Perguntou-se no que estava pensando e olhou ao redor da cabine. A luz era cálida, em contraste com a iluminação mais fria da parte principal do clube. Podia ver a si mesma no espelho oposto. Ele havia dito que era bonita. Talvez estivesse esta noite. Sentia-se muito sexy. Ele a fazia sentir-se dessa maneira. Sua atenção e sorrisos, e a forma em que a tocava, tudo se combinava para fazer que se sentisse como se fora realmente sexy e atraente.

Arrastando-se para trás um pouco em seu assento, tratou de ficar mais cômoda e relaxada. Estava sentada em silêncio com ele de novo. Realmente era uma sensação agradável. Como se não tivesse que dizer nada um para o outro, só estar juntos era suficiente.

Ele se moveu, pressionando um botão que não tinha notado antes e depois se sentou de novo.

— Então, o que quer saber? — disse com sua voz profunda e quase em um sussurro. Fez que seu estômago desse um puxão, esquentando-a um pouco mais.

Inclinou-se, apoiando os cotovelos sobre a mesa e olhando-a fixamente. Ela se ruborizou, mas sabia que ele não seria capaz de vê-la esta vez. A iluminação na cabine a ocultaria bem. Ela podia ruborizar tanto quanto quisesse ali.

Parecia como se estivesse esperando uma resposta assim pensou um momento, tentando alinhar todas as perguntas que tinha tido flutuando em sua mente desde que o tinha conhecido.

Ela bebeu um gole de vinho para dar-se um pouco de falsa coragem e logo se inclinou também. Seus olhos caíram. Inclinou-se um pouco mais, conseguindo uma melhor visão de seu decote. Ele não era o único que podia ser sedutor e sensual.

A luta evidente que tomou ele, até conseguir olhar seus olhos de novo a fez sentir-se um pouco tonta, e quando seu olhar se encontrou com o seu, a temperatura na sala pareceu triplicar-se. Seus olhos se viam tão amarelos neste ponto, quentes e brilhantes. Ela os olhou, escutando em silêncio as palavras de necessidade e desejo que lhe falavam. Seus olhos se veriam dessa maneira? Como se tratasse de lhe rogar que atirasse a mesa para um lado e esquecesse a conversa e o vinho, e simplesmente a tomasse no lugar.

Se tão somente se sentisse um pouco mais valente, perguntaria o que queria. Queria ver se a realidade igualava a emoção da fantasia.

Ela bebeu o resto do vinho. Foi direto para suas bochechas.

Houve um golpe no marco que rodeava a cortina.

— Entre — disse Erik com os olhos fixos nela, escuro e sedutor.

Deus, faria o que ele quisesse.

Alguém correu a cortina para um lado e deu um passo dentro. Ela foi vagamente consciente de um homem pedindo algo ao Erik e do Erik respondendo. Ao mesmo tempo em que a olhava diretamente aos olhos. O pano de fundo se fechou de novo.

Bebeu o resto de sua taça de vinho.

— Fale-me de Alistair — disse.

Sua expressão se obscureceu, com a perda de todo seu ar relaxado.

— O que há com ele? — Sua voz combinou com seu olhar.

Ela pôde ver a ira em seus olhos e desejou não ter mencionado o seu irmão.

— Vocês dois não parecem dar-se bem, isso é tudo. Ambos são tão diferentes.

Recostou-se no assento e olhou fixamente à parede detrás dela. Estava olhando o espelho. Estava tratando de ver se era como seu irmão?

— Ele é como nosso pai. Eu sou como nossa mãe. Os dois são criaturas muito diferentes e nós também. Pensa mais nas mulheres, e eu penso em outras coisas. — Seu olhar escuro não mudou.

Recordou as palavras do Simon sobre o Erik, ou talvez sobre o Alistair.

— Blackwell — disse ela e Erik se estremeceu. — É um nome interessante... parece que tem muita história.

— Tem. Uma grande quantidade de histórias sangrentas. Não há nada bom sobre meu nome. Toda conotação que dá, revive-a. Minha história familiar não é agradável, Kim. Não vá ali.

Ele definitivamente não se chamaria só por seu sobrenome então. Dando-se conta de que o estava fazendo sentir-se incômodo, decidiu levar a conversação longe de sua família.

O pano de fundo se abriu de novo, revelando o mesmo garçom de antes. Colocou um balde de gelo e pôs uma garrafa de algo com broche de ouro. Tentou ver o que era. Duas longas taças de

champanhe foram colocadas em guardanapos de papel pequenas na mesa. O homem se foi.

Erik lhe serviu uma taça de champanhe.

— O que é? — disse olhando o líquido rosado profundo. Estava borbulhando com fúria. Algo lhe disse que qualquer que fora o ligeiro indício de intoxicação da embriaguez que sentia estava a ponto de explodir com vertigem em toda regra.

— Dom Pérignon. Pôs a garrafa no balde com gelo e a moveu para um lado, longe deles.

— É de cor rosa.

Ele sorriu e brincou com ela.

— É condenadamente caro. Só tem que desfrutá-lo. Parece desfrutar dos rosés e minha conta bancária pode suportar.

Ela tomou um gole. As borbulhas se aproximaram de seu nariz e levou o álcool diretamente a sua cabeça. Ela sorriu com o delicado sabor e o aroma. Tinha pensado que o vinho que tinha comprado no bar tinha sido caro. Nunca tinha tomado Dom Pérignon antes, e duvidava que o fizesse alguma outra vez com seu salário.

Apoiada na mesa, sorriu para ele. Ele a olhava, com a fome ainda visível em seus olhos.

— Você gosta? — Ronronou ele.

Ela assentiu, e tentou pensar em outra pergunta que lhe fazer enquanto todo seu corpo se superaquecia. Havia-lhe dito que lhe contaria tudo o que queria saber. O que era o que realmente queria saber a respeito do Erik Blackwell?

— Quantos anos tem?

Levantou uma sobrancelha e pensativo tomou um gole de bebida.

— Trinta e quatro.

As sobrancelhas dela também se levantaram.

— Fale-me de ti. — Ela apoiou a cabeça no alto, por uma parte consciente de que seria capaz de ver direto na parte superior outra vez, e não preocupar-se. Em todo caso, ela o queria ver. — Tenho muitas perguntas...

— Dê-me um ponto de partida — disse apoiando os cotovelos sobre a mesa e aproximando-se dela.

Moveu sua taça para ficar ao lado dela. Sua mão estava muito perto e a única coisa que podia pensar era na forma em que ele a abraçou, possessivo, protetor.

— Onde cresceu?

Inclinou-se um pouco para trás e a olhou pensativo de novo.

— Assim de longe, não é mesmo?

Ela assentiu.

— Muito bem. Cresci na casa da minha família, mas passei muito tempo na escola, ou no estrangeiro. Meus pais acreditavam que uma boa educação significava um internato. Para Alistair não importava, mas para mim sim. Eu não gostava de ser enviado para longe de minha família. — Franziu o cenho e logo se desvaneceu quando a olhou. — Isso provavelmente me faz soar como se fora um bebê grande.

— Não, absolutamente. Eu não tenho realmente uma família. Meus pais se mudaram ao

estrangeiro quando se aposentaram, graças a Deus, e mal vejo minha irmã. Ela está sempre tão ocupada. Tratamos de nos reunir de vez em quando para nos pôr em dia, mas parece que nos estamos distanciando. — Tomou outro gole de champanhe. Realmente estava delicioso. As borbulhas acariciavam sua língua, fazendo vibrar seus sentidos. — Quanto mais jovem é que Alistair?

— Como sabia que ele é mais jovem? — Sua expressão tornou-se curiosa.

— Só uma intuição. Os irmãos mais velhos sempre parecem ser mais amadurecidos, especialmente quando se trata de garotos.

— Só dois anos mais.

— Mas que diferença, não é mesmo? Simon me disse tudo a respeito de seu irmão. Pensou que era a respeito de ti. Eu sabia que não podia ser sobre ti.

Erik se inclinou para trás, seu olhar escureceu por uma fração de segundo antes que se suavizasse de novo. — Deixe-me adivinhar, todos os contos são pouco agradáveis.

Ela assentiu. Sua cabeça girou levemente.

— Não vamos falar dele — disse Erik e se aproximou outra vez, mudando para o lugar ao lado.

Ele pegou sua taça e seu joelho roçou o dela debaixo da mesa. Um estremecimento lhe percorreu as pernas pelo ligeiro toque.

— Viajei muito, tenho interesse nas artes marciais, e estou muito interessado em ti — ele disse, com sua voz tão baixa que ela pensou que tinha ouvido mau primeiro. — Fale-me de ti. Diga-me suas esperanças e sonhos, sua infância, de sua família. Quero saber tudo.

O intenso calor lhe queimava as bochechas, como se lhes tivesse posto fogo. Não tinha estado imaginando que estava dizendo que estava interessado nela. Tratou de pensar no que dizer, querendo torná-lo tão emocionante que ele pensaria que era digna do interesse dele.

Antes que pudesse falar, sua mão estava sobre ela, descansando sobre ela, engolindo-a. Ela o olhou. Seus dedos brincavam com os dela. Ou ele estava tremendo, ou era ela. Ou talvez eram os dois de uma vez. Parecia inseguro, não o seguro de si mesmo de sempre. Seu sorriso sedutor e a fachada tinham escorregado, lhe revelando o homem debaixo. Ele realmente estava interessado nela, e, pelo aspecto das coisas, não lhe importava se sua infância tinha sido aborrecida e seus sonhos eram impossíveis. Ele só queria saber mais sobre ela.

— Kim? — disse com um sotaque nervoso entrando em seus olhos. — Fale-me das coisas que quer na vida. Quer o pacote inteiro marido e crianças?

Seu coração partiu para uma velocidade alarmante e não pôde respirar. Ela agarrou sua taça de champanhe e engoliu, asfixiando-se, enquanto tratava de descer pela traquéia. Moveu-se pelo assento e ele esteve ao seu lado em um instante. Ela fechou os olhos, sustentando-a garganta. Sua mão acariciava brandamente suas costas e suas palavras em questão a fizeram tremer. As palmadas se converteram em uma massagem lenta que começou a fazê-la perder o controle de sua respiração. A palma cálida de sua mão se movia em círculos suaves por suas costas nua, tentadoramente e desenhando círculos ali. Recordou a sensação de seus dedos contra seus ombros no elevador. Seu estômago se esticou e uma forma de calor se instalou em seu abdômen.

Ela virou-se para ele e sorriu, sentindo-se ridícula. Sua pergunta a tinha pego de guarda abaixo por completo. Ela sabia que era só uma pergunta, não uma proposta, mas tinha sido quão último tinha esperado.

— Nunca pensei nisso — disse com sua voz sendo tensa. — Tenho só vinte e nove... não... sim quero. A vida passa tão rápido, não? Muito rápido. Não se pode hesitar sobre as coisas que quer.

— São meus pensamentos exatos — disse e voltou a encher seu copo e o dela.

Deu-se conta de que não se estava movendo de novo para seu lado da mesa. Suas coxas estavam quentes onde se pressionaram contra ela. À medida que se movia no assento, esfregavam-se entre si, por isso sua perna zumbia e formigava. Ela queria mais contato. Ela queria sua mão de novo na dela, com a boca em seu ouvido, enquanto lhe sussurrava palavras doces, e seus corpos pressionados com força um contra o outro.

Preferivelmente nu.

Capítulo 10

Erik sorriu quando Kim o olhou, com seus olhos e bochechas rosadas. Ela se via faminta, e adorava como cheirava. Podia entendê-lo. Os sonhos tinham estado a cinco passos diante de onde estavam agora também. Não podia tirá-los de sua mente. Cada vez que a olhava, pensou nas milhares de vezes que a havia tocado e beijado, acariciado e visto seu rosto enquanto derretia de prazer junto com ele.

Provavelmente não deveria haver-se saltado as perguntas mais formais a respeito de sua juventude e sua vida, mas tinha tido que saber se tinha alguma intenção de alguma vez estabelecer-se com alguém. Sabia que neste dia e idade isso não significava matrimônio e crianças, mas era o contato mais próximo a um matrimônio que podia conseguir. Tinha a eternidade diante dele. Isso era uma mudança de nome ou renascimentos. Geralmente, funcionava da mesma maneira. Teriam filhos que as pessoas saberiam, mas ninguém veria. Estas réplicas aparentes deles milagrosamente entrariam no mundo no momento em que seus pais aparentemente tivessem morrido. O ciclo continuaria. Não importava voltar a renascer no olho público ao longo do tempo. Estava certo de que algumas pessoas pensavam que sua família estava maldita. Assim muitas gerações tinham morrido horrivelmente e começado em sua vida. A papelada que provocava era uma dor, mas necessário se se tratava de evitar o descobrimento.

Seus pensamentos se afastaram quando se aproximou um pouco de seus sentidos e sentiu a Kim vendo-o. Gostava dessa sensação. A intensa paixão que se agitava cada vez que o olhava era quase entristecedora, mas ao mesmo tempo, era agradável. Ele sabia que quando a olhava, sentia algo parecido.

Bebendo seu champanhe, pensou em outra pergunta para conseguir fazê-la falar de novo. Provavelmente a estava fazendo sentir-se incômoda por estar tão perto dela e sem falar. Disse-se

que devia voltar para seu assento frente a ela, mas estar sentado ao seu lado era uma alegria e não queria renunciar a ela no momento.

— Então, o que é a vida para ti? Ouviste falar dos anos que passei preso em um internato, e de minha família.

Ela esboçou um pequeno sorriso, um vacilante. Deu-se conta antes que parecesse nervosa por lhe dizer sobre si mesmo. Bebeu um gole de champanhe e o engoliu enquanto se recostou no assento, localizado perto dele.

Ela estava bastante perto para poder senti-lo, sentir a largura de um cabelo de distância. Tudo o que tinha que fazer era inclinar-se um pouco.

Fechou os olhos quando lhe tocou o braço, os lados de ambos juntos por uma fração de segundo.

Respirou com força, e logo suspirou. Ele sorriu e a olhou, observando seus dentes brincando com seu lábio inferior. Quando por fim levantou o olhar para ele, surpreendeu-se ao ver que ela não parecia absolutamente envergonhada ou torpe pelo que tinha acontecido.

Em todo caso, parecia como se quisesse que voltasse a acontecer.

Moveu-se um pouco mais perto quando ela tomou outro gole de champanhe, com sua distração momentânea para reduzir a brecha entre eles.

— A vida? Bom... é de dia a dia não? Quero dizer, provavelmente não é para ti. Para você provavelmente seja como as pessoas da revista Heat, saindo em seu iate, com garotas penduradas em seus braços e um sorriso permanente — disse vendo-se nervosa de novo enquanto se aproximava do final de sua oração.

— Absolutamente — disse em voz baixa, movendo-se um pouco mais perto. Olhou sua boca, fascinado com a forma em que ela seguia brincando com seu lábio inferior. Ele morreria se lhe permitisse fazer isso. Lambeu os lábios, imaginando beijá-la e chupando os lábios em sua boca. Maldita seja, morreria como um homem feliz.

Estava tão desesperado por sentir sua boca contra a sua que um beijo provavelmente poderia matá-lo. Inclusive se isso fosse certo, tinha ainda que rogar que o fizesse.

Ela o olhava, levantando as sobrancelhas, como se não devesse ter dito mais do que o tinha feito e se esqueceu de dizê-lo.

— Só quis dizer que não sou proprietário de um iate, e não quero a uma garota pendurada em meus braços.

Ela sorriu. Seus olhos brilhavam com um pouco mais de confiança. Seu olhar caiu a sua boca quando sorriu, e ficou ali, centrada intensamente. Podia sentir o que queria e o que ela estava pensando. Queria que a beijasse, que a matasse ao igual em silêncio o pedia a gritos.

Inclinado para ela, ficou tão perto como seus sentidos permitiam. Os olhos dela se fecharam, ocultando suas escuras profundidades dele, e suas sobrancelhas se elevaram ligeiramente em um olhar espectador. Estava ali para que tomasse. Tudo o que tinha que fazer era deixar-se arrebatar esta oportunidade. Pedia-lhe que a beijasse.

Tomou a garrafa de champanhe.

— Quer mais? — sussurrou com a boca perto o suficientemente dela que só tinha que

mover uma polegada para que a tocasse.

Suplicava-lhe para que o fizesse, que encontrasse a confiança em seu interior para dar o primeiro passo para que não se sentisse miserável como ele se sentiria se a beijava. Esta tinha que ser sua decisão. Se se tratava de sua decisão fazê-lo, ele poderia havê-la influenciado por beijá-la no elevador ou no teto, ou inclusive no parque. Ela tinha que escolher esta opção, escolhê-la por ele.

E tinha que lhe dizer exatamente o que ele tinha dentro.

Não sabia como ela ia reagir a isso. Nas visões, tinha-o visto às vezes começando a trocar, e tinha ouvido o modo em que o fazia ronronar. Foi o suficiente para prepará-la para a realidade do que era? Para ela, um metamorfo era coisa de livros e filmes, não da vida real.

Ela o olhava fixamente enquanto a olhava sobre a mesa. Podia sentir seus olhos cravados no lado de sua cabeça e uma pergunta sem resposta pendurando em grande medida no ar entre eles.

Por que não a tinha beijado?

Um olhar furtivo foi suficiente para lhe demonstrar que a pouca confiança tinha nele, tinha sido roubada. Não deveria havê-la pressionado. Deveria ter beijado ela. Como podia fazê-lo sem que ela soubesse no que se estava colocando? Isto não ia ser algo breve, nenhuma relação que durasse talvez dois ou três anos, era uma decisão que alteraria sua vida, a dos dois. Não podia entrar nesta sabendo que ia sair, quando se inteirasse o que era. Queria estar com ela para sempre, e tinha que ser honesto se quisesse obtê-la.

Ela olhou seu relógio e franziu o cenho. Uma rápida olhada ao seu revelou que se estava ficando tarde. O clube estava começando a esvaziar. Voltou para seu rosto quando ela se separou dele, levantou a cortina para um lado um pouco e olhando para a sala principal do clube. Então deixou cair à cortina fechando-a de novo e lhe sorriu.

Bebeu o resto de sua taça de champanha e abriu a boca para falar, mas lhe adiantou.

— Quer dançar? — A voz dela tremeu e os nervos se mostraram em seus olhos.

Seu coração pulsou mais forte e rápido, enviando o álcool para seu cérebro no dobro de tempo.

Ele assentiu em silêncio.

Ela agarrou sua mão e foi imediatamente a seus pés. Quando se moveu fora da cadeira e se aproximou de seu lado, ela cambaleou um pouco e apertou sua mão livre em sua cabeça, sorrindo para si mesma. Era evidente que não estava acostumada a champanhe. Ia dizer que não tinham que dançar e que devia provavelmente levá-la para sua casa, mas quando o olhou, seu sorriso e felicidade, não pôde dizer as palavras. Ela queria isto, independentemente do fato de que estivesse um pouco bêbada. Ele a havia visto sóbria. Ela queria estar perto dele. Queria que essa fantasia se convertesse em realidade.

Ele só tinha que dizer para ela e logo poderia fazer cada uma delas real, logo que ela soubesse a respeito dele.

Tomando a garrafa de champanhe, ele engoliu os resto mortais da mesma ao tentar livrar-se de suas inibições e sorriu de volta para ela.

Se dançasse perto dele, se ela deixasse claro que queria lhe dar um beijo, então isso seria

confirmação suficiente para ele. Iria beijá-la então. Se ela tentasse ir mais longe, então faria o mesmo. Faria.

Saindo da cabine, manteve um firme controle de sua mão e a conduziu para a pista de dança. A música ia desaparecendo à medida que se aproximavam e seu coração deu um tombo quando se inteirou de que a próxima era uma canção lenta. Olhou por cima do ombro para Kim. Ela continuava sorrindo, estava um pouco tonta, e era difícil saber se era o álcool ou era a perspectiva de estar nos braços dele o que a fazia tão tonta como se sentia.

Falou para si mesmo que devia sustentá-la e rapidamente o fez, movendo seus braços ao redor da Kim no momento que estiveram na pista de dança.

Kim sorriu aos olhos de Erik enquanto se encontrava cara a cara com ele. Os nervos que tinha conseguido reprimir para lhe pedir que dançassem tinham retornado como os amigos que na verdade eram. Ela respirou fundo e escutou a música, deixando que a acalmasse e esperando que sua cabeça deixasse de girar. Era só uma dança.

Ela se queixou em voz baixa quando as mãos de Erik se apertaram contra suas costas, puxando-a para ele até que seus corpos se tocaram. Movia-se lentamente contra ela e suas mãos se moveram até seus braços, ganhando confiança quando seu olhar se obscureceu. Seus braços estavam tensos sob seu tato. Ela sentiu seus músculos através de sua camisa. Eles estavam tensos, poderosos. Fazendo com que seus joelhos enfraquecessem.

Suas mãos continuaram sua viagem e sua respiração ficou presa na garganta quando o olhar de Erik voltou a sustentar o seu. Ela o olhou nos olhos enquanto suas mãos chegavam a seus ombros. Seu corpo se sentia tão bem como se viu pela tarde, e tão bem como o tinha sentido em suas fantasias.

Ela não podia acreditar o que estava acontecendo. Um olhar ao seu redor mostrou que a maioria das pessoas na pista de dança eram casais e alguns deles nem sequer estavam dançando, não faziam mais que beijar-se.

Engoliu em seco desejando que Erik a beijasse. Como ele havia dito que estava bonita, deixou-se acreditar que suas fantasias poderiam se tornar realidade, ou que pelo menos ia beijá-la esta noite.

Certamente não dava esperança a uma garota lhe dizendo que estava bastante bonita quando não tinha a intenção de beijá-la?

As mãos de Erik desceram à curva de suas costas a tirando de seus pensamentos e se encontrou olhando profundamente seus olhos. Perdia-se neles, com a sensação da música atravessando-a e a forma em que ele se movia com ela. Era lento, sensual, seus corpos apertados juntos até que não havia espaço nem para o ar entre eles. Ela se apertou contra ele um pouco mais, mostrando que queria isso.

Que não era só ele.

Era à hora de mostrar isso para ele.

Nesse momento, não se preocupava com o trabalho e o que aconteceria se alguém se inteirava deles.

Ela só queria estar com ele, em seus braços, sentir seu tato, degustar seus lábios, e perder-se

no momento.

Ele sorriu ligeiramente. Suas mãos pressionando mais forte contra suas costas e a fez sentir como se não pudesse escapar. Ela não queria deixá-lo de todos os modos. As coisas estavam finalmente ficando interessantes. Movendo sua mão sobre seus ombros, um calafrio a percorreu quando roçou a pele nua de seu pescoço. Ela o acariciou, movendo suas mãos por trás de seu pescoço e deliberadamente deixando que suas mãos se movessem por ele.

Ele fechou os olhos um pouco e respirou profundamente, o suficientemente profundo para que seu peito tocasse o dela. Ela mantinha os olhos fixos nele, não querendo romper o momento. A música tinha desaparecido, afastando-se no fundo junto com o resto do mundo.

Ela reteve um gemido quando ele mudou de posição e sua perna se moveu entre as suas. A fricção provocou um delicioso desejo, que alimentava a necessidade que sentia, o que o convertia em um transbordamento e tornando-se algo impossível de resistir. Ela moveu a perna para ficar pressionada contra ele e ele respondeu, levantando-a ligeiramente.

Sua boca se abriu em um suspiro quando sua coxa esquerda roçou a sua, enviando um calafrio através de seu abdômen. Ela encontrou um pouco mais de coragem e deixou que suas mãos saíssem de seu pescoço. As baixando, apoiou-as em seu peito, sentindo os batimentos cardíacos e seus músculos ao respirar.

Seu coração pulsava tão forte como o dela.

Moveu-se de novo, a mão deixando suas costas. Ficou sem fôlego quando a sentiu contra sua coxa e o fogo lhe queimava onde ele a tocava. Ele se moveu um pouco mais acima, levantando a prega de sua saia, e ela se surpreendeu quando sua perna roçou a parte interna da coxa de sua perna direita. Ela jurou que pôde sentir seu pênis roçando-a. Também podia sentir a excitação manchando sua roupa interior.

Queria fechar os olhos, mas queria mantê-los ainda mais abertos. Não podia afastar os olhos dos seus, não importava o que acontecesse. Só tinha que manter o olhar fixo neles, vendo tudo o que sentia em suas profundidades e sabendo que isto não era uma fantasia.

Isto era real.

As mãos dele se moveram para baixo, por cima de seu estômago, com a sensação dos músculos, antes de seguir a linha da cintura em torno de seus quadris. Suas mãos se aproximaram, seu corpo em movimento dolorosamente duro contra o seu, derretendo-a.

Ela engoliu em seco quando passou os dedos brandamente por seus braços nus, deixando um rastro de fogo que rapidamente se transformaram em arrepios. Acariciou-lhe os ombros, seu toque apenas um jogo, despertando todo seu corpo com uma promessa do que podia fazer ela sentir se deixasse. Ela sabia o que ele podia fazer, as alturas vertiginosas de êxtase que poderiam alcançar juntos.

Ela inclinou seu corpo para o dele, sua virilha contra sua forte coxa enquanto suas mãos se perdiam por suas costas. Seus olhos arregalados quando se instalou em sua parte posterior, puxando-a mais perto até que sua coxa se esfregou contra sua vagina com cada movimento que faziam. Sua mente ficou confusa com o desejo que subiu por ela, levantando todo seu interior com ele e fazendo-a soltar todos os últimos fios de contenção que tinha estado sustentando.

Nada mais lhe importava. Não se preocupava que a empresa ficasse sabendo. Não se importava que as pessoas na sala provavelmente estivessem olhando-a. Não se importava se era um sonho.

Quão único importava era estar em seus braços e sentir a conexão entre eles. Com os olhos fixos nos dela, e os dela fixos nele, parecia que eles eram o mesmo, uma alma em dois corpos, um coração pulsando com força ao ritmo de suas respirações combinadas.

Suas mãos se moveram de novo, levantando a prega de seu vestido o suficiente para expor sua parte posterior por um segundo antes que o material caísse. A emoção apagou qualquer constrangimento que ela poderia ter sentido sabendo que as outras pessoas poderiam ter visto.

Ela sorriu, envolvendo seus braços ao redor de seu pescoço e fechando as mãos detrás de sua cabeça. Ele sorriu para ela, com as luzes do clube jogando em seu rosto, suavizando seu olhar até que ela esteve segura de que havia um toque de carinho em seus olhos, algo que não era desejo nem luxúria.

— É linda — disse.

Seus olhos se abriram de novo, seu sorriso desapareceu enquanto lutava para acreditar que o tinha ouvido corretamente. Ninguém jamais lhe havia dito que era linda. Aproximou-se, com seus olhos definitivamente nela, caindo diretamente em sua boca. Seu nó no estômago apertou-se. Seu coração pulsou com força em seus ouvidos. Ela podia sentir o beijo vir, estremeceu-se em antecipação. Suas mãos se apertaram ao redor dela, trazendo-a mais perto ainda. Sua cabeça se inundou.

Fechou os olhos.

Sua boca estava tão perto dela que podia sentir seu fôlego.

— Tão bela — sussurrou-lhe contra seus lábios.

Fechou os olhos e a brecha entre eles ao mesmo tempo se estreitou também. Seu corpo inteiro zumbiu com a emoção de seu primeiro toque, e quando ele começou a beijá-la, ela quis derreter-se em seus braços e render-se a ele como o tinha feito em suas fantasias. Ela passou a língua ao longo de seus lábios e abriu a boca, dizendo que queria receber um beijo apaixonado. O calor queimava através dela, acendendo sua fome e convertendo-se em dolorosa necessidade. Ela o beijou de volta, enterrando seus dedos no cabelo e sustentando sua boca firmemente contra a sua. Manteve os olhos fechados, concentrando-se no suave deslizamento da língua contra a dela e o calor de sua boca. Ele tinha sabor de champanhe.

De repente ele tinha ido e ela tomou um momento para conseguir juntar seus sentidos, abrir os olhos e olhá-lo.

— Há algo que precisa saber — disse com uma expressão um pouco muito séria para seu gosto.

O pânico se elevou na boca de seu estômago, mas manteve o controle. Nada ia estragar este momento.

— Não é casado ou está comprometido, não é mesmo? — Seu cenho se franziu e em silêncio rogou que não estivesse.

Sacudiu a cabeça e sorriu.

— Não, não é isso. É...

Ela negou, interrompendo-o. — Então não importa.

Ela apertou os lábios contra os dele, fechando os olhos no momento em que se encontraram e tudo se perdeu outra vez. Colocou suas mãos sobre seus ombros, seu beijo cada vez mais sendo fervente. Suas línguas batendo-se em duelo, lutando por domínio. Sua perna descendo contra ela, revolvendo o fogo em seu ventre até que ela foi à ganhadora na luta. Um calafrio a percorreu quando ele gemeu e suas mãos se agarraram a sua parte posterior. Esfregou seus quadris contra os dela e ela se esticou, seus olhos se abriram quando sentiu sua dura longitude. Ela rompeu o beijo e se lambeu os lábios, ofegando com fome enquanto o olhava nos olhos. Estavam incrivelmente brilhantes à luz baixa, olhando-a com um desejo feroz. Seus joelhos cambalearam um pouco, em parte devido ao álcool, mas sobre tudo por esse olhar. Ele realmente a desejava.

E maldito fosse o mundo, ela o desejava muito.

— As pessoas estão olhando — disse Erik.

Olhou a seu redor para os outros casais na pista de dança. Alguns estavam realmente olhando-os. Ela se encolheu de ombros. Não importava.

Erik se apoderou de sua mão e a conduziu de novo para a borda da pista de dança. Ela se moveu fora de seu alcance quando o alcançou e sorriu quando ele a olhou.

— Acompanharei você em um minuto — disse, tendo em conta o que estava a ponto de fazer e se realmente era certo. — Só tenho que ir ao banheiro feminino.

Capítulo 11

Erik se reclinou na cadeira na sala privada, seu pau estava duro e dolorido, à espera de Kim. Respirou fundo, tentando acalmar-se e dizendo a si mesmo uma e outra vez que o beijo tinha ido tão longe como o tinha feito. Tinha que dizer para ela.

A voz no fundo de sua mente o motivou para que tentasse dizer a ela e ela disse que não importava, e quando ela o beijou, acreditou. Em seu coração, ele sabia que não. Era fácil dizer algo que não importava quando não sabia o que era, o que a outra pessoa queria dizer. Se ela soubesse o que tinha para lhe dizer, estava malditamente seguro que se importaria.

A cortina se estremeceu e se separou. Kim apareceu, vendo-se um pouco mais corada que quando se foi ao banho. Perguntou-se o que teria estado fazendo ali. Seu coração continuava acelerado, o sangue trovejava em suas veias enquanto se movia para ele, levando seu desejo à vida de novo.

Antes que tivesse a oportunidade de falar, ela ficou em seu regaço, escarranchado sobre ele, mas com seu traseiro descansando sobre a mesa. Sua boca estava sobre a sua, beijando-o, sua língua sondando-o e explorando sua boca, lentamente em um momento, ávida no seguinte. Ela gemeu quando suas mãos pegaram a sua bunda, puxando ela para seu regaço, e ela o beijou mais duro. Sua língua encontrando a sua, saboreando ao longo dela e degustando sua doçura. Seu pênis

palpitava, rogando por atenção, e sua mente se sobressaiu ao lembrar-se do sonho onde chupava sua longitude.

Fechou os olhos e gemeu em sua boca.

Sua mão deixou seus ombros e ela recuou, rompendo o contato entre eles. Ele abriu os olhos e observou os dedos dela, hipnotizado enquanto lentamente desabotoava a parte superior do vestido, deixando seus seios descobertos com apenas o sutiã cobrindo-os.

Quando seu olhar se encontrou com o dela, ela sorriu com acanhamento, mas logo baixou o olhar para seus peitos antes de encontrar-se com seus olhos de novo. Era um convite. Nunca tinha rechaçado um convite, especialmente um como o que estava fazendo.

A atenção dela se moveu à cortina e o olhar confiante que levava vacilou um segundo antes que ela o beijasse outra vez, com as mãos em seu peito. Beijou-o ao longo da mandíbula e o pescoço, para baixo, sustentando-se contra ele, mas não tão perto que não podia continuar o que estava fazendo. Ela começou a desabotoar sua camisa. A primeira carícia de seus dedos contra seu peito nu enviou a fome mais primitiva através dele. Suas mãos se moveram pelos braços até seus ombros, e ele baixou as alças de seu vestido. Ele se recostou no assento, olhando seus seios e crescendo dolorosamente duro para ela.

Ela olhou a cortina de novo. Ele olhou ali e logo depois de volta para seus olhos.

— Ninguém nos vai incomodar — disse em voz baixa.

Ela pareceu ficar mais audaz ao ouvir suas palavras e continuou desabotoando sua camisa até que esteve completamente aberta. Ela a estendeu, com os olhos fixos em seu peito e estômago. Ele olhou para ela, seu olhar seguiu os dedos dela enquanto ela riscava a forma de seus músculos, ligeiramente jogando com suas unhas.

Ele respirou forte e ela sorriu. Reconheceu o olhar de seus sonhos. Sentia-se poderosa devido à forma em que reagia a seu contato. Ele estava feliz de lhe dar poder sobre ele. Não havia nada tão apaixonante e excitante como uma mulher segura de si.

Inclinando a cabeça para trás, viu seu olhar na cortina de novo. Quando voltou a olhar seu peito, pôde sentir a excitação dela. A ideia de ser surpreendida fazendo isto com ele era excitante.

Colocou uma mão dentro de seu vestido, tomando um seio enquanto a outra mão começava a desabotoar os botões. Seus olhos estavam fixos nele de novo, olhando-os atentamente e lhe fazendo sentir quão ligado estava com ela, que quase podia sentir seu próximo movimento. Ela mordeu seu lábio enquanto apertava suavemente um seio e esfregava o mamilo através do material de renda preta com o polegar. Seus olhos se obscureceram. Refletiam sua fome por ele, lhe mostrando tudo o que estava sentindo.

Reteve um ronrono quando sua mão deslizou para baixo e tomou sua ereção. Seu cenho se franziu e ela sorriu ligeiramente, suficientemente pequeno que poderia tê-lo perdido se não estivesse observando-a. Teve um pouco mais de confiança e gemeu quando sentiu o comprimento de seu pênis. Ele fechou os olhos quando ela o esfregou através de sua calça, torturando-o com a sensação de estar perto, mas muito longe de qualquer prazer.

Ela se inclinou para ele, pressionando seus seios na palma de sua mão e acariciando sua bochecha contra a sua.

— Desejo-te — sussurrou-lhe ao ouvido.

Seu membro balançava contra sua mão.

— Você me deseja também — disse com um sorriso malicioso enquanto recuava.

— Eu não tenho nada — disse com dor por querer estar dentro dela e amaldiçoando-se por não ter o bom senso de ter se preparado.

Seu sorriso aumentou, mas se ficou um pouco nervosa. Ela puxou seu vestido para cima e colocou a mão em sua calcinha.

Ele a olhou quando ela tirou os pacotes de papel alumínio brilhante.

— Banheiro feminino — disse com a voz tremendo agora.

Ele a agarrou e a beijou com força se esforçando para afastar qualquer vergonha que pudesse ter sentido.

Kim sorriu contra sua boca, as camisinhas seguiam firmemente agarrados em sua mão. Ela colocou o braço sobre ele, seus lábios brincando com as línguas um do outro. Esta era a decisão correta. Ela queria isto, e assim o fez.

Movendo as mãos por seu peito nu, foi um pouco para trás e olhou seu corpo. Estava tenso sob seu toque, reagindo muito bem a suas carícias. Riscando os dedos para baixo sobre os músculos do estômago até seu cinto e lutando por manter as rédeas de sua confiança à medida que começou a desabotoá-lo. Chupou o seu estômago, suas mãos agarrando seus quadris com força. Podia sentir os tremores e sabia que ele estava nervoso também. Por que estava nervoso? Nunca estivera com um homem que sentia dessa maneira, mas um olhar em seus olhos confirmou que estava.

O cinto cedeu e moveu o zíper de sua calça. Ela o baixou, não querendo estragar este momento. Ela não se surpreendeu ao ver que usava a roupa íntima preta. Ele se moveu um pouco quando ela tinha aberto completamente. Lambendo os lábios, seu estômago se retorceu nervoso e o coração pulsava contra o peito enquanto que ela movia sua mão para ele. Ela respirou fundo com excitação, e o álcool a fez sentir-se tonta, quase delirante.

Não sendo o suficientemente valente para tocá-lo diretamente, apoiou a mão contra seu estômago antes de movê-la e baixá-la. Seus olhos se encontraram com os dele antes que sua mão fosse para baixo, com as palmas para ele. Ela foi para baixo até suas bolas, sentindo como se moviam de forma fluída sob seus dedos com a mínima pressão, e logo se moveu ao longo de seu pênis duro. Seus olhos estavam meio fechados e ela conteve o fôlego enquanto passava seus dedos até a ponta. A reação de Erik a fazia sentir-se poderosa. Fechou os olhos e mordeu o lábio inferior, apoiando sua cabeça contra o espelho atrás dele.

Ela o olhou, e seu reflexo ao mesmo tempo. Acariciou todo o membro, puxando a cintura de seus bóxers e olhou para baixo quando o liberou. A visão fazia sua vagina palpitar de necessidade e ela enrijeceu seus músculos, enviando uma pulsação de prazer a seus clitóris. Podia sentir a umidade em sua calcinha.

Umedeceu os lábios e acariciou a coroa de seu pênis com um ligeiro toque. Seus quadris se sacudiram com fome para ela e o tocou de novo, esta vez passando os dedos ao longo dele e acariciando suas bolas. Ele gemeu baixo em sua garganta e abriu os olhos, dando-lhe um olhar que

a fez pensar como se estivesse rogando que o tirasse de sua miséria.

Sentada na mesa, colocou o preservativo para baixo e levantou o vestido. Sua atenção foi imediatamente para ela, seus olhos muito abertos e tentando ver o pouco que podia. Ela sentou firmemente com seus pés a ambos os lados de suas pernas e colocou um dedo de cada mão em sua calcinha. Levantou a parte posterior e a desceu até as coxas. O aspecto visível de fome e a fascinação de seu rosto era muito bom para que ignorasse, por isso levou os joelhos sobre ele e lentamente tirou a roupa íntima por suas pernas.

Tirando seus sapatos, levantou um pé e o apertou contra seu peito, seguido pelo outro pé.

Ele a agarrou pelos tornozelos.

Entre suas pernas, ela podia ver o sacudir de seu membro, uma pérola brilhante de excitação lhe dizendo o muito que estava desfrutando de seus jogos.

Ela inclinou para frente, empurrando seus peitos com a parte superior dos braços quando empurrou sua roupa íntima por suas pernas. Reunindo suas mãos, brandamente puxou e atraiu para seus pés sua roupa interior. Jogou-a sobre seu peito. Caiu e pousou sobre seu pau.

Abrindo as pernas e com seus pés a ambos os lados de seus quadris, ela se aproximou e tirou a roupa íntima de seu membro, assegurando-se de que o material se esfregasse ligeiramente contra ele.

Erik voltou a gemer, esticando sua mandíbula e com os olhos cravados nela.

Ela se endireitou e moveu suas pernas um pouco mais separadas.

Seus dedos se fecharam em punhos, deixando cair seu olhar para ficar em sua vagina exposta.

Levantando as mãos, passou-as sobre as coxas e ao redor de seu traseiro. Ele a aproximou da borda da mesa, e logo pressionou uma mão contra seu peito. Ela pegou a dica, inclinando-se para trás e deixando suas mãos para trás como apoio. Os nervos ameaçando ultrapassá-la de novo enquanto puxava para trás seu vestido, sua atenção fixa em seu montículo encaracolado.

Seu olhar cintilou na cortina e pensou em todas as pessoas lá fora. Qualquer pessoa podia entrar e interrompê-los. Um calafrio correu por ela e ela se entregou a ele. Seus olhos se fecharam no momento em que Erik colocou a ponta dos dedos brandamente sobre a parte interna de sua coxa esquerda. Inclinou a cabeça para trás e se centrou em seu toque, tentando adivinhar para onde e desejando que estivesse onde ela o queria.

Roçou-lhe a coxa, com um pouco mais de pressão nesta ocasião. Ela se queixou em voz baixa ao princípio, mas logo um pouco mais forte, ela dizendo para si mesma que se deixasse levar e se entregasse ao desejo.

— Olhe-me — disse Erik.

Ela abriu os olhos, não o evitando. Ela abriu a boca e ficou tensa quando o dedo passou pelos lábios de sua vagina, lhe fazendo cócegas.

— Desejo-te — disse e logo sorriu. — Você me deseja também?

Sorriu da forma em que ele havia transformado sua declaração anterior em uma pergunta. Ela assentiu e depois fechou os olhos quando escorregou dois dedos entre seus lábios e moveu para baixo desde seus clitóris até sua entrada. Ele os trouxe de volta, acariciando-a com excitação,

e fazendo círculos em seus clitóris.

Maldita seja estava molhada e pronta para ele. A sensação de seus dedos nela ia se convertendo em algo muito rápido para suportar.

Seus olhos se abriram e olharam avidamente para o seu pênis. Movendo-se para frente, ela se inclinou e passou a mão a seu redor. Moveu-se lentamente para cima e abaixo, agarrando-se com cuidado para que não levá-lo muito perto da borda. Franziu o cenho, seus olhos escuros enquanto ele a olhava, com os dedos ainda explorando-a.

Tomando um preservativo, ela o sustentou entre dois dedos, com os olhos desafiando-o a que tomasse e colocasse.

Ele tomou dela e o abriu. Seu coração estava correndo outra vez e foi então quando se deu conta que realmente estava acontecendo. Olhou-o com impaciência colocar a camisinha sobre seu pênis. Ela o desejava dentro dela agora. Ia ter relações sexuais com o Erik. Suas fantasias estavam a ponto de se tornarem realidade.

Saltou quando a agarrou pela cintura, levantando-a e movendo-a sentando-a na parte posterior dos bancos. Suas costas se apoiaram contra o frio espelho e se estremeceu.

Ele se moveu entre suas pernas, de joelhos sobre o assento com suas calças caindo ao redor de seus joelhos e empurrou seu vestido. Ela olhou por cima do ombro o espelho e sorriu ao ver sua tensa parte traseira, e logo seus olhos se abriram quando se viu. Ia vê-lo penetrá-la. Seus clitóris palpitou de novo e a encheu de calor líquido. Olhando os olhos de Erik, podia ver que a estava esperando. Ela abriu as pernas mais e pôs seus braços em seu pescoço, esperando que só estivesse esperando esse incentivo. Ele se moveu para frente e ela ficou rígida quando seu braço roçou a parte interna da coxa e a cabeça de seu pênis tocou seus clitóris.

Sorriu.

Devolveu-lhe o sorriso.

Seu sorriso foi substituído por um suspiro quando deslizou dentro dela, enchendo-a e estirando-a agradavelmente. Ela manteve os olhos fixos enquanto lhe murmurava algo e ela jurou que havia dito 'vinte e sete anos'. Ela disse a si mesma que estava imaginando e foi fácil esquecê-lo uma vez que se moveu em seu interior. Todos os pensamentos e a razão a deixaram, sendo empurrados longe pelo intenso desejo e a necessidade queimando dentro dela. Saindo quase que por inteiro, e logo entrando de novo.

Enquanto seu ritmo crescia, ela moveu-se para frente o máximo que pôde sobre ele para ter a uma melhor posição para os dois, e o beijou. Ele gemeu em sua boca e baixou uma mão a sua parte posterior, afundando suas unhas enquanto o ritmo de seu eixo se duplicava. Ele beijou seu pescoço e clavícula, e ela se aferrou a ele, lhe rogando que fosse mais rápido e gemendo com voz entrecortada no ouvido quando ele assim o fez. Suas mãos agarraram suas coxas, sustentando-a dolorosamente apertada e bateu contra o espelho detrás dela com cada impulso de seu eixo. A sensação de seu membro golpeando-a a deixou sem sentido e não pôde deixar de sentir o erotismo do que estavam fazendo quando abriu os olhos e se olhou no espelho.

Era cru e primitivo, o acoplamento desesperado, e longe de ser uma primeira vez romântica. Enterrando o rosto em seu pescoço, beijando-o e respirando com dificuldade contra ele enquanto

a tomava. Ela levantou sua perna, envolvendo-o ele todo e apertando seu controle sobre ele. Ela o queria mais forte, mais áspero.

— Mais — gemeu em sua orelha, com a outra mão enterrando-se em seu cabelo e sujeitando-o contra seu pescoço.

Ele se queixou contra sua garganta, entrando nela com longas e profundas estocadas. Ela olhou o espelho, fascinada de quanto se via consumida pela necessidade e o desejo, entregando-se completamente a ela.

Seus dedos se esticaram contra sua carne e ela franziu o cenho quando sentiu que seu membro palpitava dentro dela enquanto gozava. Respirava com força pressionando seu peito com força contra o dela. Ela se envolveu ao redor dele e se surpreendeu quando riu em seu ouvido.

— Essa foi um inferno de má primeira impressão — disse retrocedendo, mas ficando dentro.

Ela gemeu e se apertou de novo no vidro quando seus dedos brincaram com seus clitóris, apertando-o em círculos. Ela esticou seus músculos, sentindo seu pênis ainda dentro dela, e se centrou no movimento de seus dedos contra ela.

Seu estômago se esticou, todo seu corpo seguindo-a enquanto jogava com ela, fazendo-o mais e mais forte até que teve a sensação de que ia explodir. Seu nome saiu de seus lábios, pedindo mais em voz baixa. Retorcendo-se contra seus dedos, sua respiração se fez mais e mais rápida até que esteve alcançando o ápice e um só movimento de seu dedo ia enviá-la pra lá.

Apertou seus clitóris.

Seus músculos se contraíram ao redor de seu pênis, pulsando com o orgasmo, enquanto a esquentava. Ela respirou com força e tentou sorrir para Erik. Ele saiu dela, eliminando a camisinha e atando-o.

— Vai ser ainda melhor — disse.

Ela sorriu agora, divertindo-se porque ele se importava.

Agarrando sua camisa, deu-lhe um puxão e o beijou com paixão, lhe mostrando que não se sentia decepcionada como ele pensava claramente que estava.

Indo para trás, olhou-o nos olhos durante uns segundos, absorvendo o olhar que estava dando e tentando compreendê-lo.

Ela passou a mão em seu peito.

— Por que não voltamos a minha casa e me prova isso?

Capítulo 12

Erik a beijou lentamente, afogando-se nela, caindo no esquecimento com cada ligeira pincelada de seus dedos como plumas contra seu pescoço e rosto. Podia sentir que queria mais, assim como ele, mas na parte de atrás de um táxi não é o lugar para que as coisas fiquem loucas.

Ainda não podia acreditar que se deixou convencer por ela de levar as coisas tão longe no

clube. O olhar que alguns dos garçons tinham dado quando saíram dizia claramente que o fato não tinha passado despercebido. Não era só isso, entretanto. Havia dito que ia avisar antes que chegassem muito longe, e não o tinha feito. No calor do momento, havia se sentido muito bom para que resistisse e nem sequer tinha pensado nas consequências.

Agora ele não queria pensar neles. Queria enterrar sua cabeça na areia e seguir beijando-a, fingindo que eram só um homem e uma mulher, e não tinham começado algo entre eles que poderia ser sua perdição.

Teria que dizer para ela quando fosse o momento adequado e esperava que ela não o odiasse por isso, ou ficasse completamente assustada. O emparelhamento era um processo complicado, e por sorte o sexo era só uma pequena parte dele, e o que estavam fazendo não o afetaria.

Sua mão roçou o peito dele, explorando os músculos tanto como podia com sua camisa quase levantada completamente. Ele correspondeu seu movimento tomando um peito, lhe dando um apertão suave e sorrindo interiormente quando ela se queixou em sua boca. Não podia acreditar como essa noite estava se saindo, e as coisas melhorariam uma vez que chegassem a sua casa. Se queria demonstrar para ela que o sexo entre eles poderia ser cem vezes melhor do que tinha sido no clube, então ele estava mais que feliz de fazê-lo. Gostava das provocações.

O táxi se deteve.

O homem da frente murmurou algo sobre o dinheiro. Erik procurou em sua carteira, não querendo romper o contato com Kim, mas teve que fazer para conseguir tirar o dinheiro. Deu ao taxista uma cédula de vinte libras e lhe disse que ficasse com o troco. Uma cédula de dez libras era o que o taxista merecia por ter que suportar os dois se beijando até a morte na parte posterior de seu táxi. Embora passou pela sua cabeça a ideia de que o taxista era o que deveria lhe pagar. Ele sabia que o homem estivera observando-os.

Ao abrir a porta, saiu à calçada e abriu a porta para Kim. Parecia um pouco nervosa quando desceu do táxi e o olhou, com seus dedos alisando o vestido.

Levantou a vista para o edifício de apartamentos e logo para ele.

Seu olhar ficou nervoso de novo.

A noite não tinha feito nada para diminuir a temperatura. Ainda estava úmido e pegajoso, muito perto.

Ela o olhou fixamente.

O táxi se afastou.

Pareceu tirá-la de qualquer pensamento que a curvava. Um sorriso adornou seus lábios, e se fez mais amplo quando se apoderou de sua mão.

Ela não disse nada, simplesmente fechou sua mão e o levou pelas escadas até a porta principal do edifício. Esperou em silêncio enquanto ela a abria e logo a seguiu pelas escadas, com seus próprios nervos lutando contra sua confiança. Ele sabia que algumas das visões que ela tivera deles foram às mesmas dele. Os sonhos tinham sido compartilhados. Se os dois estavam adormecidos, ao mesmo tempo, então experimentavam as mesmas fantasias.

Agora tinha que fazer com que essas fantasias se tornassem realidade para ela. Era mais fácil

dizer do que fazer, e o senso comum lhe dizia que tinha que começar lentamente e que se concentrasse nos sonhos mais recentes. Era o momento de se conhecerem.

Kim sorriu para Erik quando chegou a sua porta. Ela não podia encontrar a chave e esperava que ele não se desse conta do quanto que suas mãos tremiam. No clube, não tinha podido parar de perguntar de novo sobre o apartamento dela. Durante sua viagem até aqui, os nervos tinham retornado e não estava certa de como agir com ele. Os beijos no táxi tinham fixado um tipo de ritmo em seu interior, uma espécie mais profunda de desejo que lhe pedia para aclamar as coisas agora. Ambos tinham deixado claro que desejavam um ao outro, e agora que a necessidade entre eles tinha sido saciada, queria que as coisas mudassem. Queria que o sonho no qual eles se exploravam centímetro a centímetro um do outro. Queria encontrar esses pontos delicados e as zonas sensíveis que o faziam ronronar.

Lembrou-se que os homens de verdade não ronronam.

Gemia então.

Queria lhe fazer gemer e vê-lo como se estivesse em seus sonhos, como se pudesse ver direto debaixo de sua alma e ver a pessoa que estava dentro dele, que nem sequer conhecia ainda. Ela queria encontrar a si mesma com ele, e perder-se nele, ao mesmo tempo.

Ao entrar na cozinha, pôs a jaqueta e a bolsa de lado. Procurou em seu refrigerador e se perguntou o que estava fazendo. Era mais álcool o que estava procurando? Não queria isso. Eles estavam provavelmente sóbrios agora. Se estavam sóbrios, o que acontecesse agora seria muito mais sério do que tinha acontecido no clube.

Virou-se para encontrar a porta da cozinha vazia quando estivera esperando que Erik estivesse ali. Ao sair à sala, fechou a porta da entrada, e logo franziu o cenho quando olhou no corredor e a sala de estar.

Erik estava passeando. Ela o olhou, estudando suas mudanças sutis de expressão. Estava nervoso, mas ainda parecia perigosamente sedutor quando seu olhar posou sobre ela. Ela foi arrastada até ele, rasgada entre o desejo de beijá-lo e acalmá-lo por alguma razão que não podia deduzir. Havia uma luta escrita nos olhos dele, como se estivesse tendo uma batalha interna que não podia falar em voz alta, mas que ela entendia por instinto. Embora, não soubesse o que era.

Caminhou pelo corredor, direto para ele, e se deteve em seco. Ele olhou seus olhos, seus olhos mel lhe mostrando tudo o que sentia, e ela desejava poder entender tudo.

Levantando sua mão, tomou sua bochecha e logo o acariciou. Seu polegar passando através de seu lábio inferior e as emoções fortes em seus olhos começaram a reviver. Suas pupilas dilataram e beijou seu polegar. Ela arrastou as gemas dos dedos por seu pescoço, por sua clavícula e depois debaixo de seu pomo de Adão.

Ela estirou o pescoço e lhe deu um beijo, escutando sua constante respiração enquanto explorava sua garganta. O sabor era salgado e cheirava a sol quente de verão. Podia sentir os batimentos cardíacos contra seus lábios enquanto ela beijava o flanco de seu pescoço e logo descia para a clavícula. Sua pele era tão cálida. Ele moveu a cabeça para trás e sorriu quando ouviu o gemido tranquilo em sua garganta.

Pouco a pouco desabotoou a camisa enquanto a boca dela se movia até seu peito, tirando

tudo, com vontade de tirar o maior proveito dessa noite. Deu um passo atrás quando abriu a camisa, e passou as mãos até o seu peito, seus dedos riscando suas costelas e passando sobre os músculos de seu estômago. Seus olhos seguindo suas mãos, vendo como cruzavam as axilas, esfregando os polegares sobre seus mamilos excitados, antes que as palmas de suas mãos voltassem para seu peito e acariciassem seus ombros.

Tirou-lhe a camisa dos ombros, desenhando lentamente seus braços, deleitando-se com a sensação de seus músculos fortes debaixo de seus dedos. A camisa saiu sobre seus braços, atirou-a no sofá e passou os dedos por seus braços. Ela os olhou, memorizando cada veia e a forma de cada músculo enquanto o explorava. Era impressionante. Seus ombros quadrados estavam jogados um pouco para trás, acrescentando definição ao seu corpo. Havia tal proeza nele, poder, como ela nunca tinha visto antes.

Seu coração deu um salto quando seus dedos roçaram seus peitos e começou a desabotoar o vestido. Ela olhou em seus olhos, vendo sua fascinada expressão enquanto lentamente revelava a seu olhar. O desejo se moveu nos olhos cor mel, enviando calafrios e despertando a sensibilização através de seu corpo. Ela passou suas mãos ao longo de seus braços, com um efeito ligeiramente fantasmagórico por cima deles, e logo se apoderou de suas mãos. Guiando-o, tirou o vestido que se deslizou por ela, ficando detido em seus quadris. Depois, se escorregou dela e ficou agrupado ao redor de seus pés.

Ela levou as mãos para baixo, fazendo que ele tomasse seus peitos e logo se movendo à parte posterior enquanto dava um passo para ele. Ele aceitou o convite. Com um só movimento se desfez de seu sutiã. Ela começou a dar respirações fortes e profundas quando seus dedos a acariciaram nos ombros, e baixou as alças dele, descendo-os por seus braços.

O ar frio se apoderou de seus peitos nus e seus mamilos endureceram, desesperada por seu tato. Não lhe importou estar diante dele com apenas sua calcinha. Fechou os olhos com a primeira carícia ligeira de seus polegares sobre seus mamilos. Seus dedos pressionados aos lados de seus peitos, levantando-os ligeiramente à medida que circulava seus mamilos com as gemas dos polegares. Ela se queixou em voz baixa, desejando que levasse para sua boca.

Abrindo os olhos, inclinou-se sobre ele e desabotoou o cinto. Podia ver seu pênis duro através da calça. A lembrança da forma em que o tinha sentido em seu interior agitou seu desejo e lambeu os lábios, com vontade de senti-lo outra vez. Com muito cuidado desabotoou a calça e a deslizou para baixo por seus quadris. Ele tirou os seus sapatos e logo saiu de sua calça, aproximando-se dela.

Suas mãos exploravam seus quadris, memorizando cada imersão e pico de seus músculos e fortes pernas. Ela se sentia cálida onde quer que a tocava, suas carícias com os dedos estavam na curva de sua coluna, correndo sobre a parte baixa de suas costas e seguindo por seu estômago. Suas mãos pareciam estar em todas partes de uma vez, deixando que seu fogo acendesse ainda mais.

Prendeu os polegares na cintura de seus bóxers no mesmo momento que ele começou a empurrar a calcinha pelas pernas dela. Ela sorriu quando o olhou, seus olhos seguiam refletindo sua fome e seu corpo lhe dizia o muito que a desejava. Dando um passo para trás, ela saiu de sua

calcinha e a chutou para um lado. Quando devolveu o olhar, estava nua.

Deu-se um momento para olhar ele, observando seu físico e quão bem estava. Estivera correta. Adônis não tinha nada que fazer com este homem.

Movendo-se de volta para seus braços, beijou-o com força, com sua língua explorando sua boca enquanto suas mãos percorriam seu corpo. Dedos brincavam com seus mamilos, o que aumentava sua excitação e sentia necessidade de queimar mais em seu interior. Ela se derretia em seus braços, sentindo seu caminho ao redor de seu corpo, movendo-se lentamente mais baixo ao mesmo tempo em que suas mãos o faziam. Ela gemeu em sua boca quando ele passou uma mão por seu encaracolado cabelo, e logo moveu um dedo entre os lábios de sua vagina.

Sua mão pousou em seu membro. Ele gemeu e a beijou mais duro, com seu dedo circulando seus clitóris e dando-se conta de quão molhada estava por ele. Ela acariciou sua longitude, sentindo o puxão debaixo de seu toque, evidenciando sua vontade de mais atenção. Ela sorriu contra sua boca e levantou a perna, pondo seu pé no assento de sua poltrona. Sua mão se moveu mais abaixo e seus olhos se abriram quando um dedo escorregou no interior dela. Ela apertou seu pênis um momento antes de soltá-lo de novo. Concentrando-se no lento bombeamento de seu dedo, igualou seu ritmo ao de sua respiração, seus dedos tocando ligeiramente sua longitude.

Gemeu de novo e chupou o lábio inferior da boca, beijando-a ainda mais faminto. Ela sabia o que queria. Passou o polegar sobre a cabeça de seu pênis, esfregando o ponto sensível em ambos os lados dele, lhe fazendo gemer de novo, e tremer. Desejava-o muito. Queria-o de volta em seu interior.

Erik franziu o cenho quando ela se separou dele. Estava a ponto de lhe perguntar o que acontecia quando se afastou e desapareceu na cozinha. Quando retornou, levava sua bolsa e ele esperou por Deus que tivesse em mente o que ele pensava que tinha. Baixou a luz do teto um pouco, obscurecendo a sala, e pôs sua bolsa no sofá.

Observou com entusiasmo como a abria, seu pênis lhe rogava que o tocasse enquanto a observava. Ela estava deliciosa dobrada assim, com seu traseiro levantado no ar, seus seios movendo-se livremente.

Quando se endireitou, sustentava outra camisinha. Ele sorriu, tomou e o abriu.

Franziu o cenho quando ela o tirou de volta.

Deu um passo para ele, com uma mão envolvendo elegantemente bem ao redor de sua longitude, enquanto que a outra descia a camisinha. Seu cenho se franziu quando ela rodou sobre ele, com movimentos lentos e sensuais, seus olhos nunca deixando os seus. Havia um desejo tão flagrante e faminto que teve que dar uma respiração profunda para evitar tomá-la ali e nesse momento.

Tinha que manter o controle.

Esta vez tinha que ser melhor que a última vez.

Ela o desafiava, depois de tudo. Beijou-a devagar, descendo até o chão. Não queria apressar as coisas desta vez. Tinha que lhe mostrar até que ponto as coisas entre eles poderiam estar bem. Se não podia encontrar as palavras para lhe dizer a respeito de seu lado primário, então tinha que fazer as coisas tão bem como podia para que quando se inteirasse do inevitável, houvesse menos

possibilidades de que o deixasse.

Beijando-a ao longo da clavícula, encontrou seus joelhos. Passou as mãos por seus flancos enquanto finalmente se deteve por completo sobre o tapete cor nata. Provavelmente não era o melhor lugar para fazer amor, mas era mais interessante que uma cama. Os dedos dela percorriam seu corpo, arranhando-o às vezes e acariciando de leve como uma pluma. Ele se queixou em seu pescoço, dando um impulso para fora ronronando enquanto seus dedos continuavam seu baile sensual por suas costas. Sentia-se tão bem por ela estar perto dele, que pudesse cheirar seu desejo e sua necessidade, e ver o crescente afeto em seus olhos. Não havia dúvida agora em seu coração que ela gostava dele, possivelmente tanto como ele a adorava.

Baixando a cabeça para seu peito, beijou-lhe o peito esquerdo. Passou a língua por seu mamilo, sentindo-o apertar-se debaixo de seu toque, e sorriu por dentro quando ela levantou o joelho, elevando o quadril. Uma de suas mãos deixou a exploração de seu corpo e se pressionou contra a parte posterior de sua cabeça, sujeitando-o. Ele não ia a nenhuma parte. Podia fazer isto toda a noite, só lambê-la e mamar dela. Ainda estaria duro para ela no final de tudo.

Seu outro joelho se aproximou e apertou nos quadris entre eles. Ela se retorceu debaixo dele, com seu estômago plano contra ele. Parecia que ele podia esperar toda a noite, mas ela não poderia.

Movendo a língua ao redor de seu mamilo pela última vez, moveu-se ao outro e o chupou com sua boca. Podia esperar um pouco mais. Ele queria que chegasse ao ponto de explodir antes de entrar nela. Queria explorar cada centímetro dela como o tinha feito em seus sonhos.

— Erik — sua voz foi um gemido entrecortado.

Enviou um arrepio de prazer através dele, conhecia a forma em que pronunciava seu nome tão faminta e suplicante, e misturado com a necessidade, como se ela nunca quisesse que deixasse de fazer isso. Ele nunca deixaria. Ela só tinha que dizer uma única palavra e sempre seria assim entre eles.

Ficou surpreso quando se virou de costas. Ficou submissa enquanto se sentava de novo nele, com os joelhos em ambos os lados de seus quadris e sua virilha pressionada firmemente contra a dele. Ela sorriu. Estava tão confiante e controlada que murmurou em voz baixa palavras de submissão para ele. Sua mente disse que a deixasse estar no controle, mas seu coração lhe disse que havia lançado um desafio e que se lhe entregasse o controle seria um erro para esse desafio.

Ele gemeu quando ela envolveu sua mão ao redor de seu membro e o guiou para sua entrada. Afundou-se de novo sobre sua longitude, seu sorriso desaparecendo em um gemido enquanto enchia-a. Ele entrava mais profundo que a última vez. Esta posição deixava-lhe todo o caminho livre em seu interior. Seria tão fácil deixar que ela o montasse sobre seu prazer.

Movendo-se de uma vez sobre ela, a cobriu no chão com seu corpo, seus olhos encontrando os dela. Ela os olhou, os seus estavam largos e escuros pelo desejo.

Saindo dela, deslizou de novo com suave força. Suas sobrancelhas franziram-se, mas seus olhares permaneceram fixos. Manteve contato com seus olhos enquanto movia-se dentro dela, longo e lento em estocadas estáveis, capazes de continuar sem a soltar.

Sentia-se tão vinculado a ela. Ainda que tivessem feito no clube e tinha se apressado e tinha

sido áspero, havia se sentido como se estivessem ligados em um nível mais profundo. Os olhos estavam meio fechados quando se apertou ao redor de sua longitude, seu doce ofego quente sobre seu rosto e seus gemidos insistindo que a acalmasse. Ele se apoderou de suas mãos, fechando os dedos sobre os dela e os sustentando com força. Ela o olhou com os olhos muito abertos e se perguntou se podia sentir a conexão também.

O ritmo de seu eixo aumentou, seus quadris empurrando em um esforço por encontrar o lugar no qual teria que gritar seu nome. Suas mãos deixaram as dele e o agarrou pelos ombros, com as unhas se afundando profundamente. Baixou sua cabeça e apertou sua bochecha contra a dela, fechando os olhos enquanto se concentrava. O suor de seus organismos fazendo com que suas peles se colassem um momento e se movesse um contra o outro no seguinte. Podia senti-lo amortecido em suas costas. O calor do verão misturava-se com o calor de seu amor. Seu corpo ficou tenso embaixo dele, seus gemidos sussurrados lhe pedindo que não se detivesse. Fez uma careta quando ela lhe fincou as unhas mais profundamente, certamente deixaria marcas para que se lembrasse deste momento. O impulso estava mais forte nela, gemendo em seu ouvido e desejando deter o rosnado. Todo seu corpo ficou tenso, pronto e esperando o último empurrão que penetraria nela e a levaria com ele.

Ela se retorcia embaixo dele, com as pernas o envolvendo, suas palavras baixinhas sendo como um estímulo zumbindo em seus ouvidos. Deixando-se ir, ele a agarrou pelos ombros e se mergulhou nela, mais duro e mais rápido, movendo com o ritmo de seus batimentos cardíacos. O excitava, dizendo-lhe que fosse mais e mais rápido até que não pôde seguir mais. Ele obedeceu, como um escravo da luxúria, com o prazer lhe enchendo a mente, e implorando a mulher em seus braços.

Podia sentir o quão perto estava. Suas pernas estavam fechadas contra suas costas e seus músculos apertando seu pau, enquanto ela o ordenhava, estando incrivelmente apertada ao redor dele. Impulsionou ainda mais nela com longos movimentos rápidos que fez com que mordesse o lábio para se deter. Suas bolas apertadas, seus instintos gritando que só umas poucas estocadas mais e estaria ali, e esperava que ela estivesse ali com ele.

Ela puxou embaixo dele, suas pernas ao redor flexionando-se sobre os quadris e a pélvis descendo enquanto chegava. Ele sentiu as convulsões em torno dele, pulsando com seu orgasmo enquanto ela gemia em seu ouvido, sua respiração sendo rápida e entrecortada. Apertando os dentes, seu orgasmo saiu, estendendo por ela e procurando o próprio.

Ela lhe deu um beijo no pescoço e depois na bochecha. Ele grunhiu baixo em sua garganta para que não o ouvisse e gozou duro, seu pau palpitando enquanto abrandava suas estocadas. Respirou fortemente em seu pescoço, dando-lhe beijos de vez em quando enquanto o calor de seu orgasmo se propagava através dele, sedando a cada um de seus nervos. Seu coração tinha disparado. Fechou os olhos, escutando o ritmo entrecortado de seus batimentos cardíacos combinados. Ele podia escutar o dela palpitando com fúria, mas mais lento que o seu.

Virando-se, a puxou para cima dele. O suor saindo pela pele, pelo que era difícil para ela mover-se, mas a ajudou para arrastar-se pelo seu corpo. Ela sorriu e logo fechou os olhos quando esticou seu pescoço.

Beijou ela devagar, reafirmando sua conexão e tentando mostrar como se sentia.

Como ela o tinha feito se sentir.

Ele esperava que ela o soubesse.

Capítulo 13

Kim bocejou e sorriu adormecida. Sentia-se tão relaxada. Esticou-se um pouco, procurando um lugar fresco debaixo dos lençóis. Podia ouvir os carros lá fora e as risadas ocasionais das crianças jogando. Piscou com olhos abertos e seu sorriso cresceu ao ver Erik.

Estava deitado ao lado, os olhos mel brilhando com a luz da manhã. Fixaram-se intensamente nela.

— Olá. — Disse em voz baixa.

— Bom dia. — Sorriu.

Ela fechou os olhos e respirou fundo quando a beijou, remexendo os sentimentos de satisfação e calma em sua vida. Isso era bom. Não havia se sentido tão bem em anos. O domingo era realmente como domingo. Quando a beijou mais profundamente, virou-se e tampou a boca.

— Deveria escovar os dentes. — Disse ela, saindo da cama com a mão ainda cobrindo seus lábios.

Não se incomodou em agarrar nada para cobrir-se. Ao diabo a modéstia. Erik ficou de costas e se esticou, com um montão de lençóis enredados cobrindo seus quadris. Os olhos passando por seu corpo nu. Quando a olhava assim, sentia-se muito sexy e formosa. Ela demorou um pouco mais, baixando a mão e deixando-o obter um bom olhar. Ele sorriu preguiçosamente, com os olhos um pouco fechados enquanto deixava escapar um comprido suspiro. Estava contente de novo, estendido na cama como se fora o único lugar no mundo no que queria estar.

Ela não podia acreditar que tinha dormido com ele. Não podia acreditar que tinham feito três vezes, e cada vez tinha sido mais intensa. Devolveu-lhe o sorriso, tentando desesperadamente não ruborizar-se.

Ao entrar no banheiro, continuava sorrindo. Parecia que não podia parar. Olhou-se no espelho e passou os dedos por seu cabelo bagunçado com o sono. Estava um pouco duro depois de ter bebido a noite anterior, mas nunca se viu tão bonito como estava hoje. Era formosa. Isso é o que lhe disse e acreditava. A forma em que a olhava, e a forma em que a beijava, a fazia se sentir como se estivesse dizendo a verdade. Realmente acreditava que era formosa. Ela sorriu para seu reflexo.

Afastou-se quando ouviu Erik levantar-se da cama.

Sua cama.

Ela sorriu de novo e pegou a escova de dentes, perguntando-se se era normal que se sentisse tão tonta e tola depois da noite mais maravilhosa de sua vida.

Escovando-os dentes, seus pensamentos repetidos durante toda a noite voltaram enquanto

se olhava no espelho. Tinha esperado que terminasse assim, mas nunca tinha sonhado que ia acontecer. Bom, tinha sonhado, mas a realidade nunca foi como uma fantasia. Só que agora era. Suas fantasias estavam se tornando verdade.

Erik apareceu detrás dela no espelho. Continuava sorrindo e incrivelmente relaxado. Bastante sexy também. Seu cabelo negro estava bagunçado e não havia um pingo de sono em seus olhos. A forma em que estava de pé atrás dela nua, com os dedos esfregando seu cabelo, nunca tinha visto alguém tão sexy.

Concentrou-se em escovar os dentes enquanto seu olhar se intensificava atrás dela, mas se desintegrou quando todos seus sentidos se concentraram em seu corpo tocando o dela. Podia sentir sua virilha contra ela, seu quadril tocando seu traseiro. Sua mão movendo-se ao redor de sua cintura, lhe dando um beijo no ombro.

Seus olhos se abriram e se deu conta que tinha a boca cheia de pasta de dente que tinha que cuspir. Deu-lhe um olhar de pânico.

Ele sorriu e assentiu para a pia. Ela negou. Fechou os olhos e riu em voz baixa.

Enxaguando a escova de dente, colocou de volta no suporte e logo levantou a mão e cobriu os ouvidos de Erik antes de inclinar-se sobre a pia e cuspir o conteúdo de sua boca. Liberou o Erik enquanto abriu os olhos e deu um pequeno sorriso antes de agarrar o enxaguante bucal.

— Posso? — Disse.

Ela o olhou. Referia-se a sua escova de dente. A ideia de um Erik de hortelã a fez assentir imediatamente.

Ela bebeu o enxaguante bucal e o observou escovar os dentes enquanto o líquido com sabor de hortelã formava redemoinhos ao redor. Seus olhos se perdiam em seu corpo, detendo-se na curva forte, correndo por suas costas e nádegas. Adônis definitivamente não tinha nada que fazer com ele. Era mas bem como o David de Michelangelo.

Era perfeito.

Beijou sua pele bronzeada esticada ao longo dos músculos definidos, tudo coroado com o mais formoso rosto que tinha visto. E esses olhos. Ele a olhou, com seus olhos de cor mel curiosos. Provavelmente se perguntava o que estava pensando enquanto o olhava. Perguntava-se o que pensava cada vez que o olhava.

Fez um gesto para que ele fechasse os olhos e tampasse os ouvidos. Ele o fez. Cuspiu o enxaguante bucal na pia e tocou o ombro dele para que soubesse que poderia abrir agora.

Cuspiu na pia e lavou o enxaguante bucal, cuspindo na pia também. Perguntava-se por que estava sendo tão delicada em torno dele, quando estava tão relaxado ao seu redor.

— Quer tomar banho? — Ela perguntou.

Seus olhos caíram sobre seu corpo e pouco a pouco se levantaram de novo, subindo a temperatura do interior dela. Não precisava falar para que ela soubesse exatamente o que estava pensando. Estava ali em seus olhos quando se encontravam com os seus. Poderia tomar uma ducha. Parecia divertido. E era um passo para conseguir colocá-lo na banheira com ela.

Movendo a porta do box para um lado, abriu a água e comprovou a temperatura da mesma. Virou para olhar Erik. Ele deu um passo para ela e não pôde deixar de imaginar quão bem seu

corpo iria estar quando estivesse todo ensaboado. A vida estava cheia de novidades, e esta era outra.

Ao entrar na ducha, deu espaço para Erik. Ficou de pé sob a ducha com a água caindo sobre suas costas e fechou a porta. A água estava fria, enquanto caía sobre ele e ela, mas não fez nada para diminuir sua temperatura. Lembrou que as coisas não podiam ser muito íntimas.

Eles usaram até o último dos suprimentos que tinha comprado no banheiro feminino na noite anterior.

Os olhos dela percorreram seu corpo, pouco a pouco abrindo caminho até seu rosto. Seu cabelo estava úmido agora, pego na testa e brilhando com a luz da manhã entrando pela janela do banheiro. Sorriu, tomando coragem para fazer alguma coisa. Seu olhar se moveu, depois de um rastro de água que corria por seu corpo. Riscou uma linha sobre seu peito, estômago, formando uma curva ao redor de seu umbigo antes de seguir o contorno de seu corpo para baixo.

Se deteve ali, olhando o membro e o pelo escuro e encaracolado que se encontrava ao seu redor. Estava mole, mas dava a impressão que se tocasse Erik em qualquer lugar, voltaria à vida.

Pegando o sabonete líquido, colocou um pouco em sua palma e se ensaboou as mãos. Seus olhos se encontraram com os dela outra vez e sorriu. Engoliu em seco e deu um passo para ele. Suas mãos tremiam enquanto as levava até seu peito e as colocou sobre ele. Começou as move-las em círculos pequenos,espumando seu corpo até que ficou sem sabão. Ela franziu o cenho.

Erik se inclinou e se virou quando chegou junto a ela. Agarrou o sabonete líquido e apertou uma quantidade grande para o tamanho de seu corpo. Ela se ruborizou enquanto descia, seguindo o caminho da água e tentando-a a segui-lo com as mãos. Ele se apoderou delas e as pôs de novo nele, com seu sorriso animando-a para explorá-lo, para desfrutar do momento.

Apertou um pouco do sabão nas mãos e as ensaboou. Ela tremia com antecipação, seu corpo em silêncio pedindo a gritos seu toque enquanto esperava. Suas mãos pareciam mover-se lentamente e esteve a ponto de murmurar palavras de doce alívio quando por fim a tocou, com as mãos escorregadias sobre seus peitos. Centrou-se em seus movimentos por um momento, na carícia suave de suas mãos sobre sua pele e a leve pressão que aplicou quando passou por cima de seus mamilos e logo começou sua própria exploração por ele.

Suas mãos seguiram o rastro do sabão, esfregando a pele. Voltou-se só espuma cortando pela água que caía em cascata por ele, deixando manchas de pele e sabão sobre sua pele nua. Suas mãos se moveram pelos flancos, seguindo a curva de sua cintura e ela tentou não rir quando lhe fez cócegas. Ele riu , lhe mostrando que se deu conta. Ela foi diretamente ao ponto certo por cima de seu quadril e lhe fez cócegas ali.

Suas mãos deixaram de se mover.

Também o fizeram as dele.

Como diabo tinha sabido que era delicado ali? Ficou no lugar, com o cenho franzido, e a tocou outra vez. Retorceu-se quando o fez, tentando tirar suas mãos.

Como o tinha sabido? Talvez todos os homens tinham cócegas ali, ou um de seus ex-namorados tinham.

Era tão familiar, como se tivesse feito isto com ele antes. Recordou que o tinha feito. Tinha

feito cócegas nele uma vez em uma de suas fantasias. Sabia que ele tinha cócegas ali. Como? Uma fantasia só era isso. Não era real. Tudo o que sabia a respeito dele lá, não podia ser certo aqui.

Ele poderia ronronar?

Passou as mãos pelo peito e o ensaboou, tirando a espuma que restava nela e colocando os dedos em seu cabelo. Ela o olhou nos olhos quando seu instinto insistiu que esfregasse o lugar detrás da orelha. Seus olhos fecharam ligeiramente e logo se abriram de novo, tudo como se estivesse tentando evitar que se fechassem por completo e não ter que arranhar-se. Moveu-se mais perto e inclinou a cabeça para ela. Deu-lhe um beijo na mão e a sustentou, levando-a de volta para seu peito. Abriu os olhos e a olhou. Parecia preocupado.

Ela se encolheu de ombros, talvez estava lendo muitas coisas. Não havia cabelo e não estava a ponto de começar a ronronar, não importava o quanto esfregasse detrás das orelhas como um gato.

Ela ofegou quando ele a agarrou pela cintura e se voltou com ela, pondo-a sob a água. Molhou-se em questão de segundos, o cabelo liso contra seu rosto. Deu um passo para frente um pouco e sacudiu o cabelo para trás, tirando-os dos olhos. Erik sorria, mas vacilou quando fez contato com seus olhos.

Seu olhar caiu sobre seu corpo e levantou uma sobrancelha. Ela baixou o olhar para seus mamilos e levantou as mãos ensaboadas. Ela captou seu olhar de novo quando circulou os mamilos com os dedos. Ele gemeu e seu cenho franziu por um momento. A coisa seguinte que soube foi que tinha seus braços ao redor dela e a estava beijando. Podia sentir seu endurecimento contra a longitude de seu quadril e o rodeou passando os braços ao redor de seu pescoço, beijando-o de novo e tentando que sua mente se afastasse das coisas estranhas nas que tinha estado pensando a poucos momentos.

Ela gritou contra sua boca enquanto caía a água fria. Deixando-se levar por ele, ela abriu a porta e saiu do box. Estremeceu-se quando agarrou uma toalha para si mesmo e entregou uma Erik.

— Suficiente de água quente por agora. O edifício conta com um tempo péssimo. — Ela esfregou seu corpo com a fria toalha e deu a volta para Erik saísse da ducha.

Erik acabou, colocou a toalha na cintura e a olhou. Ainda estava faminto, como se fosse comê-la toda. Seu estômago rugia, lhe recordando que ele provavelmente tinha fome depois de ontem à noite.

Sua mãe sempre lhe disse que tinha pescado seu pai dizendo que a forma de chegar ao coração de um homem era através de seu estômago. Ela estava disposta a lhe dar uma oportunidade e acreditaria.

— Quer tomar café da manhã? — sorriu, com esperança.

Ele assentiu e sorriu. Seus joelhos estavam um pouco fracos. Ela deixou cair sua toalha e envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. Saltando, pôs suas pernas ao redor de sua cintura, lhe agarrando o traseiro para apoiar-se. Seus lábios brincaram brandamente contra os dela, enviando calafrios de calor por ela enquanto se inclinava para ele. Olhou ao seu redor enquanto se moviam e viu que a levava para o dormitório. Pondo-a na cama e ficou em cima dela, cobrindo o

corpo dela enquanto a beijava de novo, seus dedos movendo-se por seu cabelo molhado. Suspirou debaixo dele, com as mãos seguindo os músculos de suas costas enquanto sua língua se enredava com a dela. Deus, isso era bom. Ela poderia ficar aqui para sempre com ele beijando-a, o mundo exterior que acontecia fora da janela e a habitação estava iluminada pelo sol, pelo quente verão.

Ela poderia morrer aqui e não se importaria.

Enquanto Erik estivesse com ela é obvio.

Deixou de beijá-la e ela abriu os olhos, olhando seus olhos cor mel. Sorriam-lhe, ligeiramente reduzidos e cheios com um olhar que a fez fundir-se no interior. Ele estava como na noite anterior quando lhe havia dito que era formosa.

Quanto mais a olhava nos olhos, mais se pegava pensando nas coisas entre eles. Às vezes, quando a olhava como agora, tinha a impressão de que podia ter sentimentos por ela e fazia com que perguntasse quais eram seus sentimentos para ele. Sentia-se como se o conhecesse, quase intimamente, como se o tivesse conhecido em algum lugar além de suas fantasias. Havia uma aproximação entre eles que ela sabia não era unilateral. A forma em que se sentia a seu redor, e a forma em que agia a seu redor era algo mais que uma atração física. O calor que fazia sentir e a maneira em que seu toque a acalmava. Não podia lhe encontrar sentido. Apenas o conhecia. Como ia sentir-se tão intensamente relacionada com ele?

Seu coração saltou e dançou quando um pensamento se desenhou em sua mente. Seria amor? Não acreditava. Era muito cedo. Ou seria?

Ela franziu o cenho e o momento se afastou quando um telefone soou. O olhar de Erik se escureceu e empurrou a si mesmo fora dela. Ela se apoiou nos cotovelos e o viu cruzar o espaço por sua roupa. Procurou através delas e tirou um telefone móvel.

Franziu o cenho à tela e logo o abriu.

— O que quer? — Sua voz era forte, cheia de ira e ressentimento. Fez uma pausa por um momento e seu olhar foi para ela. — Isso não é da sua conta. Adverti-te disso no restaurante, Alistair. Não estava brincando.

Dando-se conta de que a conversação estava a ponto de tornar-se desagradável, Kim se levantou e se meteu em um pequeno vestido de cor azul escura. Jogou uma olhada para Erik. Ele esboçou um sorriso e ela se virou, com o desejo de que Alistair não tivesse ligado. Não queria que nada estragasse seu momento com Erik, e Alistair trazia consigo o aviso de que Erik era um cliente, e que isto era exatamente o tipo de coisas pelas quais poderia ser despedida.

Saindo do quarto, abriu as janelas da sala de estar e logo foi à cozinha. Uma rápida inspeção nos armários lhe revelou que não havia muito que pudesse ser classificado como mantimentos. Suspirou interiormente. Não era como se tivesse estado esperando que o homem de seus sonhos se convertesse em um tipo real e passasse a noite com ela. Quando tinha aceitado sair com ele, tinha ido diretamente para casa preparar-se, pulando as lojas de comestíveis como deveria ter estado fazendo.

Agarrou o saco de pão do lado e o abriu, com o cenho franzido enquanto tirava uma parte e inspecionava o pão de forma. Quão último queria fazer era dar ao Erik torradas com mofo. Isso definitivamente não seria o caminho para seu coração. Ela cantarolava em voz baixa para si

mesma ao pôr umas fatias de pão na torradeira e tentou não escutar a conversa de Erik com seu irmão. Ouvia-o com toda claridade. Não era como se mantivesse a voz baixa.

Tinha sido testemunha de primeira mão da animosidade entre eles e agora que havia mais provas, não podia negá-lo. A reunião, ontem à noite no clube, e a forma em que Erik estava falando por telefone, todos eles lhe faziam ver que os dois se odiavam mutuamente. Trouxe a pergunta em sua mente outra vez.

Por que assinariam esse contrato se um não podia suportar o outro?

Recordou o parágrafo e o fato de que ela não o tinha mencionado nem uma vez a noite passada.

As torradas apareceram e as pôs em um prato antes de encher a torradeira de novo. Olhou-as, pensando em tudo o que tinha acontecido nos últimos dias e o que dizia o contrato. Não podia entender por que Erik queria assiná-lo. Não parecia haver nada absolutamente benéfico para ele, e a cláusula sobre o sangue lhe arrepiava. Que tipo de contrato menciona sangue?

— Sinto muito — uma voz masculina forte falou perto de sua orelha e um par de mãos fortes a agarraram pela cintura e a virou para ele. Levantou-a sem esforço na bancada e a sentou, cravando-se entre seus joelhos. Sorriu-lhe. — Agora. Onde estávamos?

Ela fechou os olhos enquanto o beijava, com as mãos fortemente atadas nas costas e seu corpo pressionando no dela.

Ela não sabia onde estavam. Um minuto ela estava pensando nesse contrato, no seguinte era nada mais que uma lembrança muito longínqua e nebulosa, um que não lhe incomodava absolutamente.

Quando ele a beijou, nada parecia importar, exceto a forma em que sentia sua espera e tocava seus lábios com os seus.

Ele se retirou, sem deixar de sorrir enquanto a olhava nos olhos. Ela os olhou profundamente, ao não encontrar rastro da ira que tinha visto uns momentos antes, quando tinha respondido o telefone. Queria falar disso para ver se a escuridão que tinha estado em seus olhos voltava, mas depois da forma em que tinha reagido à menção de seu irmão ontem à noite, ela sabia que não era prudente.

As torradas apareceram outra vez e ele as olhou, e logo para ela.

— Estava fazendo o café da manhã — disse ela e se inclinou para tomar as duas fatias de pão torrado da máquina.

Pô-los no prato com outros.

— Só que parece que não tenho nada comestível no apartamento.

Lhe deu um olhar de desculpa. Sua expressão ficou em branco durante uns segundos e logo sorriu, afastando-se dela e olhando através dos armários. Deu-se conta de que estava vestido e uma parte dela se perguntou se estaria pensando em ir logo. Esperava que não. Ainda era cedo e estavam ali com o que poderia ser um bom domingo preguiçoso diante deles.

— Há algo para pôr na torrada? — Disse, empurrando frascos e garrafas para um lado.

Ela o observou por um momento, tentando desesperadamente não pensar em quão doméstico era tudo isto e então arrastou os pés mais perto. Ela olhou por cima do ombro no

armário e ficou nas pontas dos pés, pondo tudo o que não estava vencido na superfície de trabalho.

— Manteiga de amendoim, marmelo ou mel — anunciou com um sorriso triunfal e fez uma nota mental para revisar seus armários e jogar fora todas as coisas velhas.

Ele fez uma careta, em algum lugar entre reflexivo e de rechaço. Ela orou em silêncio que não fora de repugnância.

Assim que sua escolha de comida não era exatamente o mesmo que provavelmente comia diariamente. Seu salário não se estendia a champanhe elegante.

— Vou ter que me conformar — disse levantando a manteiga de amendoim. Sorriu e o alívio a atravessou. — Recorda-me quando era mais jovem e voltava para casa, antes que meus pais morreram. A governanta me deixava comer cada vez ia até a cozinha.

Ela franziu o cenho, olhando-o estender a manteiga de amendoim enquanto pensava no que ele havia dito. Ela não se deu conta de que seus pais estavam mortos. Não o tinha mencionado na noite anterior. Entregou uma parte de pão torrado, com um amplo sorriso. Ela tomou e continuou olhando. Não importava o muito que tivesse pensado que sabia dele, parecia que havia coisas que ela ainda estava por descobrir.

— Não come? — Sua voz rompeu seus pensamentos. Voltou de novo ao mundo. — Está bem?

— Estou bem — disse ela e com delicadeza mordeu o canto de sua torrada, mastigando lentamente para que não parecesse com uma porca. — Por que?

— Só estava um pouco distante. Está certa que está bem? — Dando uma mordida em sua torrada e engolindo antes que tivesse oportunidade de responder. — Sinto muito, estou sendo um pouco estranho. A chamada do Alistair me distraiu.

— É compreensível. — Ela desceu da bancada e mordeu outro bocado da torrada enquanto ia à geladeira. Abriu-a e tomou o suco de laranja, colocando-o na lateral. Fechando a porta da geladeira, olhou ao Erik. — Realmente não gosta dele, não é mesmo?

Sacudiu a cabeça e acabou sua torrada.

— Vão a ambas as direções. Quando nossos pais estavam vivos as coisas não estavam tão mal entre nós. Agora provavelmente nos mataríamos se nos deixassem sozinhos em uma sala de reunião o tempo suficiente.

Ela deu outra mordida na torrada e serviu dois copos de suco de laranja enquanto a mastigava pensativa. Entregando um para Erik, engoliu seu bocado.

— Por que o contrato então? — Disse.

Bebeu seu copo de suco de laranja e logo suspirou.

— É complicado.

— É uma boa maneira de dizer que não o entenderia? — Ela sorriu e tomou um gole de sua bebida.

— É uma boa maneira de dizer que não quero te envolver nisto.

— Já estou envolvida — disse ela e ambos ficaram em silêncio. Sabia que tinha odiado o aviso de que era seu cliente tanto como ela o fazia. Forçando um sorriso, afastou todas as

perguntas sobre o contrato e sua família.

Ela pôs os restos de seu pão no prato e se aproximou dele. Ele a olhou, com sua expressão séria e pensativa. Ela estava arruinando seu dia. Era hora de melhorar as coisas de novo. Tomando a torrada, pô-la sobre o prato e logo agarrou o pescoço de sua camisa. Atraiu-o até ela e lhe deu um beijo, começou a explorar sua boca levemente com seus lábios, que a fez sentir ligeira e tonta. Ele respondeu pondo suas mãos sobre seus quadris, sustentando-a com cuidado e beijando-a com igual ternura. Ela deu um passo mais perto dele, em seu abraço, e se fundiu quando seus braços a rodearam, envolvendo-a e levantando-a. O mundo se afastou e a forma em que se havia se sentido quando a tinha beijado na cama voltou com toda força. Suspirou contra seus lábios, amando o quão relaxada que a fazia se sentir. Ele tinha gosto de manteiga de amendoim. Presumia-se que ela também.

Seus lábios saíram dos seus e a arrastou pelo pescoço. Ela se surpreendeu quando deixou de beijá-la e só a sustentou. Apertou sua bochecha contra a dela e ela fechou os olhos, envolvendo seus braços ao redor dele sustentando-o também.

Seu agarre era apertado e se perguntou se havia algo mal. Ela empurrou seus ombros e olhou seus olhos enquanto olhava a bancada. Sustentando ligeiramente suas bochechas com sua mão direita, enquanto atraía sua cabeça ao redor de seu rosto. Havia um olhar em seus olhos uma vez mais que não podia decifrar. Talvez seu irmão havia dito algo que o tinha incomodado.

Ela sorriu tranquilizadoramente, comovida pela forma em que deixava que sua guarda abaixasse ao seu redor e mostrasse ao homem que estava debaixo de seu forte exterior. As comissuras de seus lábios tremeram um pouco, mas não obteve um sorriso. Havia tanta tristeza em seus olhos que fazia o coração doer. Por quem era esta tristeza? Era por seus pais, ou para eles, ou para alguém?

Seus dedos lhe acariciaram a bochecha e deixou que sua guarda abaixasse também, querendo ver a forma em que a fez sentir se por acaso algum dos sentimentos encontrados em seus olhos eram sobre se ela se sentiria segura sobre isso pelo menos.

Ele sorriu esta vez e a beijou. Foi uma suave carícia que fez que seu interior doesse, mas não com desejo.

Sentia-se como se tivesse respirado um pouco de sua tristeza nela e soubesse sem palavras o que estava tentando lhe dizer. Aferrou-se a ele, beijando-o e desejando que não estivesse a ponto de ir.

Ele rompeu o beijo e tirou uma mecha de cabelo do rosto.

— Tenho que ir — disse, como se tivesse escutado seus pensamentos.

Sua mão se meteu na dela e a conduziu até a porta. Ela seguiu em silêncio, olhando a suas mãos unidas e tentando não pensar em amanhã. Nada disto ia mudar. Ainda haveria sentimentos entre eles. Ele não ia mudar de opinião a respeito dela.

Deteve-se na porta e olhou enquanto virava para seu rosto. Deixou acreditar que o olhar era para ela, que não queria ir e que isto lhe doía tanto como doía a ela.

Ao abrir a porta, forçou um sorriso enquanto saía para o corredor. Sua mão se apoderou dela outra vez e brincou com seus dedos, olhando-os. Quando levantou a cabeça, deu-lhe outro

sorriso, tentando ocultar o muito que lhe doía. Ela não queria que se fora. Não queria voltar para o mundo real.

Beijou-a e acariciou brevemente na bochecha com o dorso dos dedos, sorrindo.

— Verei você amanhã — disse e voltou a beijá-la.

Ela assentiu. Faria. Havia uma reunião amanhã para discutir o contrato. Ela se sentiu mal com a perspectiva de ter que sentar-se tão perto dele e não poder tocá-lo ou olhá-lo por muito tempo.

Ele se moveu uns passos, com a mão ainda na dela, mas logo se virou e a beijou de novo. Mais duro esta vez. Não havia tristeza nele, só a paixão e a fome como a que tinha mostrado na noite anterior. Jogou os braços no pescoço e se perdeu nela, vertendo seus sentimentos nele e livrando a si mesma enquanto se dizia que tudo ia estar bem. Sorriu contra sua boca, emocionada pela maneira desesperada em que a beijava, e logo o empurrou pelo ombro.

— Vai — disse com um sorriso ainda mais amplo.

Ele sorriu e a beijou pela última vez antes que sua mão se movesse da dela. Ela o olhou de pé até as escadas e sustentou sua mão movendo-se enquanto lhe devolveu o olhar. Lançou-lhe um beijo e desapareceu pelas escadas.

Ela suspirou e se apoiou no marco da porta, escutando seus passos afastando-se.

Amanhã estaria bem. Se tivesse sorte, iria pedir um lugar onde fumar e estaria um pouco de tempo a sós com ele.

Ela sorriu.

A vida de repente parecia estar melhorando.

Capítulo 14

Erik estava de pé ao momento em que a porta se abriu e Laura entrou na habitação estando um pouco nervosa. Correu para seu escritório e colocou para baixo os arquivos que levava e logo se virou para ele com um brilhante sorriso.

— Sr. Blackwell, não o esperava até as onze. Espero que tudo esteja bem — disse, sua alegre voz não fazia nada para cobrir a tensão nela.

Ele sabia o que ela queria dizer com que nada estava mal. Ela estava em pânico porque pensava que ele ia sair das negociações do contrato com eles e encontrar outro advogado. Ele sorriu.

— Nada disso, o asseguro — disse ele e ela relaxou visivelmente um momento antes de agir como se não soubesse do que estava falando.

Ela sabia.

Ele passeou pela sala, tentando pensar a melhor maneira de dizer o que tinha que dizer, enquanto seu coração lutava contra sua mente. Sabia que isto estava mau, e que existia a possibilidade de que Kim não visse suas ações da mesma maneira que ele o fazia, mas tinha que

fazê-lo. Ela o havia dito para ele.

— Quero a Kim fora do caso. — Seu coração doía no peito e respirou fundo, obrigando-se a seguir recitando as palavras que tinha praticado tão bem desde ontem.

— Por que? Não tem feito nada para incomodá-lo, não é mesmo? — Laura se dirigiu para ele.

Ele a evitou, não querendo estar perto dela. Não queria estar aqui absolutamente. Mas queria que Kim sentisse que podia estar com ele sem perder seu posto de trabalho.

— Não, pelo contrário. Foi maravilhosa. Não acredito que seja adequada para este caso.

Laura lhe deu um olhar de cumplicidade e assentiu.

— Já vejo. Isto se deve a essas perguntas de sexta-feira. O que disse para você no elevador?

Esfregou a ponta do nariz para aliviar a dor de cabeça que começava e não disse nada. Kim não tinha feito nada mal no elevador. Em todo caso, ele era o culpado. Ele foi o que fez mal as coisas. Não importava que Kim perguntasse sobre o contrato, era seu trabalho, e ele com muito gosto explicaria as coisas a ela se pudesse encontrar uma maneira de fazê-lo para que entendesse. Tinha que dizer. Desde que a tinha deixado ontem, passou todo o tempo pensando nela e o que ia acontecer quando se inteirasse dele, decidiu que tinha que dizer-lhe o quanto antes possível. Talvez então seria mais compreensiva a respeito. Talvez então não o deixaria.

Ele grunhiu em voz baixa, com suficiente calma para que Laura não lhe ouvisse.

— Parece muito agitado — disse ela e se moveu para bloquear seu caminho enquanto andava pela sala.

Ele a olhou.

— Tenho dor de cabeça. Quero este contrato assinado o quanto antes possível, e quero a Kim fora do caso. Pode fazer isso?

Ela deu um passo para ele, com seus lábios curvando-se lentamente em um sorriso. Seus olhos se estreitaram ligeiramente.

— Posso fazer o que quiser — sussurrou-lhe.

Ele a agarrou pela cintura, enquanto ela lhe jogava os braços, com seus lábios pressionando-se fortemente contra os dele. Empurrando-a para trás, conteve-se de usar toda sua força e tentar tirar-lhe de cima.

A porta se abriu e ele a afastou.

Virou-se a ver para ver o Simon sorrindo da porta.

— Sinto-o muito — disse Simon em tom sarcástico. — Não quis interromper.

Com isso se foi e Erik soube exatamente aonde.

* * * *

Kim pôs sua bolsa sobre sua escrivaninha e saltou quando Simon apareceu a seu lado. Apertou a mão no coração e lhe franziu o cenho por interromper seus pensamentos a respeito de

Erik.

— Bom dia — disse e foi abrir sua bolsa, mas Simon a deteve quando falou.

— Não acreditará com o que me acabo de encontrar no escritório da Laura. — Estava sorrindo, o tipo de sorriso que fazia girar o estômago.

— O que?

— Erik Blackwell beijando Laura.

Seu coração se encolheu ao escutar essas cinco palavras, e seu estômago se foi com ele, seguida pouco depois pelo mundo caindo à distância.

Ela olhou nos olhos de Simon, desesperada por ver se estava dizendo a verdade. As lágrimas se elevaram nela quando viu seu sorriso, o prazer retorcido que estava tomando ao lhe dizer algo que sabia que ia machucá-la. Não podia acreditar.

Agarrando sua bolsa, murmurou algo a respeito de não sentir-se bem, e saiu do escritório. Quando chegou à entrada principal, pôs-se a correr, sustentando sua bolsa contra seu peito enquanto lutava com seu desejo de começar a chorar.

Não podia ser verdade.

Sentia-se tão estúpida como sempre por acreditar que um homem como ele podia estar com ela. Ele havia dito que era formosa. Isso tinha sido uma mentira também? Era tudo isto algum plano para levá-la à cama com ele?

Mas a forma em que tinha sido cuidadoso, a forma em que a havia tocado. Não podia ser uma mentira.

Seu coração o reprovou. Se não fora uma mentira, então por que tinha beijado Laura?

A viagem de volta passou em um torvelinho de lágrimas contidas e no momento em que chegou a seu apartamento, e a porta esteve fechada com segurança detrás dela, veio-se abaixo.

Chorou em suas mãos, sentindo-se miserável, enquanto tentava lhe dar sentido. Simon não tinha mentido. Erik tinha estado beijando Laura.

Era tão estúpida. Deveria ter escutado Simon.

Erik era claramente tão jogador como seu irmão.

Tinha sido uma parva por pensar que na realidade queria estar com ela.

Correndo para seu quarto, pegou tudo o que cheirava como ele, tudo o que tinha querido ontem e na noite passada. Enrugou a toalha no banheiro e tomou a roupa de cama em seus braços e correu com eles à cozinha. As lágrimas escorriam por seu rosto enquanto as metia na máquina de lavar roupa e a ligava. Deu um passo atrás, enquanto começava o ciclo, olhando-a e ainda tentando entender o que estava acontecendo.

Caindo de joelhos, com a mente vazia, viu como os lençóis davam voltas na máquina.

Até aqui as coisas tinham ido bem.

Tanto por ser formosa, e sentir-se amada.

Apertou a mão ao lado de sua cabeça quando se sentiu um pouco tonta. Estava de pé, mas o mundo dava voltas e jurou que tinha visto um brilho começando em alguma parte. Foi seguido por um brilho no corredor, e logo a porta.

Houve um golpe.

Sua cabeça voltou para enfrentar a porta da cozinha e o corredor mais à frente.

Seu coração trovejou.

Levantando-se, moveu-se com cautela à porta. Suas mãos tremiam enquanto permanecia de pé olhando-a, instintivamente conhecendo quem estava do outro lado. Estava muito confusa para sequer tentar dar sentido ao que acabava de acontecer, não quando nem sequer podia entender tudo o que tinha ante si.

— Quem é? — Disse com voz tremente.

— Sabe quem é — sua voz soou forte e clara.

Estava no corredor. Ela tinha sabido que era ele antes que ela houvesse sequer perguntado. Não podia negá-lo. Havia-o sentido. Sacudindo essa ideia, disse que não importava o que havia sentido.

Olhou pelo olho mágico para Erik.

— Vai embora.

Parecia nervosa, com a ira brilhando em seus olhos, mas mesclada com decepção e ansiedade.

O que estava fazendo aqui? Sabia que tinha ouvido falar dele e Laura?

Ele chamou outra vez, fazendo saltar seu coração com cada golpe duro de seu punho contra a madeira. O instinto lhe dizia para abrir, mas com firmeza o excluiu, mantendo o controle e dizendo-se que não ia ceder a ele. Não importava que se visse tão quente quando estava zangado. Ele tinha beijado Laura.

— Sei o que te disseram, Kim, mas isso não é o que aconteceu. — Parecia preparado para arrombar a porta se não abrisse logo.

Ela não se moveu. Em vez disso, deslizou os pinos de segurança em seu lugar. Provavelmente a porta não o deteria, se ele punha toda sua força contra ela. Era mais por ela que por ele. Tinha que evitar deixá-lo entrar como queria.

— Quer dizer que não estava beijando Laura? — Disse sem frear sua ira e com a esperança de que ouvisse em sua voz. Merecia escutar a dor que lhe tinha causado.

— Foi Laura que me beijou.

Deu um passo atrás da porta quando se sacudiu com força por outro golpe. Um arrepio a percorreu pela forma em que ele agia. Ela o sacudiu. Agora não era o momento para fantasias com Erik. Odiava-o. Tinha pensado que ela era tola e o odiava.

— Não acredito em você — disse com voz carente da convicção que tinha esperado. Uma parte dela acreditava nele.

E era uma grande parte.

— Tem que me acreditar. Não tenho nenhum interesse na Laura. Só estava em seu escritório esta manhã para te tirar do caso.

Todo seu corpo se desabou e seu coração afundou ao ouvir essas palavras. A moléstia substituiu rapidamente qualquer dor que sentia. Queria-a fora o caso? Não era o suficientemente boa para trabalhar para ele?

— Sei o que está pensando — disse através da porta. Ela não disse nada. — Não me odeie.

Queria sentir que podia estar comigo... se eu não fosse seu cliente.

— Ainda não acredito em você — interrompeu-o esta vez com mais veneno. Ficou impressionada com ela mesma.

Depois que lhe havia dito que só a queria fora do caso para que pudessem estar juntos, ela quase se moveu à porta para abri-la.

Houve um ruído que soou claramente como grunhido e que lhe arrepiou os cabelos do pescoço. Seu estômago fez um nó, com a tensão do corpo. Algo em seu interior, fez com que se afastasse da porta um pouco mais. Ela sabia que Erik fazia esse ruído. Tinha sido um grunhido. Não era o típico som de homem perturbado com frustração tampouco. Era um grunhido selvagem que a tinha feito retroceder de medo, produzindo instintos de luta nela.

Pela sensação das coisas, seu sentido lhe dizia que escapasse.

Mas não tinha medo de Erik. O coração lhe disse que nunca a feriria e foi porque estava negando-se a acreditar que ele estava perturbado. Se saísse para o corredor, não lhe faria mal.

— Como sabia que estava aqui e que sabia?

— Foi Simon, viu Laura tentando enfiar a língua em minha garganta — disse soando um pouco menos furioso agora.

— E? — Ela franziu o cenho, confusa.

— Os homens quentes por uma mulher podem cheirar um de sua própria classe. — Sua voz era mais valente de novo agora, mas tinha a impressão de que não estava zangado com ela.

— Não entendo. — A voz em sua cabeça a chamou de mentirosa.

— Simon está louco por ti... — Fez uma pausa. — Mas não tão louco como eu.

Ela ficou olhando a porta, sentindo-se um pouco confusa. Maldito seja o inferno. Estava confundindo-a e fazendo-a que não queria estar zangada com ele. Odiava-o.

— Vêem comigo — disse ele e seu coração deu um salto em sua boca.

As palavras foram faladas com tanta ternura e calma que ela deu um passo atrás até a porta e o olhou através do olho mágico. Estava apoiado contra o corrimão, com as mãos agarrando firmemente enquanto ficava olhando a porta.

— Me dê uma oportunidade para te demonstrar que está equivocada sobre mim.

Ela apertou a palma da mão contra a porta, desejando ter coragem para abri-la e abrir seu coração a ele de novo.

— Ir contigo? Aonde, quando? — Disse em voz baixa, mas claramente o ouviu empurrando o corrimão e chegando à porta.

— Hoje... pelo país. Conheço um pequeno lugar por aí. — Apertou as mãos contra a porta e ela jurou que podia senti-lo contra ela. — Por favor, Kim?

Disse-se que estava zangada com ele. Não ia deixar que a tentasse para que aceitasse. Ele tinha beijado Laura. Quebrado tudo o que tinham passado juntos.

— Vou pensar nisso — disse e amaldiçoou seu coração por ganhar sua cabeça.

Sorriu e relaxou um pouco ao vê-lo.

— Deixa-me entrar, enquanto pensa? — Disse mostrando sua esperança.

Ela respirou fundo e conteve seus nervos.

— Não.

— Me permita te dizer algo então. — Havia uma nota de desespero em sua voz para que ficasse perto da porta um momento mais, com vontade de escutar o que tinha que lhe dizer. Cravou o olhar na mira e esperou.

Nada podia havê-la preparado para o que disse.

— Tudo o que quero é a ti, Kim. É a única para mim. Esperei toda minha vida por ti. Sei que sente o mesmo.

Ela suspirou e assentiu, tendo que reconhecer que tinha razão, embora não podia vê-la. Viu-o afastar-se da porta e apoiar-se no corrimão de novo. Tudo o que havia dito era exatamente como se sentia. Quando estava com ele como este fim de semana, inclusive antes disso, tinha estado tão vinculada com ele, como se tivesse encontrado a parte que faltava de si mesma e sua busca tivesse terminado. Aqui estava um homem que poderia ser seu amor, e ela poderia amá-lo também.

Se você pegou esse livro no blog 'Romances Sobrenaturais', da Isis, saiba que ela prejudica propositalmente nosso grupo. Estamos sendo ameaçados por editoras, cujos livros pedimos para não serem postados, e o blog citado, insiste em não acatar um dos pedidos que fazemos: "A não divulgação desses livros (séries compradas por editoras no Brasil) em blogs abertos". Ela quer que você fique sem os livros!!! E você está colaborando com isso, ao participar do blog dela. Gostou desse livro? Pegue direto na fonte e não de terceiros que somente prejudicam quem verdadeiramente faz o trabalho!

Discutiu com ela que nenhum deles tinha escondido a atração, e que Laura tinha estado procurando Erik do momento em que tinha entrado pela porta. Quando pensava nisso, não era surpreendente que Laura tivesse tentado consegui-lo. Inferno, ela faria algo para o ter como seu também.

Levantou o queixo e afrouxou a gravata, e logo se passou os dedos pelo cabelo e suspirou.

Estava provavelmente sufocante na sala.

Sua mente a levou de novo ao dia em que o conheceu pela primeira vez e que estavam no balcão. Tinha-lhe perguntado se gostava do calor. O calor que tinha sentido com ele foi intenso, uma paixão que nunca havia sentido antes. Que a consumia e era aterrador. A fazia sentir tão débil, mas forte ao mesmo tempo.

Ela suspirou e pensou no que ia fazer.

Estava a ponto de afastar-se da porta quando voltou a falar.

— Se vier comigo, vou dizer o que quer saber. Algo... tudo sobre mim. Não haverá mentiras. Não te esconderei nada.

Ela se perguntou o que tinha que lhe dizer e recordou que quando na primeira vez que a tinha beijado, tentou lhe dizer algo e ela o deteve. O que ele tinha que precisava saber? Agora que pensava nisso, queria saber e desejou havê-lo deixado, mas tinha estado tão desesperada para

sentir seus lábios contra os seus que não se preocupou. Talvez lhe diria sobre o parágrafo do contrato também.

Tinha que tomar uma decisão. Lhe dar uma oportunidade de demonstrar que realmente estava interessado só nela, ou lhe dar as costas para sempre.

Capítulo 15

Erik se sentou no chão, apoiando suas costas contra o corrimão, sem se importar que provavelmente ia arruinar seu terno. Estava brincando com as chaves de seu carro. Nem sequer as tinha guardado antes de ter entrado correndo no edifício. Graças a Deus que alguém tinha estado saindo enquanto ele tinha entrado.

Laura o tinha detido, atrasando-o ainda mais. Tudo o que tinha querido fazer era encontrar Kim e arrumar tudo, mas no momento em que tinha terminado de discutir com Laura a respeito das relações com os clientes e ameaçar dizer aos seus superiores a respeito de suas ações e ela o deixasse ir, Kim tinha ido fazia vinte minutos.

Passou dois sinais vermelhos e superado o limite de velocidade para chegar até aqui.

Provavelmente tinha um montão de multas que viriam a seguir, mas não lhe importava. Teria passado uma centena de semáforos vermelhos e conduzido a milhares de quilômetros se isso significava que tinha que ver Kim.

Não tinha planejado pôr seu coração em bandeja de prata para ela, mas quando disse que não o deixaria entrar enquanto pensava nas coisas, tivera que lhe fazer saber como se sentia. Se sabia, então talvez viria com ele. Olhou seu relógio. Eram só dez da manhã.

Com um suspiro, inclinou a cabeça para trás contra um dos ferros do corrimão e fechou os olhos.

Ia dizer que não. Podia senti-lo. Não tinha feito o suficiente para convencê-la de que tinha sido Laura a que o tinha beijado e não ao contrário.

Estava perdendo-a.

Franziu o cenho e tentou tirar esses pensamentos, concentrando-se em troca esvaziar sua mente e passar o tempo até que ela tomasse sua decisão.

O mundo se afastou, desaparecendo na escuridão e perdeu a noção do tempo.

O som de uma porta abrindo o fez olhar ao seu redor, seu coração deu um pulo enquanto sua mente lhe dizia que não era Kim. Ele sorriu à anciã no seu caminho, que lhe deu uma olhada repreendendo-o por bloquear o corredor.

Quando desapareceu pela escada, murmurando algo para si mesmo, estirou as pernas e olhou o relógio de novo.

Eram quase duas da tarde.

E se tivesse adormecido? Era difícil dizer. Ele só se sentia vazio, rodeado pela escuridão enquanto esperava que sua sentença fora pronunciada. Era a morte ou o perdão. Tinha a

esperança em Deus de que fora este último. Não ia aceitar o outro.

Um feixe de luz brilhou em suas pernas quando a porta frente a ele se abriu. Seu coração estava em sua boca enquanto lentamente levantava os olhos, lutando por encontrar coragem de ver qual seria seu veredicto.

Ela não parecia muito zangada.

Ficou em pé no segundo que jogou uma bolsa ao seu lado e voltou a fechar a porta. Não podia acreditar. Quis sorrir, mas ela o olhou com olhos que lhe diziam que ainda não tinha tomado uma decisão.

Recolhendo a bolsa, franziu o cenho ante o peso da mesma. Quanto tempo pensava que passariam? Sentia-se como se tivesse embalado toda sua vida nessa pequena mala.

Fechou a porta e se virou para ele.

— Irei contigo — disse com sua voz mostrando uma firmeza que não tinha estado esperando. — Mas só para que me explique algumas coisas.

Ele assentiu e esperou que caminhasse junto a ele antes de segui-la obedientemente. Tinha-a conhecido apenas fazia uns poucos dias e tinha conseguido converter-se no alfa da relação, no cabeça e estar a cargo dele. Era melhor assim, entretanto. Ela estava na posição mais forte depois de tudo, especialmente agora que Laura o tinha beijado e ela sabia. Não lhe importava ser o submisso se isso significava que ela ficaria com ele. Não era muito que perder e tinha estado escondendo muito dela para poder dominá-la.

Não podia perdê-la.

Tinha levado vinte e sete anos para encontrá-la depois de tudo.

O ar quente do verão não fez nada para levantar seu estado de ânimo enquanto caminhavam pelas escadas do edifício. Ela se deteve, olhando-o. Deu-se conta de que não sabia qual era seu carro. Dirigiu-lhe um pequeno sorriso, desejando que fora a dizer algo para aliviar a tensão entre eles e lhe assegurar que não havia esperança para eles, mas então, assinalou-lhe o caminho. Ela caminhava junto a ele agora e trocou a bolsa para sua outra mão, longe dela. Ela estava o suficientemente perto que quase podia sentir sua mão roçando-o à medida que caminhavam. Ele queria chegar e levá-la, senti-la firmemente nele, senti-la sustentando-o com força. Queria o que fora, só um pequeno sinal para tranquilizá-lo e resolver sua ansiedade.

Seus olhos riscaram seu perfil enquanto caminhavam. Não tinha sido capaz de estacionar perto de seu edifício. Colocou-se no primeiro lugar que tinha visto, não correndo o risco de não estar mais perto de algum outro. Tinha sido um curto caminho até seu apartamento.

O sol brilhava maravilhosamente sobre seu cabelo e seu perfume delicado perfumava o ar quente, por isso seu coração doeu enquanto a olhava.

Só um pequeno sinal. Era tudo o que pedia.

Ela o olhou pela extremidade do olho, lhe dando um olhar triste, com a comissura de seus lábios em um breve sorriso. Em silêncio deu graças a Deus enquanto um peso se levantava de seu peito e pulsava, então pressionou o botão do alarme em seu chaveiro.

Suas sobrancelhas se levantaram quando ela olhou seu carro. Perguntou-se o que pensava enquanto o olhava, com um brilho divertido em seus olhos.

Era só um carro. Um Aston Martin negro, conversível. Nada do outro mundo.

Ao abrir a porta para ela, voltou-a a fechar uma vez que entrou. Deixou sua bagagem no porta-malas e logo deu a volta e deslizou no lado do condutor. Arrancando o motor, acelerou um pouco e baixou o teto.

Fazia muito calor para estar apanhado em um carro durante horas. Estava agradecido que ela não tivesse perguntado pela distância do lugar ao que a levava.

Kim procurou na pequena bolsa que tinha sobre o regaço e ele viu que ela atava seu cabelo atrás. Ainda estava na borda. Podia vê-lo em seus olhos.

Saindo tranquilo para rua, centrou-se em conduzir e o que ia fazer para que as coisas resolvessem com ela. As coisas estavam ficando mais intensas, muito mais rápido do que tinha previsto. O calor entre eles, a atração, eram quase insuportável.

Queria tocá-la, chegar a tudo e pôr sua mão sobre seu joelho, vestida com calças jeans, para reafirmar sua conexão. Seu olhar vagou sobre ela enquanto detinha o carro em um semáforo. Adivinhava que não era o que tinha usado para trabalhar esta manhã. A calça jeans azul escuro era larga, mas a camiseta negra estava ajustada, e se estendia através de seus seios.

Tirou os olhos deles quando o carro de diante começou a mover-se. Pelo menos tinha vindo com ele, embora houvesse dito que era só para poder conseguir algumas respostas.

Atravessaram Londres em silêncio. Estava perdido em seus pensamentos, repassando as coisas várias vezes em sua cabeça, em busca do que tinha que fazer e uma maneira de romper as coisas para que compreendesse e não enlouquecesse.

Tirou o carro da estrada e franziu o cenho quando os sinais lhe advertiram do tráfico denso por adiante. Deveria ter evitado a M25. Sempre era um inferno a menos que se conduzisse por ela depois da meia-noite.

Mudando o carro para a velocidade máxima , saiu fora da pista e acelerou.

A brisa que sentiam ao redor era refrescante.

O silêncio no carro era sufocante.

— Kim? — Disse não querendo incomodá-la, mas necessitando-a.

Sentiu seu olhar através dele.

— Acredita em mim? — Ele a olhou, só o suficiente para ver que realmente o estava olhando.

Houve uma pausa.

— Sim — disse ela, com voz tranquila e mesclada com emoções confusas. — É uma cadela.

O alívio percorreu seu coração, por isso se relaxou no assento. Seus ombros baixaram, todo seu corpo caiu um pouco enquanto a tensão o deixava. Era bom estar ao ar livre. Não podia imaginar ter que dirigir mais de cem milhas com isso jogando em sua mente. Outro olhar lhe revelou que ela ainda estava olhando-o. Era formosa. Os fios finos de seu rabo-de-cavalo estavam sendo açoitados pelo vento. Dançavam em seu rosto, lhe dando um aspecto misterioso. Seus olhos eram brilhantes, sem ocultar nada a ele, e teria gostado de poder dar um longo olhar neles para ver todos seus sentimentos para ele.

O que lhe havia dito era certo. Tinha esperado toda sua vida maldita para procurá-la, e agora

que a tinha, não ia perdê-la. Nada entreveria entre eles. Ele não permitiria. O medo se moveu aos cantos de seu coração ao pensar em como podia reagir ante o conhecimento de que era um metamorfo, que em seu interior havia um lado primitivo que não podia conter às vezes. Ficou olhando o caminho diante dele, esperando que ela o entendesse. Tinha que fazê-lo. Não podia enfrentar a vida sem ela. Ia dizer lhe como se sentia.

Sentiu que seu olhar o deixava.

Tragou saliva e considerou o que estava a ponto de dizer.

— Kim? — Negou com a voz.

Virou-se para ele.

— Erik — Disse ela com tom suave e persuasivo, como se soubesse o que queria lhe dizer e que necessitava seu suave fôlego.

Tragou de novo.

— Nada — disse ele, perdendo os nervos. Não era o momento de declarações do coração.

Tinha que estar primeiro seguro. Se ela ia e ele não o havia dito, talvez seu coração não se romperia tanto. Talvez lhe doeria menos.

Alegrou-se de que não o pressionasse, mas ao mesmo tempo, uma parte dele estava decepcionado.

Ele olhou a longa fila do tráfego frente a ele e entrou na faixa do lado. Ia ser uma longa viagem.

Kim se moveu em seu assento e a olhou. Tinha os olhos fechados, com a cabeça apoiada contra o respaldo do assento e sua bolsa no chão entre seus pés agora. Parecia relaxada, e o sentiu também. Nela, podia sentir nada de tensão que tinha estado ali quando abriu a porta e entrou com ele.

Deteve o carro em uma parada detrás de uma suja caminhonete branca. Um caminhão se deteve detrás dele e subiu o teto.

Não queria que Kim tivesse que respirar as fumaças durante o trânsito no tráfego. Quando o teto se levantou, ligou o rádio e pôs o ar condicionado. Moveu-se através das estações, tentando encontrar algo relaxante. Um pouco de música clássica não estaria mau e o deixou nela. Kim sorriu, seus olhos ainda estavam fechados. Perguntou-se se sabia que ele estava fazendo tudo isto por ela. Sempre tinha cuidado dela e não deixaria acontecer nada com ela. Terei que protegê-la do mundo.

Ele a olhou, passando o tempo no tráfego estudando seu rosto, olhando-a enquanto começava a adormecer. Sorriu. Estava tentando não adormecer, mas podia ver que estava perdendo a briga. O calor do verão foi vencendo seu sonho. Tinha muito sono. Ele só queria estirar-se sob o sol e deixar que o esquentasse até os ossos.

Conduziu o carro um pouco quando a caminhonete da frente se moveu, franziu o cenho quando ouviu as sirenes e olhou no espelho retrovisor. Uma ambulância e um carro de polícia vinham, lutando por abrir-se caminho através do tráfego.

Ia ser uma viagem comprida e quente.

Mas ao menos ela estava com ele.

* * * *

A noite tinha chegado até o momento em que se deteve diante da casa. Pôs o freio de mão e olhou para Kim. Ela estava profundamente adormecida. Saindo do carro, dirigiu-se à parte de atrás e abriu o porta-malas. Tomou a mala de viagem e olhou a seu redor quando uma luz cortou a escuridão. Sorriu para mulher que saiu ao seu encontro e lhe deu a entender que ficasse em silêncio quando tomou a mala de suas mãos.

Indo para o lado do passageiro do carro, abriu a porta e se apoiou entrando. Desabotoou o cinto de segurança da Kim e se moveu para fora com cuidado, tentando não incomodá-la. Esperou um momento antes de agachar-se e passar um braço ao redor de suas costas, e a outra sob suas pernas.

Pesava quase nada em seus braços enquanto a levantava tirando-a do carro. Ela se moveu um pouco, abriu os olhos e o olhou sonolenta, logo suspirou e se voltou a dormir.

Chutando a porta do carro para que se fechasse, decidiu levar a Kim à casa e cuidar do carro mais tarde. Levou-a pela porta larga e pelo corredor. Não havia muitas luzes acesas. Quando Kim ficou adormecida no carro, tinha ligado antes para advertir à governanta de sua chegada, mas era provável que não tivesse tido tempo de ter a casa pronta. Não lhe importava. Duvidava que fizesse uso de mais de oito das habitações quando estivessem aqui.

A governanta fechou a porta detrás dele e lhe sorriu olhando a mulher adormecida em seus braços.

— É bom ver que finalmente estão os dois juntos — sussurrou.

Ele suspirou e olhou Kim.

— Não finalmente ainda. É ainda um talvez. Ela não sabe.

— Vai entendê-lo. Tenho um pressentimento a respeito.

— Você e seus pressentimentos — disse com um sorriso. — Lhe dê tudo o que queira, entendido?

— Já comprei e organizei todos os mantimentos necessários. Vão chegar amanhã pela manhã. Vou assegurar que não fique faltando nada.

Ele assentiu e levou Kim pelas escadas. Ela se moveu um pouco mais, olhando para ele com o sonho enchendo seus olhos que lhe disseram que não era muito consciente do que estava acontecendo.

— Necessita um pouco de descanso. Foi um dia infernal. — Manteve a voz baixa e suave, quase ronronando as palavras para ela.

Ela sorriu ligeiramente e bocejou, com os olhos vagando pelo corredor por onde caminhavam antes de olhar de volta para ele. Pareciam perguntar em silêncio, e se o estava lendo, ia sentir-se decepcionado por sua resposta.

Baixando-a diante da porta de seu quarto, abriu-a para ela e esperou que entrasse. Ele a

seguiu, olhando seu bocejo e detendo-se na sala grande. Quando ela o olhou, pôde ver que estava esperando uma resposta a sua pergunta.

Aproximou-se dela e a olhou durante um tempo antes de pôr um suave beijo em seus lábios.

— Verei você pela manhã — sussurrou contra sua boca e logo se afastou, e adicionou em voz baixa a si mesmo que voltaria a vê-la em seus sonhos também. Era provavelmente melhor que passasse uma noite sem ele, uma noite a sós com apenas suas visões para vinculá-los. Ajudaria a pôr de manifesto o vínculo entre um e outro e lhe recordasse quão bem podiam estar juntos.

Lhe dirigiu um olhar cansado mas confuso enquanto se separava dela. Ele queria dar-lhe a ela, mas inclusive se o fizesse, não daria o que realmente queria. O único lugar que podia lhe dar esse direito agora, sem sentir o interior terrível de suas visões. Se se metia na cama com ela, tudo o que quereria fazer era abraçá-la.

Deu um passo para ele.

Ele sorriu, sacudiu os fios de seu cabelo acomodando-os em seu lugar e lhe tocou a bochecha.

— Boa noite — disse, deu meia volta e saiu da porta, fechando-a detrás dele.

Amanhã, veria até que ponto tinha a mente aberta e justo aonde sua relação ia.

Capítulo 16

Kim se esticou quando despertou, sentindo-se mais relaxada enquanto se afundava no colchão brando debaixo dela e vagamente recordou seu sonho. Houve duas coisas que se destacaram nele. Um deles era a sensação incrivelmente poderosa da conexão entre ela e Erik. Havia se sentido como se estivessem entrelaçados até suas almas. O segundo eram as algemas.

Não tinha sido jogando, não como ela tinha esperado conseguir quando lhe tinha tirado as algemas. Tinha sido intenso e lhe tinha mostrado uma faceta diferente deste homem. Abriu os olhos e olhou fixamente ao teto por cima dela, dando-se conta que não era o ponto mais alto absolutamente. Era um dossel.

Sentou-se e bocejou enquanto olhava ao redor da habitação. Estava em uma cama com dossel no centro do que parecia ser um quarto muito caro.

Um quarto muito caro e muito grande.

Na realidade, não o tipo de quarto que ia encontrar em um pequeno lugar do país. Tinha a sensação de que Erik tinha uma estranha impressão do que era pequeno. Isto parecia um lugar muito grande. Não tinha nem ideia de onde estavam. No momento em que tinham entrado no tráfego da autoestrada, tinha estado fora como uma luz. O ar fresco e a música relaxante tinham feito isso, e a presença reconfortante de Erik. Havia algo nele que a fazia sentir-se segura, como se fora a proteger e defendê-la de algo.

Havia algo sexy nisso. Um cavalheiro de armadura brilhante.

E seu cavalo?

Esse carro era incrível. Quando tinha imaginado o tipo de carro que provavelmente dirigia, fazia um bom trabalho. Definitivamente era elegante, com curvas e irresistível. Nunca tinha estado em um Aston Martin antes. Daria algo se a deixava conduzi-lo. Só podia imaginar a emoção de estar ao volante de algo tão poderoso e chamativo.

Levando-se da cama, investigou a habitação, puxando as gavetas da cômoda e olhando o interior só para encontrá-lo vazios, olhou nos armários e, finalmente encontrou o banheiro. Era mais moderno que o quarto, com os quadros de mármore marfim contrastando com os mais escuros, mais terrestre. A luz do sol entrava pela janela de vidro gravado. Não podia ver tudo, mas se sentiu agradecida por isso, já que significava que ninguém podia ver dentro. O vaso sanitário e o lavatório eram brancos, e pareciam caros também. Ela franziu o cenho. Não havia ducha. Em troca, havia uma formosa banheira de ferro com adornados pés de leão no centro do quarto.

Luxuoso não a descrevia completamente.

Tudo o que precisava era estar cheia de água e com pétalas de rosas vermelhas flutuando na superfície, e seria diretamente um sonho. Talvez algumas velas também.

E Erik.

Este lugar provavelmente teria custando uma fortuna, e nem sequer estavam compartilhando o quarto como tinha estado esperando.

Ao sair para o quarto de novo, viu sua mala a um lado. Aproximou-se e a abriu, olhando o que tinha empacotado. Tinha metido quase tudo o que podia tomar em suas mãos à mala, sem saber o que empacotar e muito deprimida para pensar com claridade. Tudo estava ali, de um traje de banho e uns jeans. Olhou o jumper... Em que momento tinha pensado que ia necessitar isso, nunca se saberia.

Tirando um vestido comprido de cor marfim, colocou-o a um lado e tirou sua pequena roupa interior. Era um modesto sutiã e calcinhas cor marfim também. Estava aqui para falar de negócios, não para deixar-se seduzir. Franziu o cenho. Ele não parecia querer seduzi-la de todos os modos.

Recordava vagamente o casto beijo de ontem à noite. Havia sentido a paixão pressionando por liberar-se nesse beijo, mas ele o tinha mantido ligeiro e quase sem emoções.

Provavelmente estava só sendo cauteloso.

Depois de tudo, ela tinha se zangado com o que tinha acontecido com a Laura.

Franziu o cenho quando pensou nela, e então recordou que hoje era terça-feira e que se supunha que no escritório era o dia da assinatura do contrato de Erik com seu irmão. Ao diabo com isso. Era suposto que Erik estaria lá. Ela estava fora do caso.

Ainda não podia acreditar que tivesse feito isso. Isto enfureceu metade dela, enquanto o sentimento inconsciente derretia a outra. Só queria fazer que se sentisse como se pudesse estar com ele, mas e o dano que tinha feito a sua carreira? Esperava que ele tivesse feito com muito tato e não a fizesse solidamente incompetente.

Ao entrar no banheiro, tirou a roupa interior e preparou um banho quente. Deu um passo nele e suspirou, fechando os olhos, entregando um momento a relaxar-se antes de começar a lavar-se. Tomou o sabão que estava em um prato um pouco perto e se limpou, enquanto pensava em Erik.

Perguntou-se onde estaria. Havia dito que voltaria a vê-la pela manhã. Olhou através do banheiro até a porta de entrada a sala mais à frente. As pesadas cortinas estavam fechadas. Não podia dizer se era de amanhã ou não. Por isso sabia, poderia ser meio dia.

Saindo do banheiro quando terminou, secou-se com a toalha macia branca e logo entrou no dormitório para vestir-se. Quando o fez, borrifou perfume e puxou seu cabelo recolhendo-o em um coque. Olhou-se no espelho da penteadeira e se deu conta de que se via muito bonita com o vestido de verão.

Foi as cortinas que cobriam uma das janelas e a abriu. Ficou sem fôlego.

Diante dela havia um jardim perfeitamente cuidado com um labirinto de sebes no outro extremo. Mais à frente, estendia-se um campo comprido com árvores a seu redor.

Isto definitivamente não era um pequeno lugar.

Foi para sua bolsa e tirou o telefone móvel. Era quase meio-dia. Enviou um texto rápido a Simon que dizia que ainda não se sentia bem e lhe pedia que explicasse sua situação para Laura e logo foi à porta do quarto.

Deu-se conta de que não havia escada de incêndios que mostrasse a rota na porta e nem fechadura.

Ao abrir a porta, olhou ao outro lado da mesma. Não havia número.

Isto não era um hotel.

Fechou a porta detrás dela e caminhou pelo corredor, escutando para detectar qualquer sinal do Erik ou de alguém a quem pudesse perguntar onde estava.

Não se encontrou com nenhuma pessoa entre seu quarto e o jardim. Caminhou pelo pátio que se estendia da parte posterior da casa. O jardim parecia ainda mais impressionante neste nível. Foi uns poucos passos por cima dela, olhando para baixo. Seu olhar atravessou as roseiras que fraquejavam os baixos e quadrados sebes. Voltavam-se patrões, cada quadrado largo um pouco diferente no desenho. Havia árvores altas a sua esquerda e direita, que incluía o jardim fazendo que se sentisse privado e seguro.

Olhando ao redor, ainda não podia ver ninguém, por isso baixou os degraus para o labirinto. Voltando-se para olhar a casa quando esteve quase ali. Era enorme. Tinha estado só em casas desse tamanho quando tinha visitado as propriedades do National Trust. Nunca tinha conhecido ninguém que vivesse em uma.

Este era Erik?

Era esta a casa da família em que tinha crescido?

Não podia imaginar um lugar como este tendo um pote de manteiga de amendoim, nem sequer uma governanta.

Voltando as costas a ele, tomou uma baforada de ar fresco, deixando que seus pulmões se enchessem com o verão, ao mesmo tempo. O sol estava quente, caindo sobre ela, esquentando-a e fazendo-a sentir feliz. As flores cheiravam bem. Tudo conspirava para que relaxasse e logo esteve cantarolando para si mesmo enquanto olhava as abelhas dedicar-se a suas atividades e as borboletas, muito longe de seus pensamentos e desfrutando do exterior.

Um brilho na casa a fez fechar os olhos e franzir o cenho.

Outro e ela estava vendo-o.

Abriu os olhos arregalados quando viu um gato negro grande escapulindo pela saída do labirinto.

Deteve-se e a olhou, levantando a cabeça e farejando o ar como se tratasse de recuperar o aroma.

Ficou paralisada, com a esperança de ter se tornado invisível ao fazê-lo.

Tinha ouvido falar que gente rica era excêntrica, mas manter uma pantera e deixar que andasse solta ao redor só dava motivos para pedir uma ordem judicial.

Seus olhos se arregalaram ainda mais quando se lembrou que Simon havia dito que um dos rumores que tinha ouvido era sobre uma garota que tinha sido mutilada.

Seu coração começou um lento tamborilar constante que se acelerou rapidamente. Seguiu ficando quieta enquanto a pantera baixava a cabeça e se dirigia para ela, seus ombros trocando enquanto o fazia. Seus olhos dourados focados nela. Lambeu os lábios e ela chiou com a vista dos caninos grandes.

Ela tremia, petrificada enquanto esperava que chegasse a ela, muito assustada para sair correndo enquanto sua mente lhe dizia que a caçaria se o fizesse. O coração pulsou dolorosamente rápido. A pantera ia atacá-la.

Grunhiu, baixo e profundo.

Quase podia senti-lo fazendo-se eco através dela.

Ficou tensa quando se fechou a brecha e farejou seu pé, fazendo-se caminho até sua perna. Era enorme. Se se levantasse em suas patas traseiras, facilmente poderia ser tão alto como ela. A vista das enormes patas a fez tremer. Podia imaginar o poder do golpe de um. Teria sequer uma oportunidade?

Surpreendeu-se quando se esfregou contra ela, com o cabelo liso lhe fazendo cócegas nos joelhos e arrastando seu vestido com ela formando um arco contra ela e afastando-se. Voltou-se, esfregando o queixo contra sua coxa.

Talvez era um bom sinal.

Tinha visto programas sobre os grandes felinos. Tentou lembrar o que haviam dito. Tinha-a farejado?

Voltou a grunhir enquanto se esfregava completamente contra ela. Uma vibração que a atravessava. Olhou para baixo enquanto dava uma cotovelada a sua mão e se ia debaixo dela. Seus dedos se perderam no aveludado cabelo entre suas orelhas. Não se atreveu a contradize-lo. Parecia querer que o fizesse.

Virou-se outra vez, fazendo o mesmo e passando sua cabeça ao longo das costas. Sua cauda lhe fez cócegas no braço a seu passo. Uma risada se deslizou através de seus dentes apertados e ela começou a sentir-se um pouco mais relaxada.

Esfregou-se contra sua mão e instintivamente soube o que queria. Dobrando seus dedos ao passar, as entrecerrou na pelagem negra suave e o esfregou detrás da orelha. Deixou de mover-se e empurrou contra ela, com suas patas dianteiras deixando o chão. Esfregou-o um pouco mais forte, passando os dedos através do cabelo grosso e envolvendo sua mão ao redor de sua orelha

esquerda, atirando brandamente enquanto ela levava a mão até a mesma.

Assombrou-se de como de repente sentiu medo dele.

Quando começou a ronronar, ela o acariciou mais, animada pelo som estranhamente familiar. Agachou-se pouco a pouco, ficando ao nível dos olhos. Olhou-o enquanto esfregava sua pele, fascinada pela exuberante espessura de veludo da mesma e a forma em que reagia.

Fechou os olhos, parecia contente.

Ela franziu o cenho quando virou-se, escapulindo de novo no labirinto.

Levantando-se deu conta que não estava sozinha. Virou-se no lugar, encontrando a si mesmo sendo observada por uma mulher.

A mulher sorriu e caminhou para ela.

Ela não se moveu. A adrenalina reunida pela pantera continuando a afetar suas pernas e teve medo de cair se tentasse caminhar.

— Quer um pequeno café da manhã? — Perguntou a mulher.

Kim a olhou. Tinha que ser mais velha que sessenta anos. Havia algo amável em seu rosto. Estava rodeada de cabelos cinzas selvagens que tinham sido obrigados a ficar presos em um coque e se rebelavam contra ele e queriam soltar. O sorriso da mulher era acolhedor além de amigável. Se mal a tivesse conhecido, haveria dito que gostava da mulher.

Kim assentiu e franziu o cenho então.

— O... — disse e assinalou na direção em que a pantera se foi.

— É bastante inofensivo. — A mulher lhe deu outro grande sorriso. — Por aqui, por favor. Estou certa de que o Sr. Blackwell a acompanhará em pouco tempo. Pensei que tomar o café da manhã no pátio estaria bem.

Kim notou a mesa de ferro negro que estava sentada a um lado, a plena luz do sol. Junto a ela que na sombra havia outra mesa, como um carrinho, este com mantimentos diferenciados e bebidas diversas.

Seguindo à mulher, sorriu com gratidão enquanto se sentava à mesa e se servia uma taça de chá. Sorvia distraidamente, com seus pensamentos ainda na pantera. Onde tinha ido? Viveria no labirinto?

Fez nota mental de não ir ali sozinha.

A mulher rodou o carrinho de mantimentos que estava mais perto dela, disse-lhe algo e se foi.

Não a viu afastar-se em vez disso tomou um prato pequeno e um croissant da mesa. Recolheu-os enquanto olhava o jardim. Este lugar era incrível. Não podia imaginar a vida em um lugar assim. Nunca quereria sair dali. A cidade parecia tão congestionada e horrível comparada com isto. Aqui o ar era fresco e a brisa ligeira, melhor que o insuportável calor.

Suspirou.

Recolhendo a taça de delicada porcelana, tomou um gole de chá e escutou o silêncio.

Quando foi cortado pelo som de passos sobre os azulejos.

Sabia quem era sem olhar.

Erik se sentou no assento frente a ela e tentou não olhar para ele como ela queria. Foi duro

quando viu o que tinha posto. Estava impressionante com a camisa de linho branco e a calça de linho negro. Era muito diferente ao homem que tinha conhecido em Londres. Parecia encaixar com seu ambiente. Ali, tinha sido o homem de negócios, levando o rangente terno do Armani e desprendendo um ambiente de poder.

Aqui, era um homem, relaxado em seu ambiente e que revelava justo o que estava debaixo de seu terno.

Recostou-se em seu assento, com as pernas estiradas enquanto olhava ao longe. Aproveitou a oportunidade para beber-lhe com os olhos. Estava tão relaxado, sua aparência com uma beleza sem esforço. Deu-se conta de que os primeiros botões de sua camisa estavam desabotoados. Era estranho vê-lo em branco, mas mostrava como era sua pele bronzeada e como tinha o cabelo escuro. Também parecia iluminar seus olhos, os que eram dourados.

Ao igual aos da pantera.

Olhou-o de perto, recordando a forma em que tinha reagido quando o esfregou detrás da orelha na ducha e a forma em que a pantera tinha reagido com o mesmo toque. Disse-se que não estava tão louca. Ele era um homem. Como se havia dito um milhão de vezes desde que o tinha conhecido, os homens não ronronavam e não lhes brotava pelos.

Seu olhar se moveu para encontrar o dela, sentindo a necessidade de fazer algo com suas mãos, lhe serviu uma taça de chá e a empurrou para ele.

Ele sorriu.

Nunca tinha visto que se visse tão verdadeiramente feliz.

Parecia mais que contente agora, e se perguntou se seria pelo clima, ou por ela, ou por estar aqui. Ou talvez era tudo. Talvez estar aqui reunidos no pátio desta formosa casa sob um sol do verão o fazia feliz.

Isso a fazia feliz.

Esticou-se e bocejou.

Ela olhou seus dentes e se disse que eram mais que dente, eram caninos grandes.

Ele tomou seu chá e bebeu. Olhou-lhe as mãos. Eram fortes, mãos flexíveis, não patas.

Estava enlouquecendo.

Não queria saber como se teria visto, como se não queria pensar no que tinha passado em sua casa.

— Vi seu gatinho — disse ela olhando o de perto.

— Já sei. — Ampliou seu sorriso e se encurvou na cadeira. Estava perigosamente sexy assim. Como se descansar um olhar em seus olhos lhe dissesse que ele sabia os maus pensamentos que lhe corriam pela mente. Ela os apartou. Estava aqui para falar de negócios, não a renunciar a seu desejo por ele. — Você gostou?

Sua expressão tinha um toque de esperança.

— Não tem que ter algum tipo de licença para eles? Quero dizer, parecia bastante agradável, mas o que acontece se escapar? — Notou que ficou um pouco decepcionado. Teria querido sua aprovação para a criatura? O seguinte seria fazer um pouco do Sr. Darcy e lhe perguntaria se gostava da casa.

Ele tocou em sua taça, empurrando a asa com a ponta de seu dedo para que a taça desse volta em círculos sobre o pires.

— Não há nenhuma possibilidade disso — disse com seu sorriso retornando. — É bastante manso.

Ela decidiu lhe dar o que queria ouvir. Era verdade depois de tudo.

— É formoso. Nunca vi um na vida real e definitivamente nunca havia tocado... nunca tinha estado tão perto de um. Era tão suave... — Seus olhos se encontraram com os seus. — Suave.

Sorriu direto para seus olhos.

— Estou certo que gostou muito de você.

Ela se recostou em sua cadeira e comeu a última parte de seu croissant. Perguntou-se se deveria lhe oferecer algo para comer, mas logo se recordou que era quase meio-dia e que tinha tido provavelmente o café da manhã em uma hora mais regular.

Levantou a vista para a casa detrás dela.

— Isto não é um pequeno lugar que conhece — disse ela e ele a olhou, e logo a ela. — É um lugar enorme que você tem.

Ele negou.

— Não, ainda não. É de meu irmão.

Ela franziu o cenho ante isso. Tinham-lhe seus pais deixado a casa para seu irmão? Parecia um pouco estranho. Ele se voltou para ela e se deu conta de que havia algo mais que os primeiros botões de sua camisa desabotoados. Podia ver seu peito, os músculos se definidos tentando-a para que deixasse seu assento e se sentasse em seu regaço, para explorá-los como lhe estavam rogando que o fizesse. Observou que seu cabelo estava desgrenhado, agora estava mais selvagem do que o tinha visto. Bem, além disso do tempo que tinha despertado a seu lado. Esfregou as gemas dos dedos juntos, recordando a sensação da pele da pantera.

— O que está pensando? — Sua voz perseguindo de longe seus pensamentos.

Ela vacilou, e decidiu não dizer-lhe. Poderia pensar que estava louca se lhe perguntava se poderia de algum jeito transformar-se em uma pantera como sempre fazia em seus sonhos. Isso seria uma forma de fazer que ele a levasse para casa. Agora que estava aqui, nunca quereria ir-se.

Em lugar de dizer o que queria, aproveitaria a oportunidade para obter respostas a algumas coisas que tinham estado em sua mente.

— Naquele parágrafo, o do sangue.

Estirou-se de novo, esta vez sem estar incomodado pela menção do mesmo.

— Meu irmão o queria. Está em caso de quando ter filhos. Se ficarem doentes... ou algo assim, débeis, e seu sangue não coincide com... o meu. — Tropeçou com as palavras e ela teve a impressão de que as estava escolhendo com muito cuidado.

— O que acontece não coincidem? — inclinou-se para diante, olhando-o aos olhos.

— É difícil de explicar — disse.

— É a ciência dos grupos sanguíneos, não de foguetes. Concorda ou não.

Ele ficou de pé bruscamente, com o olhar ensurdecedor, e ela se deu conta que foi devido a sua resposta e deixá-la assim.

Com os punhos apertados, houve um brilho de relâmpago em seus olhos, e logo a tormenta passou e passou as mãos pelo cabelo. Aproximou-se e logo caminhou a um lado para ela.

— É complicado. Não queria as malditas cláusulas, mas se não estar de acordo com elas... então tudo isto será seu por defeito. Meus pais... meu pai, assegurou-se disso. Que seu filho favorito a herdasse... e não eu... — Caminhou para ela e olhou nos olhos, vendo toda a dor neles e desejando abraçá-lo e fazer que se fora. — Nunca eu. Tudo o que tive quando morreu foi a empresa. Irônico, já que era tudo o que Alistair queria e tudo o que eu queria era a casa.

Ela ficou de pé, mas ele se afastou, deixando sua sensação de frio enquanto o via lutando com a dor que tinha causado no que claramente era uma disputa familiar.

— Assinarei o contrato — disse e logo assinalou a casa. — E viverei aqui.

— Vale a pena? — Disse caminhando lentamente para ele.

Pôs sua mão sobre seu braço, sentindo como se esticava, e procurou em seus olhos quando a olhou.

— Este é o único lugar onde posso ser eu mesmo, Kim. O verdadeiro eu. Aqui sou livre.

Ela franziu o cenho, sem entender o que estava tentando dizer.

— Há algo equivocado nesse contrato, Erik. Posso senti-lo.

— Senti-lo? — riu com as palavras dela. Ela se separou dele, confusa por sua reação e a repentina dureza em seus olhos. — Não sabe o que sinto neste momento.

Ele agarrou sua mão e a apertou fortemente contra seu peito. Ela o olhou nos olhos, tentando entender sua mudança de temperamento e o que estava fazendo. Não gostava. Sustentava-a muito apertada e estava começando a doer. Tentou liberar sua mão, mas ele fechou a brecha entre eles e a apertou ainda mais forte.

— Pode sentir isto? — Disse com sua voz baixa e perigosa.

— Sentir o que? — Ela tentou afastar-se dele.

— Me olhe. Não lute contra mim. me olhe.

O fazia, mas só porque lhe havia dito algo de uma de suas fantasias.

Ela se acalmou, olhando-o nos olhos e esquecendo sua luta para conseguir liberar sua mão.

Sussurrou: —Pode me sentir?

Tragou.

— Estou-te tocando... é obvio que posso.

— Me sinta. — Ele a cortou, entrecerrando os olhos nos dela.

Ela os olhou e, por uma fração de segundo, perdeu-se e só existiu ele no mundo. O silêncio encheu sua cabeça e logo foi açoitado de longe pelo som de seu coração pulsando.

Não.

Não era seu coração.

Era o dele. Podia ouvi-lo, sentir que trovejava debaixo de seu peito. Ela podia sentir seu calor e sua fome.

Podia senti-lo.

Tirando sua mão, surpreendeu-se pelo que tinha experimentado.

— É um truque? — Disse com voz tremente enquanto levava a mão a seu próprio peito, com

seu olhar bloqueado pelo seu.

— Sonho contigo — sussurrou e ela abriu muito os olhos. A impressão voltando-se atordoamento e confusão. — Mas os sonhos não me prepararam para a nossa realidade.

Ela piscou e logo fez quão único pôde pensar.

Jogando-lhe os braços ao pescoço, beijou-o, liberando todos os sentimentos que tinha estado levando dentro e deixando que a alagassem enquanto tentava lhe dar sentido ao mundo. De repente, deu-se conta que não lhe importava.

Não entendia como tinha feito para que o sentisse, ou como havia a visto si mesmo de pé em frente à casa. Não lhe importava nada mais que sentir os braços de Erik sustentando-a com força e seus lábios movendo-se em um doce, suave beijo contra ela.

Ela franziu o cenho quando ele a deteve. Captou o olhar de seus olhos. Ele estava retrocedendo de novo.

— Sinto muito — disse em voz baixa e se compôs ela mesma.

— Não estava equivocado. — Seus dedos roçaram sua bochecha e ela o olhou.

— Está certo de que sonha comigo? — Amava a sensação de seu toque suave e tenro. Assentiu. — Sonhava contigo... antes de te conhecer.

Ele sorriu, como se já soubesse.

— Como? — Disse.

Deslizou seu braço ao redor dela, levando-a pelas escadas para o jardim. Ele suspirou e a olhou enquanto caminhavam.

— Acontece às vezes.

Ele estava olhando à distância.

Decidiu que tinha razão. Era melhor não questionar algumas coisas. Olhou o labirinto, enquanto passavam.

Estaria a pantera ali agora?

Olhou Erik.

Ou estava aqui?

Capítulo 17

Era agradável.

E ia ser melhor do que tinha pensado que seria.

Erik sorriu para Kim. Ela estava caminhando junto a ele, com os olhos brilhando sobre tudo para absorver o que via seu redor. Dirigiam-se para o bosque, na borda do perímetro do jardim. Seu lugar favorito para olhar a casa estava por vir. Havia um grande lago retangular com uma fonte alta no centro. Era uma formosa vista em todas as direções a partir daí, mas fazia a casa genial em particular.

Queria que ela a visse com sua melhor luz para que entendesse por que estava disposto a

assinar o dito contrato.

— Assim conseguiria a casa se estiver de acordo com seus termos? — Sua conversa tinha sido toda sobre o negócio da revelação de que compartilhavam os sonhos de cada um. Ele sabia que ela estava evitando ter que pensar nisso, e como era possível.

Olhou por cima do ombro a casa.

Não queria falar de negócios. Queria encontrar uma maneira de lhe fazer compreender a conexão entre eles e tudo o que tinha acontecido. Ela tinha visto através de seus olhos, e ele tinha visto através dos seus. A união entre eles tinha começado, e estavam começando a ficar sem tempo para emparelhar-se.

Colocando o cabelo para trás com seus dedos, recordava a sensação de suas mãos sobre seu pelo. Tinha sido tão valente, petrificada a princípio, mas logo se relaxou enquanto a rodeava em forma de pantera. Tinha estado surpreso pela rapidez com que tinha encontrado coragem para acariciá-lo, para que lhe esfregasse detrás das orelhas, e sabia que não tinha sido um momento de reconhecimento. Tinha a suspeita agora, provocada pelas coisas que tinham acontecido em seus sonhos e pela forma em que tinha reagido quando lhe fez cócegas na orelha na ducha.

Ele nunca ocultou quem era. Não podia.

Se o fazia cócegas detrás da orelha neste momento, teria dificuldades para evitar ronronar.

Era um maldito ponto débil.

Se ela ficava com ele, teria poder sobre ele com isso. Tudo o que quisesse, poderia obtê-lo lhe fazendo cócegas ali.

Seus sentidos cravaram. Ele olhou Kim e a encontrou olhando-o. Haveria provavelmente agitação neles. Ela sempre o sentia quando o tinha tão perto.

— Não tenho a casa exclusivamente — disse respondendo a sua pergunta anterior, ao chegar à fonte.

— Compartilha-a?

Ele assentiu.

— Em troca da metade de minha empresa.

Seus olhos se abriram.

— Isso é sábio? Quero dizer, Alistair pode obter algum tipo de vantagem se for proprietário de mais da metade dela?

— Sou o único acionista. Não poderia possuir mais da metade. Tenho cinquenta e um por cento da empresa e ele terá cinquenta e um por cento da casa. Não vamos dividir as coisas por igual. Não estaria de acordo nisso.

— Mas está de acordo com um parágrafo a respeito de sangue?

Suspirou e amaldiçoou sua mente inquiridora. Seria tão fácil deixá-lo onde estava e lhe dizer exatamente o que queria dizer o parágrafo. Tinha certeza que não se assustaria.

— Estaria — disse alguém detrás dele.

Deteve-se, apertando os punhos e se voltou para o rosto de seu irmão. — O que está fazendo aqui?

— Eu poderia dizer o mesmo. — Alistair deu um passo para ele e Erik se moveu para que Kim

ficasse um pouco por detrás dele.

Podia sentir a ira saindo de seu irmão e ele sabia que a dele mesmo estava a ponto.

— Não deveria estar em Londres, em uma reunião comigo e com alguns parvos advogados? — Alistair se inclinou para um lado e olhou além dele, com seus olhos estreitando-se em um olhar escuro. — Apesar de que parece ter trazido um advogado contigo.

Os olhos do Alistair se voltaram de ouro e ele sorriu.

O coração do Erik começou a pulsar com força, o pelo na parte de seu pescoço aumentou por instinto. Tinha que protegê-la.

— Kim, volta para a casa. — Erik a olhou. Ela estava olhando Alistair, com o medo escrito claramente em seus olhos. Podia entendê-lo. Alistair não estava exatamente ocultando sua ira e nem todos os dias via os olhos de alguém ficar mais amarelos. Ela não se moveu. — Kim, à casa, agora.

Ela o olhou e ele entendeu a mensagem alta e clara. Ela estava muito assustada para mover-se e não entendia por que. Era um jogo de mente e não sabia as regras. Seus instintos lhe diziam que permanecesse com ele, com seu companheiro, onde estaria a salvo, e lhe dizia que se fora. Ela estava mais segura longe dele agora mesmo.

Sua distração por olhá-la muito tempo lhe custou muito caro.

Antes de que pudesse reagir, Alistair a tinha agarrado do braço e estava puxando ela para ele. Erik grunhiu e a liberou, só para que Alistair tratasse de apoderar-se dela de novo.

— Não a toque! — Erik rugiu as palavras, puxando Kim perto de seu peito e passando um braço a seu redor. — Deixa-a em paz.

Ela se apertou contra seu corpo, com a cara afundada no pescoço e as palmas de suas mãos contra seu peito.

Alistair grunhiu e lhe mostrou os dentes, que já se ampliavam.

Erik lhe grunhiu de novo nele.

— Não vou perdê-la agora que a encontrei. — Sustentou a Kim mais perto.

Uma faísca de reconhecimento entrou nos olhos de Alistair.

— Ela é sua companheira? Isto é uma brincadeira, verdade, irmão? Pensei que foi justo atrás dela por esse doce corpo, não por algo tão ridículo como isso. Uma companheira humana? — Alistair riu dele.

Ele negou.

— Vai agora e irei amanhã e assinarei tudo... se for.

Alistair sorriu, lhe dando a impressão de que não ia ser tão singelo agora que sabia o que Kim significava para ele.

Erik se separou de Kim. Olhando-a aos olhos, tentou tranquilizá-la em seu silêncio lhe dizendo que tudo ia estar bem.

— Corre — sussurrou com voz suplicante para que o escutasse esta vez.

Alistair grunhiu de novo e ele podia senti-lo trocando, que já começava a passar por ele.

Não havia maneira de que pudesse detê-lo. Quase podia sentir seus olhos à medida que se começavam a voltar amarelos e o primeiro sinal de formigamento atravessava seu corpo. Era o

precursor da mudança, o sinal de advertência. Kim não tinha necessidade de ver isto, não agora.

Seus olhos se abriram, enquanto baixava às mãos. Suas garras se abriam passo, a erupção de cabelo era uma onda ao longo da parte posterior de seus dedos, que já trocavam de lugar para forma de pantera.

— Corre! — Gritou desta vez empurrando-a enquanto a dor voltava para seu estômago. Ela cambaleou e começou a correr, mas foi muito lenta, e ele também. Alistair se equilibrou sobre ela, e antes que pudesse fazer frente a seu irmão, tinha golpeado Kim para que perdesse o equilíbrio e caísse.

Erik se estremeceu quando sua cabeça golpeou ao lado do lago e caiu ao chão. Seus sentidos imediatamente se aumentaram e o alívio floresceu dentro dele para ouvir seu coração pulsando forte.

Ele grunhiu para seu irmão e lhe rasgou a camisa aberta enquanto seus ossos trocavam, saindo de seu lugar e, depois de novo na nova posição. Alistair tinha trocado ao mesmo tempo que ele e sua roupa ficou para trás enquanto saltavam um contra o outro. Erik cravou as unhas nas costas de Alistair e rodou com ele, com seus dentes afundando-se profundamente em seu ombro, o suficiente para provar seu sangue e fracamente escutou o grito de dor de Alistair.

Seu irmão merecia pagar por lhe fazer mal. Ele o tinha advertido. Enfrentaram-se novamente com fúria com dentes e garras, de grunhidos e gritos enquanto lutavam pelo domínio. Brigou com seu irmão antes, nada mais em brigas de jogo para afinar seus instintos. Não estava jogando mais. Tinha chegado o momento de que Alistair se desse conta de qual deles era o mais forte.

Saltando pelas costas, Erik correu, levando Alistair para longe de Kim. Ofegava forte quando saíram para clareira e logo saltou sobre um dos sebes baixos enquanto seu irmão se equilibrava. Alistair grunhiu em sinal de frustração enquanto desaparecia de sua vista. Erik não o fez esperar muito tempo. Economizando energia, espreitou em torno de um lado, cobrindo-se, mantendo seu enfoque em Alistair.

Atacou no momento que viu que Alistair lhe dava as costas. Rodaram juntos, com as pernas traseiras dando patadas e ferindo um ao outro no estômago e nas costelas. Cravou-lhe as garras profundamente e lançou um selvagem grunhido enquanto mordia as pernas dianteiras de Alistair.

Alistair se liberou, com o sangue sendo absorvido por sua pele de ouro pálido. Mostrou-lhe os dentes e retrocedeu quando Erik se dirigiu para ele.

O reconhecimento estava ali, na forma em que Alistair se sentou humildemente, mas Erik sabia que não tinha finalizado. Rugiu para Alistair em uma demonstração de força e poder, lhe deixando ver que se tentasse algo, teria mais que uma dor no braço e ombro para demonstrá-lo.

Alistair escapuliu no mato, coxeando em seu caminho de volta para a casa.

Erik não se moveu até que viu que Alistair estava de novo em forma humana e o ouviu ir em seu carro.

Dando-a volta, voltou-se para a Kim, com a esperança em Deus que estivesse bem.

E sabendo que ela o tinha visto começar a trocar.

* * * *

Havia algo áspero acariciando seu rosto. Quente e áspero. Arrastava-se por sua bochecha, e corria sobre sua pele. Era suave.

Reconfortante.

Ela franziu o cenho e gemeu enquanto tentava abrir os olhos; doía-lhe a cabeça. O primeiro que viu foi o cascalho do chão. Estava estranhamente perto dela. O segundo foi o cabelo negro de uma pantera sobre ela, lhe lambendo a cara.

Por estranho que parecesse não sentia nenhum medo dela.

Pouco a pouco se sentou, deixando que a pantera seguisse lhe lambendo a cara, não querendo incomodá-la detendo-o, e tentou orientar-se. Estava no chão. A frieza em suas costas a fez olhar a seu redor e viu a lacuna atrás do pasto.

Recordou que algo tinha acontecido. Tudo era um borrão e logo tinha tido um montão de dor seguida por escuridão. A pantera ronronou. Esfregou-lhe detrás da orelha, ainda tentando recuperar-se e esperando que tudo voltasse para ela.

Alistair tinha estado aqui.

Erik tinha lutado com ele.

Sua mão baixou, acariciando a pantera. Ela franziu o cenho quando se deu conta que tinha o peito molhado. Levantando sua mão se frustrou ao ver o sangue em seus dedos. Lutou por ficar de pé, com a cabeça lhe dando voltas, e olhou à pantera. Lambia-se a ferida no peito, ainda ronronando. Não era necessariamente um bom sinal. Os gatos ronronavam quando estavam feridos também, não?

— Fique aqui — lhe disse ela, como se a escutasse, e pôs-se a correr para a casa.

Quando chegou ao jardim principal, olhou para trás e viu que a pantera se foi. Correu adiante, fazendo-o tão rápido como pôde e apertando-a mão na cabeça para evitar que seu cérebro caísse. A dor a golpeou enquanto corria, lhe doendo a cada passo.

Tinha que ver se Erik estava bem.

Algo deve ter acontecido ou estaria ali quando ela despertou.

Não?

Ela empurrou a porta de vidro abrindo-a e chamou a governanta, mas se deu conta de que não sabia seu nome.

— Ajuda! — Gritou, correndo para o corredor. — Ajuda!

Houve uma comoção pelo corredor e a governanta saiu correndo para ela.

— O que acontece?

— Houve uma briga. Alistair. Erik. Está ferida... a pantera está ferida. — Ofegou duro e logo fez uma careta enquanto a dor de seu crânio a atravessava.

— Está ferida — disse a mulher e pôs seu braço ao redor dela, apoiando-a.

— Vou estar bem. Acabam de me dar um golpe na cabeça. Não posso encontrar Erik.

— Vai para seu quarto e te deite. Encontrarei ao Sr. Blackwell. Vai direto te ver. — A mulher

a conduziu para as escadas.

Kim fez o que lhe tinha pedido. Deitar soava bem agora. A mulher provavelmente seria capaz de encontrar Erik mais rápido do que ela poderia. Deteve-se no degrau inferior e lhe devolveu o olhar.

— Não se esqueça da pantera — disse, com sua voz mostrando sua preocupação. Não havia tanto sangue.

A mulher sorriu.

Kim olhou a mão enquanto subia pelas escadas, tendo a horrível sensação de que algo estava mau, que Erik tinha ficado ferido.

Chegando ao seu quarto, sentou-se na cama e logo se inclinou para trás. Seus olhos desfocados, enquanto tentava lembrar o que tinha acontecido. Tudo continuava sendo uma confusão em sua cabeça. Só podia recordar Erik lhe dizendo que corresse e então ela esteve inconsciente. Alguém a tinha empurrado. Deve ter sido Alistair.

Não podia esquecer-se do olhar nos olhos de Erik. Tinha estado petrificada. Teria tido medo que Alistair fora lhe fazer mal como lhe tinha feito mal a todas essas outras garotas?

Talvez tivera sorte de chegar longe com apenas um golpe desagradável na cabeça e nada mais.

Sentou-se, incapaz de ficar quieta por muito tempo, enquanto seus pensamentos voltavam para Erik e seu paradeiro. Estava preocupada. Seu estômago estava revolvendo uma e outra vez, seu coração tremia ante a ideia de que algo terrível que poderia lhe haver ocorrido.

Levantando-se, caminhou pelo quarto e, finalmente, encontrou-se junto às janelas.

Olhou sobre a base, procurando algum sinal dele. Estava obscurecendo agora. Esperava que a governanta fora capaz de encontrá-lo. Não podia esperar que não estivesse ferido. Ela já sabia que o estava.

Esta vez não questionou como sabia. Erik tinha razão quando lhe havia dito que não o questionasse.

Às vezes o melhor era só aceitar as coisas.

Antes que pudesse pensar duas vezes a respeito do que estava fazendo, estava caminhando de volta à porta de seu quarto.

Não havia maneira de que fora sentar-se aqui, enquanto Erik tinha desaparecido.

Descendo pelo corredor, seu coração saltou a sua garganta quando ouviu vozes e reconheceu a de Erik. Correu para as escadas e tinha dado os primeiros passos antes de deter-se em seco.

Ele estava ferido.

Sua camisa branca estava manchada de sangue.

Desceu correndo as escadas restantes e com o olhar em seus olhos quando o viu mais perto. Ele tinha tido a esperança de que voltaria a vê-la. Correndo para ele, jogou uma boa olhada aos cortes em seu peito antes de puxar a camisa fechada em torno dele. Os arranhões largos lhe recordavam as feridas da pantera.

— O que aconteceu? — Disse, ofegante enquanto lutava com suas emoções e tentava deter-

se para não sacudi-lo. Havia tanto sangue em sua camisa. Ela desejava que se vestisse de negro agora. A cor vermelha escura sobre o fundo branco era muito difícil de suportar.

Moveu sua vista a seu estômago e seu pânico piorou.

— Foi a pantera?

Sacudiu a cabeça, com o olhar de preocupação sem deixar seus olhos. Por que estava preocupado?

— Foi meu irmão. Já foi embora. — Soltou a camisa e a abriu de novo.

Seu olhar caiu sobre seu peito e seus olhos se abriram ao recordar o que tinha acontecido.

Tragou, tentando assimilar sua mente, que ameaçava voando. Os arranhões eram quão mesmos os da pantera. Antes que Erik tivesse deslocado, tinha visto cabelo em suas mãos e sentido as garras. Não o tinha imaginado. Não o tinha feito. Não era sua fantasia.

Lembrava-se de tudo.

Tinha sido real.

Seu peito se apertou e a garganta se fechou, o que dificulta sua respiração enquanto o mundo fazia ruído em torno dela. Sentia-se como se a fossem tragar em seu conjunto e o desejava porque não podia dar sentido a isto absolutamente.

— O que é? — Murmurou, sem deixar de olhar seu peito.

Não podia acreditar até que o dissesse, até que lhe oferecesse alguma prova e lhe dissesse que não se estava enlouquecendo.

Ele a olhou, com a admissão em sua expressão e sem rastro de negação da acusação que estava jogando em seus pés.

Ela o tinha visto a mudança, igual tinha visto em seus sonhos.

Não, tinham sido seus sonhos. Tinham sido os sonhos deles, e tinha visto através de seus olhos, e ela sentiu quando tinham estado fora.

E ela o tinha visto mudar para algo.

Na pantera que tinha estado lambendo-a quando tinha chegado a seu redor.

Erik tinha estado ali, tinha sido só a pantera e não o homem diante dela agora.

Sacudindo a cabeça e não querendo acreditar o que ela sabia que era certo, voltou-se e correu pelas escadas sem nem sequer um olhar a ele.

Não podia ser real.

Não podia ser a pantera.

Capítulo 18

Kim tinha chegado até a metade da sala antes que sentisse que agarravam seu braço. Seu aperto foi firme e implacável enquanto ela lutava por liberar-se. O olhar se encontrou com o seu enquanto se virava. Havia tanta dor e medo em seus olhos cor mel, tanto que a cortava até a medula e se acalmou.

Não o deteve quando a levou pelo corredor e logo a um dos cômodos. Era um quarto.

Soltou sua mão e ela caminhou para o outro lado do cômodo, e logo à cama. Aferrou-se a um dos postes para manter o equilíbrio, e esperou em silêncio que falasse e fizesse que tudo estivesse bem outra vez.

Fechou a porta e suspirou. Ela podia sentir a incerteza nele, e desejava ter coragem de lhe dizer o que sabia, mas queria ouvir. Ele queria que o que tinha acontecido entre eles nos últimos dias não tivesse terminado.

Ela queria ouvir também.

Mas, como se supunha que tinha que lutar com algo como isto?

Coisas como esta não aconteciam na vida real. Eram fantasias. Esta era uma fantasia. Os homens não se transformavam em panteras. Não era fisicamente possível. Verdade?

— Queria lhe dizer isso tentei — sussurrou em voz baixa, mas ela o escutou, e ouviu toda a confusão de sentimentos por trás dessas palavras. Quando o tinha conhecido, tinha sido tão forte. Agora, via-se débil e medroso.

Ela o tinha assustado. Tinha tirado sua força e tinha descascado as capas para revelar o homem por debaixo. Ele não queria perdê-la. Isso era o que havia dito a seu irmão.

Ela não queria perdê-lo tampouco.

Olhou-o, com o aspecto juvenil no rosto e o sangue no peito. Continuava sangrando, e em sua cabeça estava ainda a morte. Tudo estava tão fodido. A única coisa que queria era esquecer o que tinha visto e fingir que era só um homem normal, mas teve a impressão de que não era uma opção.

Deu-se conta de que isto era o que tinha querido lhe dizer antes de ter feito amor a primeira vez. Tinha tentado dizer-lhe e ela não o tinha deixado. Não sabia como teria reagido se o tivesse revelado essa noite. Ela o conhecia muito melhor agora, sentia-se tão vinculada a ele, que lhe parecia impossível lhe dar as costas.

Sentou-se no extremo da cama e ficou olhando o chão.

Ele havia dito que ia responder a qualquer pergunta que tivesse, que lhe diria tudo sobre ele, se fosse com ele para este lugar. Tinha-o feito. Agora tinha tantas perguntas que não sabia por onde começar.

— Quis dizer isso — disse vindo pela habitação para ela.

— Que tal se me disser que estou louca... que isto não pode ser real. Que é só um sonho. — Ela olhou para ele.

Deu um olhar que dizia que não era possível. — Não posso mentir para você.

— Por que eu? — Sussurrou para seus joelhos, sem vontade de olhar para Erik e ver o sangue em sua camisa. Precisava atender suas feridas. Ela o faria se ele a deixasse, mas sentia que tinha que esclarecer as coisas antes que ele se fizesse cargo de si mesmo. Tocou-se o coração. Provavelmente estava lhe fazendo mal estando de pé ali com os arranhões no peito. Como as teria feito? Estaria Alistair com ele?

Erik suspirou profundamente e ela quase esperou que lhe dissesse que era complicado.

Recordou-o gritando a seu irmão. Recordou-o dizendo que não ia perdê-la agora que a tinha

encontrado.

Havia dito que era sua companheira.

Sua mente cambaleou com esse pensamento.

Ficou olhando um ponto no tapete, deixando que tudo afundasse lentamente nela e deixasse que o vazio se enchesse.

— Sabia de algum jeito — disse ela e Erik se moveu de novo, dando um passo mais perto. Seu olhar se moveu a seus pés.

Estavam nus, sujos. — Sabia... que tudo isto ia acontecer. Por que eu? O que é uma companheira?

Ela o olhou agora, direto nos olhos tentando ver a explicação para que não a fizesse esperar para escutá-la.

Ajoelhou-se diante dela, entre seus joelhos e a olhou nos olhos. Havia um olhar esperançoso. Provavelmente estava tomando quão tranquila estava como um bom sinal. Em certo modo, supunha que o estava. Ou isso, ou ela afundava lentamente na demência e por isso tudo tinha sentido em um certo nível e não a assustava tanto como sentia que deveria estar.

— Porque nos pertencemos, Kim. — Sua voz era suave e calma. Deu o menor dos sorrisos para ela. Parecia tão nobre de joelhos ante ela que a fez sentir como se estivesse sustentando seu coração, lhe pedindo que o amasse pelo que era e entender o melhor que pudesse, lhe rogando para não deixá-lo. — Estamos destinados a estar juntos. É o destino. Quando disse que estive te esperando toda minha vida, estava dizendo a verdade. Um companheiro aparece uma vez na vida. Fomos escolhidos um para o outro. Penso nisso como uma alma gêmea.

— Um companheiro de alma. — Ela franziu o cenho enquanto tentava assimilar — E os sonhos? Disse-me que os compartilhava.

— Fazemo-lo agora. Tive-os durante vinte e sete anos — disse-o como se fora perfeitamente normal.

Seu cenho se intensificou enquanto calculava em sua cabeça. — Desde que tinha sete?

— Não — disse com um sorriso. — Nossa idade é diferente dos outros, mais lenta. Agora que amadureci, não vou envelhecer mais. Trinta e quatro anos foram como cinquenta.

— Oh — disse ela, ainda tentando entender tudo e se tornando cada vez mais difícil.

Ela o olhou nos olhos, com expressão aberta. Estava tentando ser honesto com ela e em silêncio lhe agradeceu por isso. Preferia que fora honesto, inclusive se isso significava que pensasse que se estava enlouquecendo. — Não tive os sonhos toda minha vida. É isso normal?

Duvidou. Era evidente que havia algo mais que não sabia.

— Está no cio.

Ele o havia dito tão rápido que não tinha sido mais que um borrão, uma palavra. Suas sobrancelhas se levantaram e apertou seus lábios. Muito bem. Ela estava no cio. Deus sabia o que isso significava.

— Só significa que está receptiva para acasalar. É uma chamada de emparelhamento. Não te deu conta porque é humana, mas outros como eu o sentem. Eu o faço. — Ainda estava falando rápido e o olhar de pânico voltou para seus olhos.

— Como? — Disse.

Ele se encolheu. — Posso cheirá-lo, senti-lo.

— Está bem. — Ela voltou a assentir, sem saber muito bem o que fazer com o fato de que havia outras pessoas pantera no mundo e podiam cheirar tudo o que desejava. Grandioso. Ela franziu o cenho. Não perguntaria por que Alistair tinha vindo a ela.

Doía-lhe a cabeça.

— Acredito que ainda estou inconsciente.

Ele sorriu, com seu olhar suavizando-se de novo, e estendeu a mão para tocar sua bochecha, mas se deteve. Ela queria que a tocasse. Precisava sentir que tudo era real.

— Isto não é um sonho. Sentiu a conexão... é minha companheira.

Ela franziu o cenho, confusa, mas desesperada por entender. Sempre sentiu a conexão entre eles e sempre tinha sabido que era algo mais que uma atração física. Era profunda, chegava até sua alma e profundamente em seu coração.

— O que significa isso? Eu não sou como você — disse.

— Pode ser.

— Não, não posso. Não quero o que é... não entendo isto. estive vendo estas coisas e agora sei que o que vi foi através de seus olhos. — Olhou para longe dele, à parede do fundo, e manteve seu olhar fixo nesse ponto. — Todos estes sentimentos... São realmente meus, são reais, ou se trata só sobre acasalamento? Realmente é da maneira em que é, veria-me dessa forma se não fosse por tudo isto?

Ele pegou sua bochecha e a trouxe de volta para seus olhos. — Kim, me escute.

Ela assentiu piscando para conter as lágrimas enquanto tentava acalmar-se de novo.

— É formosa. A forma em que me sinto por ti não tem nada a ver com o emparelhamento, nem sequer se iniciou devidamente ainda. Todos nós nascemos com o amor de uma pessoa. Você e eu somos afortunados de ter a uma pessoa revelada para nós.

Ela engoliu, mas sua garganta se manteve seca. Estava dizendo que a amava? Ela o amava?

Ela poderia amá-lo?

Ela olhou suas mãos. Tantas vezes tinha visto a mudança em seus sonhos e nunca tivera medo. Agora estava tão assustada, mas não temia o que era. Tinha medo de seus sentimentos.

— Eu nunca te machucaria — sussurrou. — Nem sequer quando estou trocado.

O olhar dela se encontrou com o seu e ela tentou lhe deixar ver que acreditava nele, embora não pôde encontrar sua voz para dizer que o fazia. Ele a tinha protegido de Alistair. Fazia algo mais que cuidar dela desde que a tinha conhecido.

Sabia em seu coração que nunca deixaria que ninguém a machucasse, sobre tudo a si mesmo.

— Me mostre — disse em voz baixa, não muito segura de que realmente queria vê-lo ou não. Sentiu-se muito mal no interior quando lhe deu um olhar de dor e confusão e se deu conta de que lhe haver ordenado que trocasse, o tinha feito sentir como um inseto estranho. — Por favor? Só quero te entender, acreditar que isto é real.

Ele assentiu e se levantou.

Seu coração pulsou com força contra seu peito enquanto se afastava dela. Seu ritmo era irregular, sua respiração entrecortada pela tensão elevada da sala. Não sabia o que esperar e sua mente se amontoava em todos os cenários que podia imaginar.

Sua atenção foi rapidamente para ele quando tirou a camisa e logo tirou o que ficava de sua calça. Viu a roupa cair ao redor de seus tornozelos e como saiu dela. Supunha-se que tinha sentido que se despisse antes de trocar. Não era como que as panteras usassem roupa.

Deu-lhe um sorriso pouco antes de tirar sua roupa íntima. Seus olhos ficaram ali e foi difícil recordar-se por que ele estava nu ante ela.

Ele respirou fundo e o sustentou.

Estava nervoso? Ela estava. Todo seu corpo tremia, suas mãos também, onde se dobravam na borda da cama.

— Não tenha medo — disse com um olhar suplicante.

Ela deixou de respirar quando um grosso cabelo negro acetinado começou a aparecer no dorso de suas mãos. O olhar que lhe estava dando lhe fez doer o coração. Havia tanto dor nele que se mesclava com tanta esperança de que ela o entendesse. Ela queria fazê-lo.

Os ossos de seu corpo começaram a mudar e viu sua mandíbula tensa, suas sobrancelhas encontrando-se em um gesto. Doeria? Estava fascinada, enquanto observava o correr de seu pelo sobre ele, a adaptação de seus ossos e uma cauda que apareceu enquanto se inclinava. Os ruídos eram horríveis, assustadores.

Soavam como se ele estivesse rompendo para ela. Antes que soubesse, havia uma pantera, ante ela, de pé em meio da roupa de Erik.

E ela não tinha medo absolutamente.

A pantera se dirigiu para ela.

Ela sorriu quando a olhou, com vontade de lhe assegurar que sua mudança não a tinha assustado.

— Sua casa é segura? — Disse com voz tensa, sem saber que mais lhe dizer quando esteve nesse estado.

A pantera lhe grunhiu, com um olhar de desdém em seus olhos de ouro.

— Sinto muito — disse enquanto se afastava dela. Virou-se e sacudiu a cauda longa e grossa sobre seus joelhos.

Ela se encolheu de ombros e sorriu. — O humor é um mecanismo de defesa.

Passeou pelo quarto, olhando-a de vez em quando.

— Faria bem de cão guardião... grande gato... Não estou certa de como te chamar.

Ficou em suas patas traseiras e grunhiu quando começou a trocar de novo. Parecia tão doloroso como quando tinha trocado para animal. De repente, Erik estava nu ante ela.

— Só me chame de Erik — disse e recolheu sua roupa íntima, deslizando-se nela. Ela estava agradecida por sua modéstia. Nunca seria capaz de concentrar-se quando estava nu a seu redor.

— Algo te mordeu para te fazer assim? — Tentou pensar em tudo os filmes que tinha visto com homens lobo nelas. — É como um homem lobo... um homem pantera...? Troca quando está lua cheia?

Ele riu e foi para o banheiro. Ela o olhou pegar algumas coisas do armário e então voltou para ela.

— Me permita — disse ela enquanto desenroscava a tampa do antisséptico.

Ela se surpreendeu quando ele o fez. Aproximou-se e se ajoelhou ante ela, sustentando o frasco e algodão para ela. Sustentando-os, ela tomou a bola de algodão com o antisséptico e logo, com cuidado o aplicou nos arranhões do peito. Ele respirou forte entre dentes e fez uma careta.

— Sinto-o — murmurou, aliviando seus movimentos. Os cortes não eram profundos, mas estava sangrado por todo seu peito. Concentrou-se em seu trabalho e o deixou falar. Provavelmente era melhor dessa maneira. Ele poderia conseguir tirar tudo enquanto ela tiraria todo este sangue dele também. Fazendo isso tudo ficava um pouco mais normal.

— Eu não troco com a lua — disse em voz baixa.

Um olhar lhe revelou que estava vendo suas mãos, com uma expressão de dor em seu rosto. Ela quase podia sentir seu alívio porque não tivesse fugido. Embora quisesse ou poderia. O instinto lhe dizia que ficasse e suas pernas não estavam cooperando.

— Não somos homens pantera. Somos metamorfos. Lycans. Não fui mordido tampouco. Embora possa trocar dessa maneira. Em minha família, é hereditário. É um gene que se transmite pela linhagem sanguínea. — Tomou outro forte fôlego. Ela sorriu com uma desculpa nos olhos e começou a limpar o sangue seca. — Minha mãe era uma pantera como eu. Meu pai era como Alistair, um puma. Alistair e eu levamos os genes de pantera e puma. O que na mudança é o gene dominante. Se a gente trocar de forma e engravidarmos um ser humano, existe a possibilidade de que a criança levará o gene com êxito, mas terá em igual possibilidade de que o gene os adoeça, em cujo caso terá que ser devidamente convertido a um licántropo ou a um da mesma espécie.

— É isso do que o parágrafo trata? — Ela o viu assentir. Tudo tinha sentido agora.

Alistair era promíscuo e com toda probabilidade, ia acabar sendo pai em algum momento, e pelas histórias que lhe disseram, era provável que com um ser humano. — Se o sangue não coincidir, se o gene dominante for pantera, quererá que o troque.

— Você disse que era complicado. — Ele sorriu, enquanto o ar soprou pelo quarto e fez seu coração mais ligeiro.

Terminou de limpar os cortes em seu peito e o olhou. Não mostrou nenhum sinal de sangrar de novo. Seus dedos acariciaram as bordas das feridas. Doía-lhe ver e saber que tinha tido que defendê-la.

— Erik? — Sussurrou para seu peito.

— Sim, Kim? — Sussurrou seu nome em voz tão baixa que esquentou seu interior.

Olhando-o nos olhos, apoderou-se de suas mãos entrelaçando seus dedos e pressionando as palmas contra ele. Precisava senti-la, queria seus braços ao redor dela para que soubesse que os sentimentos que tinha mostrado sempre por ela, ainda estavam ali, dentro dele. Ela tinha que saber que se fosse ficar com ele, tudo o que havia entre eles ia estar bem. Precisava saber que ela estaria a salvo, e que sempre teria amparo neste novo mundo ao que ia entrar.

— Beijaria-me? — Pediu.

Levantou-a sobre seus joelhos, sem soltar as mãos com força, lhe dando um suave beijo nos

lábios. Ele estava tremendo. Não lhe importava. Ela estava tremendo também. Fechou os olhos quando seu beijo cresceu mais audaz, com os lábios movendo-se, e ela os separou, o que permitiu a sua língua satisfazer a sua. Era terno, reafirmando os sentimentos que tinha conhecido e que ainda estavam ali entre eles, independentemente do que era e o que estava acontecendo. Quando a beijava assim, não importava nada mais que estar com ele.

O que acontecesse em sua vida, poderia enfrentar com ele se o tivesse a seu lado.

Quando o beijo se rompeu, ela manteve o aperto das mãos e o olhou nos olhos.

— Erik? — Disse. — O que é emparelhar-se?

Ele sorriu, como se estivesse esperando que encontrasse coragem suficiente para perguntar.

— É a afirmação de um laço entre nós, mais profundo que a conexão que temos agora. Quando está no cio é a única vez que se pode modificar sem fazer mal.

— Tenho que ser como você para que este acoplamento aconteça? — Ela se alegrou por não ter sorrido de sua pergunta. Era tudo tão estranho, mas estava começando a compreendê-lo.

— Sim — disse com um gesto de cabeça e se levantou. — As coisas que estivemos vendo... as visões e as vezes que viu coisas através de meus olhos... tudo é pelo emparelhamento. Deve ser completado, mas há dois dias pensava que estava preparada para tudo isto, agora não estou tão seguro.

— Não estou preparada? — Ela franziu o cenho brevemente e pensou. Estava disposta a renunciar a sua vida normal e ser como ele? — O que aconteceria se eu não mudasse?

— Então a vida volta para a normalidade. Os sonhos pouco a pouco se tornarão mais luzes de alerta até o dia que parem.

— Quer dizer que esta é nossa única oportunidade?

Lhe sorriu. — Não, absolutamente. O ciclo é eterno. Se não nos emparelharmos nesta ocasião, em dois ou três anos haverá outra oportunidade. Saberá, porque os sonhos, voltarão a começar.

— OH. — Olhou seus joelhos. — O que terá que me deixar trocar... ou que a mudança me chegue quando estivermos juntos... fazendo... você sabe?

Ela esperou que risse, mas seu olhar estava muito sério.

— Nunca te forçaria. Nunca Kim. Estou as suas ordens. — Lhe deu um olhar estranho e logo caminhou para as gavetas. Ela se inclinou para um lado, tentando ver o que estava tirando da gaveta superior.

Seus olhos se arregalaram quando se virou para ela e levantou um par de algemas. — Teve o sonho, igual a eu.

Caminhou para ela, sustentando as algemas para que ela tomasse.

— Preciso que confie em mim — disse e pôs as algemas em suas mãos.

Estavam frias e duras, e nada atraentes ao contrário do que pareciam ter sido no sonho. Fizeram que lhe passasse um calafrio. Ela o olhou nos olhos.

— Não vou te fazer mal. Nunca te obrigaria a trocar, e nunca te trocaria contra sua vontade. Confio em ti e esta é a única maneira para que veja isso. Entrego-lhe isso...

Olhou as algemas de novo. Ela o desejava. A intensidade desse sonho ficou com ela e queria

conhecê-lo de primeira mão. Tinha que saber que ela confiava nele e acreditar em tudo o que havia dito.

Tinha que demonstrar.

Mas tinha medo.

Capítulo 19

Erik a viu olhar fixamente as algemas e se perguntou se tinha feito o suficiente para lhe demonstrar que era digno de sua confiança e os sentimentos que sabia que ela tinha por ele. Isto não era exatamente como tinha planejado que conhecesse seu lado primário, mas até agora estava ido relativamente bem. Não tinha se assustado como estivera esperando. Havia uma tranquila aceitação nela. Havia dito que sabia o que era de algum jeito. Nunca tinha se escondido dela em suas visões. Talvez deveria ter trocado totalmente e ela não tinha sabido o que era.

Ela jogava com a corrente entre as algemas, claramente tentando decidir o que ia fazer. Ele queria que sentisse essa conexão de novo com ele. Inclusive não teria se atrevido a lhe oferecer as algemas e lhe pedir este tempo juntos, se ela não tivesse limpado suas feridas por ele. Tinha visto o carinho em seus olhos, a preocupação e o medo por ele. Todo o amor.

Foi difícil para ela chegar a um acordo com o que estava dizendo, mas estava na frente dele admiravelmente.

Ela o olhou, com seus olhos escuros cheios de perguntas que nunca faria. Havia uma batalha que se estava liberando em seu interior e necessitava a tranquilidade tanto quanto ele o fazia. Estava oferecendo na única forma em que sabia… mediante sua entrega por completo a ela. Se ela o encadeava, ele não teria poder. Ela podia fazer o que quisesse. Golpeá-lo. Deixá-lo. Amá-lo. Ela tomaria a decisão, assim era como tinha que ser.

Ela ficou de pé e olhou a cama. Ele obedeceu suas ordens em silêncio. Provavelmente não sabia que estava dando uma, mas podia senti-lo. Tinha tomado uma decisão, agora tinha que esperar para ver o que era.

Engatinhando sobre a cama, sentou-se no meio dela e logo virou para trás. Estirou os braços em cima dele, enroscando seus dedos ao redor dos postes da cabeceira e esperando por ela.

Fechou os olhos por um momento e desejou que seus nervos ficassem calmos. Ela seria capaz de sentir se tentasse, da mesma forma em que ela tinha sido capaz de sentir seu coração e seu poder exterior. Agora sabia a profundidade da conexão que tinham, ela o sentiria instintivamente.

A cama junto a ele se afundou e sentiu o frio do aço contra seu pulso. Abriu os olhos e viu seu rosto de perto, estudando a amostra de suas intenções. Ela se inclinou sobre ele e passou os punhos no postes antes de apertar o outro ao redor em seu pulso. Apertou os dois, prendendo-as.

Ele tragou saliva.

Uma pequena faísca de medo se acendeu dentro dele e fechou os olhos.

Orou em silêncio para que não fosse embora.

— Abre os olhos — sussurrou-lhe ao ouvido.

Fez-o, olhando-a diretamente e mostrando todo seu medo dentro dele. Parecia surpreso e passou os dedos brandamente por sua bochecha, como se tentasse consolá-lo. Sustentou o olhar, resistindo à tentação de fechar os olhos com a suavidade de seu tato.

— Não me deixe. — As palavras lhe escaparam, tão tranquilas que estava seguro de que ela não queria escutar.

— Não vou.

Duas palavras que serviram para eliminar todo o medo nele, apagá-lo e deixá-lo perguntando o que ela pensava fazer com ele.

— Lembro do sonho que tive a semana passada, depois que te conheci. Nele, dizia-me que era só um sonho e que o melhor ainda estava por chegar. Tinha razão. Os sonhos nem sequer se aproximam da realidade.

Ele grunhiu quando ela passou os dedos brandamente sobre seu peito nu. Olhou para os cortes que se lançavam através dele e quanto mais olhava, mais lhe enchiam os olhos de emoções que faziam que o fôlego lhe obstruísse na garganta. Depois de hoje, tinha pensado nunca falaria com ele de novo e agora estava tão aberta com ele.

E ele ia ser aberto com ela.

Era a única maneira.

Ela tinha que saber o que sentia por ela e que estava desesperado por conhecer os seus sentimentos. Precisava estar seguro que estava bem com seu lado primário e que confiava nele. Que ia manter a promessa que tinha feito, que nunca lhe faria mal e que nunca deixaria que se ferisse. Ele morreria para defendê-la.

Kim sorriu nos olhos de Erik. Em todo o tempo que tinham passado juntos, ela nunca o tinha visto assim. Ele estava imponente e não era só as algemas que faziam isso. Era ela e o que sentia por ela.

Foi cedendo o controle e abrindo seu coração para ela, sujeitando-a para que ela tomasse ou esmagasse as peças.

Como iria destroçá-lo?

Rompendo seu coração só romperia o dela também.

Não lhe importava que fosse louca, que se sentia assim por um homem que podia transformar-se em uma pantera soava em sua cabeça, em seu coração tinha muito sentido.

Não lhe importava o que era, era quem era o que tinha funcionado em seu favor e era a forma em que se sentia quando estava com ele isso fizera com que ficasse para escutar o que tinha tido que dizer.

Agora mesmo se tornou impotente por ela, para lhe demonstrar sem lugar a dúvidas que ele confiava nela e que ela podia confiar nele. Era uma coisa estranha de fazer. Estava indo por isso, mas não tanto como se algo mais a movesse.

Estava no avesso, havia devotado seu coração e mostrado a forma débil e assustada que estava profundamente em seu interior. Isso a havia tocado mais do que poderia qualquer coisa.

Tinha-lhe feito acreditar que o sentimento por ele era certo e não tinha nada a ver com esta estranha união em meio da que se encontravam.

Nunca tinha visto um homem fazer muito para demonstrar a uma garota que a amava. Sabia que isso era o que estava fazendo. Tinha mostrado sem dizer as palavras exatas do que sentia por ela da mesma maneira que se sentia por ele. Estava descobrindo tudo por ela e foi para ela para dar o salto e oferecer seu coração em troca do dele. Não queria lhe fazer mal e ela não queria vê-lo nunca mais prejudicado. Machucava-a profundamente e dava vontade de tê-lo para sempre, quando viu a dor e todo o medo em seus olhos.

Estava deitado com tanta paciência, esperando que fizesse um movimento. Queria sentir a conexão como se fosse um sonho. Queria saber se a realidade seria melhor que a fantasia.

Passando os dedos por seu peito, riscou a forma de seus músculos, explorando-o. Realmente era formoso em suas duas formas. Músculos deliciosos agrupados deliciosamente debaixo de seu toque, por isso o desejo voou dentro dela. Seguiu agarrando-a com a ternura que sentia por ele, mesclando-o com o desejo que logo ameaçaria sobressaltando-a. Ela queria essa conexão. Necessitava a intensidade.

Inclinando-se, pôs um casto beijo em sua bochecha, e pouco a pouco trabalhou seu caminho para baixo, encontrando coragem com o passar do caminho. Começou a alternar entre lamber e beijar, deixando que sua boca descobrisse seu corpo de novo enquanto seus dedos memorizavam as curvas e o nariz pela forma em que cheirava.

Ela o olhou furtivamente pela extremidade do olho. Tinha os olhos fechados, com os dedos ligeiramente agarrando os dois lados da cabeceira de madeira.

Queria tê-lo tanto, mas se obrigou a continuar, sabendo de que isto o tranquilizaria mais que seus braços ao redor dele. Se lhe dava isto, um momento de agitação na união de sua alma, então saberia que nunca ia deixá-lo.

Chegando aos cortes em seu peito, beijou-os brandamente, desejando que de algum jeito pudesse curá-lo e fazer com que desaparecesse. Suspirou debaixo dela.

Ela sorriu contra sua pele e começou a trabalhar seu caminho para baixo sobre seu estômago, beijando cada músculo, cobrindo-os meigamente. Desejou poder estudar ele todo, simplesmente sentar-se e vê-lo caminhar nu. Tinha um formoso corpo, tonificado, mas não muito. Seus músculos compactos a faziam sentir o poder no seu interior.

Sentando-se de novo, ela passou seus dedos sobre seus ombros e braços, deleitando-se com a suavidade de sua pele e a forma de seus músculos. Ele a olhava. Podia sentir a intensidade do olhar nela. Seus olhos se encontraram com ele, que estavam abertos para ele, lhe mostrando tudo o que a fazia sentir. Sua cabeça estava inclinada para um lado, com o olhar interrogante. Sorriu-lhe, tentando mostrar que o que via nela era a verdade.

— Me fale — disse.

— Sobre o que?

Ele esticou o pescoço e olhou suas mãos, e logo lhe devolveu o olhar aos olhos.

— O que está pensando. Quero ouvir o que está pensando.

Suas mãos deixaram de mover-se. A ideia de ter que falar de seus pensamentos lhe dava

vontade de calar-se, mas falou para si mesma que poderia ser bom para eles. Poderiam dizer tudo um para o outro sem palavras, com um só olhar ou tato, mas seria reduzir o nível íntimo que ambos estavam procurando.

Movendo suas mãos de novo, riscou suas veias e a forma de seus antebraços, trabalhando seu caminho para seus pulsos. Deteve-se quando tocou o frio metal das algemas.

Os nervos a faziam tremer e estava segura de que não ia ser capaz de falar sem que ele a ouvisse. Nunca tinha feito nada como isto antes. Nunca havia se sentido assim por um homem.

— Tem um corpo incrível — disse ela sem atrever-se a olhá-lo. Quase esperava que lhe agradecesse, mas ele permaneceu em silêncio. Ela por acaso o olhou e viu que não sorria, mas havia ternura em seus olhos. Levando as mãos para baixo para seus braços, sustentou o olhar. — Elegante. Potente. Igual à pantera no seu interior. Poderia passar a eternidade fazendo isto.

Sorriu agora.

— Tem um corpo formoso também. Daria tudo por vê-lo. — Sua voz era rouca, profunda e sedutora.

Claramente, ele tinha encontrado sua confiança de novo.

Sentada sobre seus calcanhares, desabotoou o vestido e o escorregou sobre sua cabeça, mas se deteve quando recordou que não estava exatamente usando o que poderia considerar-se adequado de roupa interior para esse momento. Podia ver que se perguntava o que acontecia e continuou tirando o vestido deixando-o cair ao chão, enquanto seus olhos se posaram em seu corpo. Estreitaram-se. Ele ronronou e um calafrio passou através dela.

Deus, não poderia ronronar.

O som disso lhe dava poder.

Não acreditava que sua roupa interior fora sexy, mas talvez fosse. Seriam sua calcinha de algodão liso e sutiã atraentes? Sempre tinha pensado que renda e cetim era o que excitava os homens, mas se disse que o olhar em seus olhos era diferente.

Passando a perna por cima da dele, sentou-se escarranchada sobre sua cintura, com seus olhos encontrando os seus.

Podia sentir seu endurecimento debaixo dela. Seus quadris se moveram, passando seu pênis contra sua vagina. Levou a mão ao estômago, empurrando sua virilha para baixo e dando um olhar duro.

— Me diga o que está pensando — disse.

Ele não o duvidou.

— Comeria você todo — lhe sussurrou e um brilho de medo entrou em seus olhos.

Ela sorriu. Sabia que não quis dizer seu lado pantera. Recordou que tinha que dizer tudo o que estava pensando, ela sustentou seu olhar e passou os dedos brandamente por cima de seu estômago.

— Comeria você inteiro também, me prendendo em ti para nunca te deixar. — Sentiu-se um pouco tonta por culpa dos nervos enquanto sorriu, com todos seus sentimentos demonstrados em seus olhos. Ela podia sentir a pergunta nele e não queria respondê-la. Apesar de que não queria deixá-lo, não estava segura de querer ser como ele.

Inclinando-se, deixou cair um beijo sobre seu peito e passou logo para baixo até que seus joelhos estiveram contra ele e sua boca esteve riscando uma linha por cima da cintura de seus bóxers.

Ela os baixou um pouco, seguindo com um rastro de úmidos beijos. Não podia resistir olhá-lo, viu que tinha os olhos fechados agora, com os dedos agarrando firmemente a cabeceira. Todo seu corpo cantava o que queria. Ela puxou, baixando seus bóxers e levantou seus quadris. A roupa interior deslizou facilmente e se deteve o chegar a suas coxas. Subindo as mãos debaixo dele, gemeu em voz baixa quando sentiu a parte posterior tensa sob seus dedos. Acariciou-lhe ao longo da curva dos quadris para as coxas e os dedos se engancharam em sua roupa interior de novo.

Beijando suas pernas, moveu-se para trás, arrastando sua roupa íntima com ela e tirando-lhe por debaixo de seus pés. Deteve-se a explorá-lo, com seus dedos dançando nos dedos do pé e acariciando o arco de seus pés. Retorceu-se um pouco. Outro lugar que era delicado. Ela estendeu as mãos e correu lentamente suas pernas, memorizando cada centímetro dele e a forma em que sentia. Ela rodeou seus joelhos e beijou cada um. Ele não tinha cócegas atrás. Ia morrer de sorrir se não o fazia cócegas. Não era que ia dizer para que fizesse.

— Corre muito, não é mesmo? — disse ela, rompendo o silêncio tanto como sua respiração se tornou pesado.

— Sim. — Sua voz era rouca e tranquila. Soava como se lhe tivesse tomado um grande esforço dizer uma palavra.

— Do que está fugindo? — Ela se moveu até suas coxas e o olhou, com vontades de ver a verdade em sua expressão caso tentasse cobri-la com suas palavras.

Fez uma pausa e respirou fundo.

— Não há nada... talvez... às vezes o outro lado de mim. — viu-se incômodo e pensou em deixá-lo ir, mas não pôde.

Seus dedos passaram na queda de suas nádegas, enquanto ele ficava tenso. Ela deu a volta em seu quadril onde sabia que era delicado. Levantou uma sobrancelha, lhe dizendo em silêncio que não se atrevia. Não o fazia. Nunca falaria se ela fazia isso.

— Por que? — Ela se inclinou mais, dando um beijo no ponto delicado em seu quadril e logo se sentou de novo.

— Porque às vezes me sinto como um inseto estranho, em desvantagem numérica neste mundo... e quero me sentir normal.

Sua exploração se deteve e o olhou profundamente nos olhos. Não deveria ter perguntado. Não se tinha dado conta de que o tinha ferido tanto tocando no tema.

Subindo pela longitude dele, beijou-o com ternura, lenta e profundamente, com todo o amor que pôde dar nesse beijo. Ele não era um monstro. Não era que não tivesse amor.

— Não está sozinho... — sussurrou no seu ouvido, apertando sua bochecha contra a sua. Com o cenho franzido.

— Nunca estará sozinho e será amado. Eu estarei contigo até o final dos tempos... Embora não sei se estou pronta para ser como você ainda.

As palavras tinham saído antes que tivesse tido a oportunidade de considerar suas

implicações. Ela retrocedeu, lhe dando um olhar temeroso. Queria abrir seu coração, mas agora que o tinha feito, tinha medo que o fora fazer mal. Era o que sentia? Perdeu-se em um mar turbulento, chorando por ele para que lhe lançasse uma linha e a resgatasse antes de afogar-se. Por que não estava dizendo nada?

Não fazia mais que olhá-la.

A sala de repente se sentiu fria e opressiva, mas não se atreveu a mover-se. Não podia até que ele a salvasse de afogar-se.

— É formosa — disse ao fim. Seu coração pulsou com força contra seu peito, fazendo que se sentisse doente. Seus olhos se reduziram aos dela. — Nunca conheci a uma garota tão bela e que amasse tanto.

Seus olhos se abriram.

Ficou sem fôlego.

Isso não era um salva-vidas. Era como se tivesse secado todo o oceano em uma fração de segundo só para salvá-la.

Capítulo 20

Erik tentou incorporar-se, mas voltou a cair outra vez quando as algemas lhe detiveram.

— Não tenha medo. — Soava assustado e Kim se perguntou exatamente como se supunha que não ia ter medo.

— Amei-te toda minha vida... é minha e sou teu. Pode me dar ordens, me diga que nunca te diga essas palavras outra vez, e não o farei.

Ela o olhou fixamente.

Como podia estar tão louco?

— Diga outra vez. — Sacudiu sua voz tentando espremer sua garganta seca.

Ela se inclinou sobre ele e o olhou nos olhos, com suas mãos contra seu peito apoiando-se.

Podia sentir os batimentos cardíacos e pulsava terrivelmente rápido. Parecia que ia sair de seu peito.

— Estou apaixonado por ti — disse com tanta intensidade que as lágrimas se deslizaram no canto dos seus olhos.

Ela o beijou profundamente, todo o tempo pensando no muito que lhe queria, perguntando-se onde estava a chave das algemas para que pudesse fazer o amor com ela.

Ele não iria por elas. Isto era sobre renunciar ao controle para dar a ela e ainda podiam fazer amor assim.

— Erik... — inclinou-se para trás e o olhou nos olhos. Ele levantou as sobrancelhas, com os olhos brilhantes de cor mel para ela.

— Quero-te dentro de mim, onde pertence.

Foi a frase mais brega do mundo, mas não lhe importava. Quando estivesse dentro dela, ia

sentir-se completa e nada no mundo lhe importaria, exceto ele, exceto o sentimento de estarem juntos.

Ele sorriu amplamente, claramente divertido por sua frase tão brega. Ela pôs os olhos em branco. Ele fez um gesto em direção à gaveta onde tinha guardado as algemas.

Ao sair, deu-lhe um beijo nos lábios e logo um à cabeça de seu membro. Cruzou a habitação, retorcendo os quadris só uma fração para que conseguisse um bom espetáculo. Podia sentir que ele a observava.

Ela abriu a gaveta e encontrou a camisinha. Tirou um par de pacotes, viu a chave das algemas e decidiu levá-la com ela também. Tirou tudo e logo fechou a gaveta.

Um sorriso apareceu em seus lábios.

Virou-se e levantou uma sobrancelha para Erik. Estava tão malditamente delicioso estendido na cama completamente nu. Ela baixou o olhar para seu corpo, a sua própria roupa íntima, e logo para Erik de novo.

— Tire isso — ele disse.

Não era uma ordem, era em parte desejo e em parte expressava sua esperança.

Estendendo suas mãos por detrás dela, desabotoou o sutiã e baixou as alças lentamente pelos braços. Deixou-o cair no chão quando chegou aos pés da cama e soltou as coisas que levava. Moveu seus polegares à cintura de sua roupa íntima e saiu fora dela, perdendo-os enquanto se ajoelhava na cama. Apoderando-se das camisinhas e a chave, arrastou-se ao longo do Erik, com seus olhos detendo-se em cada centímetro dele e o aspecto devastadoramente sedutor que lhe estava dando. Disse tudo o que podia sentir e estava a ponto de dizê-lo.

— Amo-te, Kim. Pertencemos um ao outro... veem para mim.

Ela se surpreendeu por como se sentiu por dentro, atraída por ele, como se as três últimas palavras tivessem sido uma ordem e não tivesse vontade de ignorá-las. Alegrou-se por ele não haver dito exatamente o que havia em seus olhos. Ela sabia que queria que estivessem juntos para sempre e ela o queria, mas o processo a assustava. Para estar com ele para sempre teria que ser como ele. Não acreditava estar preparada.

Apesar de que seu coração dizia que sim.

Ela evitou seus pensamentos e se centrou no que estava acontecendo agora. O futuro podia esperar.

— Erik?

Lhe dirigiu um olhar que dizia que seguisse.

Ficou imóvel, com as mãos contra suas coxas e seus olhos se encontraram com os seus. Ele a olhava com tanto amor e afeto que ela se negou a falar, com as palavras que queria dizer afastando-se batendo as asas e sem ser expressas. Ela sustentou seu olhar, franzindo as sobrancelhas ligeiramente enquanto lutava consigo mesma. Suas palavras de amor não retornariam e ela as queria escutar e saber que não importava a decisão que tomasse, ele sentia o mesmo por ela.

Ela o amava.

Ela o amava com o coração, corpo e alma.

Sacudindo a cabeça, olhou seus olhos estreitados e seu cenho franzido pelo mais breve dos momentos antes que passasse ligeiramente os dedos por seu duro pênis.

Seus olhos se fecharam, com os lábios aspirando profundamente. Ela olhou sua ereção, com a ponta dos dedos seguindo as veias, acariciando a sensível cabeça. Necessitava-o em seu interior. Necessitava que esse sonho se fizesse realidade.

Inclinando-se sobre ele passou a língua por sua longitude, pela aveludada pele debaixo dela, quente e suave. Ela gemeu baixo, em sua garganta, com suas mãos pressionando profundamente aos flancos enquanto subia para seu peito.

As correntes das algemas se sacudiram e ela pôde sentir seu esforço debaixo dela. Perguntou-se como se sentiria estar preso, incapaz de unir-se e fazer o que seu corpo lhe rogava. Ele não a podia sustentar onde estava, nem tocá-la. Tudo o que podia fazer era gemer seu fôlego.

Explorou a cabeça de seu membro com sua língua, movendo-se a seu redor e através das sensíveis dobras. Seus quadris se sacudiram e ela acatou pedido silencioso, levando-o a sua boca e chupando-o lento e suave.

Ele gemeu.

Havia um traço de grunhido que a emocionou, enviando uma onda de excitação através dela que a fez molhar-se de desejo. Introduziu-o mais para dentro de sua boca, excitada com o ruído que estava fazendo. Sua língua jogando e torturando-o, lambendo a longitude de seu pênis enquanto o chupava. Ele grunhiu e ela gemeu com o mesmo som.

Ela nunca antes se havia sentido tão poderosa. Tinha-o a mercê dela, indefeso para que ela tomasse, de qualquer maneira que quisesse. Seus olhos vagaram pela longitude de seu corpo para seu rosto. Ele tinha estirado o pescoço para olhá-la, com os olhos amarelos brilhantes na suave luz dos abajures.

Liberando seu membro, apoderou-se de uma das camisinhas e rompeu o pacote abrindo-o. Baixou a sua longitude, fazendo as coisas com calma para provocar um pouco mais, e logo se moveu para que seu rosto ficasse no nível do dele.

Deu-lhe um beijo lento, com seus lábios mal tocando-o. Uma leveza estonteante se agitou dentro dela, tirando seus sentimentos enquanto ele a beijava meigamente.

Ela baixou a pélvis, deslizando sua vagina ao longo da longitude de seu pênis. A ponta da mesma esfregando seus clitóris, fazendo-a gemer na boca enquanto um formigamento de prazer se propagava.

Ela levantou os quadris uma fração em cima dele. Apoderando-se de seu pênis, dirigiu-a a ela, afundando-a pouco a pouco de novo nela até que esteve enterrado. Ela suspirou gemendo e fechou os olhos, dando um momento para saborear a sensação dele em seu interior. Nunca havia se sentido tão vinculada a alguém como o fazia com ele e quando estava dentro dela, dessa maneira, sentia-se como se fossem uma única pessoa.

Erik olhou seu rosto. Era uma máscara de prazer, com seus lábios curvados em um sorriso amplo e sua expressão satisfeita. Abriu os olhos enquanto ela começava a mover-se e sentiu que gostaria de poder abraçá-la, tocá-la, enquanto ela montava sua longitude. Seus movimentos eram lentos e deliberados, fazendo insistência no vínculo que compartilhavam.

Centrou seus olhos nos dela, olhando-os profundamente e procurando. Este sentimento era divino, era algo além do humanamente possível. Era como olhar diretamente a sua alma, ver tudo o que havia diante dele e compreender perfeitamente tudo. Podia ver seus sentimentos para ele e seu medo, podia ver o muito que este momento, juntos, significava para ela.

Igual significava para ele.

Tinha tomado o risco e se ofereceu para ela, deixando que ela fizesse o que quisesse com ele e ela tinha demonstrado que não tinha intenção de lhe fazer mal. Foi derrubado por sua compreensão e aceitação do que estava dentro e o comoveu profundamente ver que ainda tinha sentimentos por ele e que ainda queria estar com ele.

Tragou e firmemente se apoderou das barras da cabeceira enquanto seus músculos se contraíam ao redor dele, apertando seu pênis. Começou a perder a noção do mundo, perdido em seus olhos e esquecendo no prazer ao que se dirigiam. Apertou as mãos em seu estômago, com suas mãos aferrando-se a ele. Tenso, moveu os quadris no mesmo ritmo do dela, metendo-se lenta e profundamente nela, enchendo-a uma e outra vez. Queria que isto continuasse para sempre, que sempre pudesse sentir-se tão perto dela. Ela gemeu e respondeu com um dos seus. Seu cenho se franziu, os olhos traindo-o elevando-se pela excitação e a fome. Seguiu com calma, entretanto, deixando-o sair, revolvendo seus sentimentos por ela e atirando deles para que seu coração se refletisse em seus olhos para que ela os visse. Ele queria que ela o olhasse. Ela tinha que saber como o fazia sentir. Tinha uma decisão difícil diante dela e se podia ver o muito que a amava e que nunca ia lhe fazer mal, que podia confiar nele, então talvez o emparelhamento com ele soaria menos assustador.

A forma suave na qual ela o tratava e os sentimentos que lhe tinha mostrado, diziam-lhe que não ia deixá-lo, sem importar a decisão que tomasse.

Kim mordeu o lábio, com os olhos fixos em Erik, enquanto desfrutava da formosa expressão que tinha. Ela estava se afogando em seus sentimentos por ele e quanto mais se movia, mais chegavam à superfície destes sentimentos.

Sentia-se como se tentasse abrir-se para outros, tanto para deixar ir o medo, para confiar implicitamente e amar incondicionalmente. Era quente, envolvente, em um grau alarmante.

O que ela sentia por ele era intenso e a consumia. Se assim era como se sentia o verdadeiro amor, então ela nunca tinha conhecido o amor antes, porque não era nada parecido ao que tinha com ele. Isto era muito mais profundo.

Era o ar que respirava, o sangue em suas veias e a parte que faltava de sua alma.

Ele era tudo.

Ela tinha tanto medo de perdê-lo, de que algo lhe acontecesse e queria mais do que nada poder expressar seus sentimentos para ele. Ela queria escutar as palavras, não só as que pudesse ver em seus olhos. Necessitava que soubesse.

Seu abdômen se esticou, sua ponta roçando contra seu osso da pélvis com cada empurre para baixo, enviando ondas de prazer de última hora sobre ela. Centrou-se na sensação dele dentro dela. Estavam em movimento, juntos, lento, sensual e profundo. Não havia pressa. Nem sequer seu desejo de terminar o fazia acelerar o ritmo. Tinha que ser lento. Isto não era sobre

sexo. Tratava-se da conexão e os sentimentos compartilhados.

Ela gemeu quando ele ronronou debaixo dela, com as vibrações adicionando-se à sensação incrível dele movendo-se dentro dela. Não podia acreditar quão poderoso o som a fazia sentir. Estava fazendo-o ronronar, fazendo-o sentir contente e feliz. Desejou poder ronronar em resposta e lhe mostrar que estava ali com ele.

Inclinando-se para trás um pouco, ela gemeu quando a mudança de posição a fez sentir ainda melhor. Seu corpo seguia a seu abdômen, tenso e escalando para o orgasmo. Ela sustentou o olhar de Erik, aprofundando-se em seus movimentos e rodando os quadris para aproveitar ao máximo cada investida que fazia nela.

Ele ronronou mais forte, com seus olhos cada vez mais escuros e ela pôde sentir o perto que estava. Apertou as mãos em seu estômago, tentando manter seu enfoque nele, mas perdendo ligeiramente enquanto os sentimentos dentro dela começavam uma espiral fora de controle. Ela entrecerrou os olhos, com sua respiração mais rápida enquanto se aproximava de seu clímax. Ele se impulsionou mais profundamente nela, com seus movimentos um pouco mais fortes e apertados a seu redor, esticando seus músculos ao máximo com cada impulso. Gemendo com cada movimento de seu pênis dentro dela, pediu um pouco mais, só esse pequeno golpe que a empurraria na borda da felicidade. Ela mantinha os olhos abertos o suficiente para manter contato visual com o Erik, vendo sua cara retorcer-se de prazer e entusiasmo, sabendo que era obra dela.

Ela arqueou as costas enquanto a tensão dentro dela se evaporava, explodindo em um formigamento que correu como uma onda por cada centímetro dele, uma e outra vez enquanto ordenhava seu membro. Ele seguiu sua marcha, empurrando mais duro até que gozou em seu interior, derramando-se na camisinha e palpitando. Ela esticou seus músculos, amando a sensação de que gozasse dentro dela.

Quando sua respiração se estabilizou, inclinou-se, sustentando-o em seu interior enquanto o beijava pouco a pouco. Sua língua jogando brandamente contra a sua. Deu-se conta de que ela queria seus braços ao redor e se inclinou para recuperar a chave. Abrindo as algemas, esfregou-lhe os pulsos, e então beijou as marcas vermelhas sobre elas. Ele se liberou de seu abraço e a envolveu com seus braços, sustentando-a perto.

Sua bochecha estava pressionada contra seu peito e suspirou satisfeita quando apoiou a bochecha contra sua testa.

— Amo-te — disse em voz baixa.

Ela sorriu o melhor que pôde.

— Eu também te amo. — Não era uma coisa espantosa dizê-lo depois de tudo. Fez com que se sentisse em paz e aliviada por havê-lo dito por fim. Fechou os olhos quando ele ronronou. O que retumbou através de seu peito, adormecendo-a enquanto a sustentava. Sentia-se tão cômoda.

Tão segura.

Não queria volta para o mundo. Queria ficar aqui para sempre.

Aqui, nada mau podia acontecer.

Ali, as coisas podiam ir horrivelmente mal.

E outra vez teve essa sensação de que algo terrível ia acontecer.

Capítulo 21

Kim beijou Erik lentamente, não querendo deixá-lo ir. O sol da manhã esquentava o rosto e os braços. Passou os dedos por seu cabelo. Estava quente e suave, esquentado pelo sol. Ela não queria entrar no edifício de apartamentos a suas costas, e definitivamente não queria ir trabalhar. Queria ficar aqui nas escadas de seu edifício e beijá-lo todo o dia.

A viagem de volta para Londres tinha sido comprida e lenta. Tinham saído tão cedo que o sol não tinha começado ainda a sair. Assim que tinham chegado a Londres, estabeleceu-se a pior sensação na boca de seu estômago.

O dia de ontem parecia um sonho, um mundo de fantasia que desejava que pudesse haver-se eternizado. Agora se enfrentava à realidade.

Ela suspirou enquanto se separava de Erik, olhando-o fixamente aos olhos e vendo todos seus sentimentos neles.

Afastou o cabelo comprido e escuro para ficar detrás da orelha e sorriu.

— Não te estou pedindo uma decisão imediatamente. Ainda teremos que esperar dois dias até que esteja quente de novo antes que possamos nos emparelhar. — Vacilou um momento e se apoderou de sua mão, jogando com os dedos dela. — Eu poderia mudar depois disso, mas é muito perigoso e não quero correr o risco. Seria melhor esperar para que esteja pronta de novo.

Ela assentiu. — Pensarei nisso. Estará em casa esta noite?

— Ia voltar para casa depois de assinar o contrato. Tenho alguns negócios que atender ali, mas, entretanto verei o que posso fazer.

Ela passou seus braços ao redor de seu pescoço. Estava de pé no degrau debaixo dela e era ainda mais alto que ela, mas seus olhos estavam quase no mesmo nível dos seus.

— Melhor eu ir. — Beijou-a brevemente nos lábios. — A reunião deverá ser ao meio-dia... Que tal depois entrar na sala. Então?

Ela sorriu. — Parece um bom plano.

Passou as mãos ao longo de seus braços. Ele se via impressionante com o terno negro e o fato de que intimamente conhecia o corpo fantástico que se escondia detrás deste, só o fazia ainda mais sexy.

Ele sorriu e lhe deu um beijo à mão. — Vemo-nos logo.

Ela assentiu de novo e se apoiou no corrimão de ferro negro enquanto o via descer as escadas e entrar em seu carro. Deu-lhe uma última despedida e logo seu carro rugiu na distância. Suspirando, cruzou os braços sobre seu peito e franziu o cenho.

Realmente esperava que a sensação em seu estômago fossem só nervos por lhe haver pedido que fora sua companheira.

Não queria que nada mau lhe acontecesse, não depois da briga com seu irmão de ontem.

Recolhendo sua bagagem, abriu a porta do edifício e entrou.

* * * *

Caminhando pelos corredores, Kim se mantinha olhando seu relógio para ver que hora era.

Simon a tinha chegado às onze e cinquenta e tinha estado falando com ela até passadas as cinco. Ela tentou fugir com respostas curtas, mas lhe tinha perguntado várias vezes se se sentia melhor e se manteve dizendo que ainda se via um pouco corada. É obvio, que estava mal-humorada, não tinha parado em toda a manhã e tinha estado nervosa por perder Erik.

Viu que a porta da sala de reuniões estava entreaberta e estava a ponto de empurrá-la para abri-la quando escutou a alguém falando. Deteve-se, escutando e tentando distinguir quem era. Jogando uma olhada pela porta, franziu o cenho enquanto passava a vista sobre Alistair. Estava no seu telefone. Não podia ver ninguém mais ali. Aonde teria ido Erik?

Ia sair, mas se congelou quando Alistair falou.

— Sim, sim... tudo está acontecendo de acordo com o plano. Erik assinará do contrato. Não posso esperar para continuar com a seguinte fase.

Seu coração se afundou um pouco ao saber que realmente tinha tido um. Tinha visto o que a casa significava para ele e poderia entender que abandonasse a metade de sua companhia com o fim de obter uma parte dela, mas ainda não confiava em seu irmão. Havia algo estranho no contrato e talvez não era só sobre o sangue, mas sim ainda tinha a sensação estranha e não podia ignorá-la.

Ficou de pé casualmente frente aos anúncios junto à porta, aparentando normalidade quando um casal de homens passou junto a ela. Esperou até que se perderam de vista e logo se aproximou da porta. Alistair tinha despertado sua curiosidade e tinha que seguir escutando. Tinha que saber se Erik estava a salvo e se a sensação dentro dela era de nervos pelo que lhe tinha pedido que fizesse.

A ideia de renunciar a sua vida para estar com ele soava como algo próprio de um sonho, mas cada vez que pensava sobre a mudança que tinha que levar a cabo, queria fugir. Tinha pensado nisso toda a manhã e ainda não tinha podido decidir-se.

Estirou o pescoço, conseguindo estar tão perto da porta aberta como fora possível sem que Alistair pudesse ouvi-la.

— É obvio que vou continuar com isso. — Alistair pôs-se a rir e o som fez que um calafrio passasse através dela.

— Acredita que alguma vez teria filhos com uma humana? A ideia é muito repulsiva. Só quero a companhia...

Ela franziu o cenho quando houve outra pausa.

— Me escute. Tenho que fazer isto... cuidei que sua gente não? Ele não é um desafio para mim... não vou recuar. Quero vê-lo morto. Se estiver morto, então tudo será meu.

Ela abriu a boca e a tampou, com os olhos muito abertos enquanto se afastava da porta. Seu coração trovejava, golpeando contra seu peito enquanto a adrenalina a fazia tremer. Não podia estar falando do Erik.

Simplesmente não podia.

A voz em sua mente lhe disse que podia.

Tudo tinha sentido. Alistair odiava Erik por causa da empresa. Tinha matado seus pais para pôr suas mãos sobre ela, e sua mãe a tinha dado para Erik. Agora queria matar Erik por ela. Sentia-se parva por pensar sempre que a cláusula do sangue era um perigo para o Erik. Não o era, mas sim Alistair era o perigo.

A forma em que a tinha sido cuidadoso quando se enfrentou ao Erik na casa. As mulheres eram só brinquedos para ele, um jogo. Não queria uma companheira como Erik queria. Se alguma vez tivesse filhos com um humano, não quereria ter nada a ver com eles. A metade dos parágrafos do contrato tinham estado provavelmente ali para fazer que parecesse como se não fora só depois da companhia.

Erik tinha assinado e ao mesmo tempo tinha assinado seu certificado de morte.

Ela tinha lido o contrato. Se qualquer das partes morria, então todos os bens passariam ao único sobrevivente.

Ele ia matar Erik.

Deus, tinha que lhe avisar.

Enquanto corria pelos corredores, a sensação de pânico aumentou até o ponto de ebulição quando não pôde encontrá-lo no vestíbulo. Entrou no escritório da Laura, com os olhos muito abertos enquanto olhava ao seu redor, fazendo caso omisso da Laura lhe perguntando o que estava mau. Ela negou e seguiu correndo, desesperada por encontrar Erik. Quando terminou em seu escritório, deu-se conta de que tinha estado em todas partes, exceto no terraço. Abriu caminho passando por Simon e correu tão rápido como pôde até a escada. Tinha que encontrá-lo. Não podia permitir que Alistair lhe fizesse mal.

Empurrando a porta do terraço para abri-la, saiu correndo, mas não encontrou nenhum sinal do Erik. Correu para baixo de novo, dando uma portada detrás dela enquanto corria pelos corredores. Simon a chamou, lhe dizendo que baixasse a velocidade antes que matasse alguém.

Ela riu sem alegria disso.

Se desacelerava alguém poderia morrer.

Tirou sua bolsa fora de seu escritório e saiu correndo à rua, sem frear até chegar ao metrô. Era só uma viagem de vinte minutos à estação do metro mais próxima ao seu apartamento, e dali havia uma caminhada de dez minutos para sua casa. Esperava que Erik estivesse ali, mas o instinto lhe dizia que não estaria.

Só havia um lugar que poderia estar.

Tirando seu telefone móvel da bolsa, chamou Erik, com o coração acelerado enquanto lutava por respirar. O telefone no outro extremo soou e soou, mas ninguém respondeu. Foi para o correio de voz.

— Erik. Mantém-se longe de Alistair. Matou a seus pais e agora te quer morto. Quer tudo.

Irei à casa. Não consigo lhe encontrar e preciso saber se está a salvo.

Fechou seu telefone e empurrou para passar pelas máquinas à entrada da estação do metro.

Descendo rapidamente as escadas, correu para o trem que estava a ponto de sair. Ofegou forte enquanto se apoiava no poste detrás dela. Tinha que chegar antes que fora muito tarde.

Ele havia dito que ia voltar para a mansão.

Ela pedia a Deus que pudesse encontrá-lo ali.

* * * *

Kim golpeou a porta de seu Clio e olhou ao seu redor. O calor que saía do caminho de cascalho era insuportável. Após o calor sufocante de sua viagem em carro, era o último que necessitava. Seu coração não tinha diminuído nem uma vez durante sua viagem aqui. O tráfego estava louco e sem o alívio do ar condicionado, estar presa em seu carro a havia enlouquecido. Tentou chamar Erik não menos de quinze vezes, mas cada vez que o fez não houve resposta. Tinha deixado uma mensagem de voz cada vez e com cada uma delas havia sentido cada vez mais pânico.

Olhou ao seu redor e franziu o cenho quando não pôde ver o carro de Erik. Estacionado perto da casa havia um carro esportivo azul escuro. O instinto lhe disse que não era de Erik.

Duvidava de que fora da governanta. Os nervos a faziam tremer.

Ela se aproximou da porta da casa e chamou. A porta se abriu. Ela olhou no interior, sem saber se entrava ou esperava ver se alguém a tinha escutado. Depois de uns minutos, ficou claro que ninguém abriria a porta.

Empurrou para abri-la tão lenta e silenciosamente como fora possível, deslizou-se dentro e escutou atentamente. Se podia encontrar a governanta, então talvez ela poderia descobrir outros lugares onde Erik poderia estar.

Aproximou-se nas pontas dos pés pelo corredor, desesperada para não fazer muito ruído. Se o carro na entrada pertencia a Alistair, não queria que ele soubesse que ela estava aqui. Não gostava da forma em que a olhava e não queria estar a sós com ele.

Moveu-se pelas escadas, em direção aos quartos. Foi-se essa manhã. Talvez a governanta tivesse ido pôr ordem nos quartos.

O coração lhe saltou à garganta quando seu telefone soou, fazendo-se eco com a alegre melodia nas paredes de pedra grossa da casa. Rebuscou em sua bolsa por ele, amaldiçoando enquanto tentava pôr seu dedo no alto-falante para amortecer o ruído. Seu coração saltou por todo o lugar em seu peito. Tirou o telefone e atirou para abri-lo quando viu que era Erik.

— Kim? Kim? — Soava cheio de pânico.

Ela colocou o telefone no ouvido e lhe sussurrou: — Sou eu.

— Onde está? — Sua voz forte chegou de novo e baixou o volume do telefone para não ser ouvida na sala.

— Sua casa. Erik... Alistair... ouvi-o... vai... — Cortou-se quando chegou à parte superior das escadas e sentiu algo. Os cabelos de seu pescoço lhe arrepiaram.

— Kim? Recebi sua mensagem. Estou de caminho. Estarei aí logo. — A voz do Erik soava longínqua enquanto ela ficava olhando a parede diante dela.

Sentiu-se doente. Todo seu corpo tremia e sua garganta estava tão apertada que não podia respirar.

Voltou-se muito devagar para fazer frente às escadas.

Alistair sorriu, de pé só um degrau debaixo dela.

— Erik — gritou ela pelo telefone antes que Alistair a golpeasse.

Rompeu-se em pedaços no chão do vestíbulo a baixo dela. Esteve a ponto de tropeçar enquanto ela se afastava do Alistair, com o medo afligindo-a.

— Ouvi-te fora da sala de reuniões... cadela ardilosa, verdade?

Ela negou e se esforçou por manter-se em pé enquanto os joelhos ameaçavam dobrando-se debaixo dela.

Seus olhos se precipitaram ao corredor a sua direita. Antes que tivesse movido um pé para correr por elas, a mão de Alistair estava ao redor de sua garganta e a jogou contra a parede. Pressionada contra ele. Sentiu o frio em suas costas. As mãos dela se fecharam, com as unhas afundando-se nos braços de Alistair, em uma tentativa de afastá-lo.

Apertou-lhe a garganta mais fortemente.

As lágrimas encheram seus olhos e se afogou. Seu cenho se franziu e rezou para que não lhe fizesse mal.

— Quero tudo dele e até que me ouviu no corredor tinha pensado que a morte o obteria. — Alistair deu um passo para ela, pressionando seu corpo contra o seu.

Ela se retorceu, tentando afastar-se dele. Seu corpo se estremeceu e lhe tremeu o coração.

Ela se dizia que isso não estava acontecendo. Em qualquer momento, despertaria ou Erik chegaria a seu resgate.

— Dava-me conta de algo... você é sua também. — Alistair sorriu, deixando descoberto os caninos para ela e com voz entrecortada disse quando sua mão se esfregou contra seu virilha. — Empresta a ele. Acredito que tomarei também.

Ela negou.

— Por favor, não...

Ele riu dela.

— O que foi isso? Um por favor?

Ela afastou a cabeça quando ia lhe dar um beijo. Fechou os olhos enquanto lhe lambeu o pescoço, empurrando seu peito, tentando afastá-lo. Só fez mais difícil sustentá-la contra a parede. Teve a boca sobre a sua antes que pudesse fazer algo. Ela sentiu asco e sentiu a rajada de lágrimas em suas bochechas enquanto continuava lutando contra ele.

— Tem um gosto tão fodidamente bom — sussurrou as palavras contra seus lábios e a beijou de novo, com sua língua forçando seu caminho em sua boca.

Ela franziu o cenho e lhe mordeu a língua ao mesmo tempo enquanto lhe dava uma joelhada

com força nas bolas.

Ele a deixou livre grunhindo com fúria e dor. Ela não se deteve para pensar. Correu no momento em que a deixou em liberdade, correndo tão rápido como pôde para descer as escadas saindo para o jardim. Ela podia senti-lo atrás dela, tinha sabido quando ela o ia atacar que só teria alguns segundos para escapar. Ela olhou a seu redor enquanto corria para o ar livre e via o labirinto.

Correu para ele, passou junto a seu limite, desesperada por sobreviver e escapar de Alistair. Devia ganhar tempo. Erik estaria aqui logo.

Atrás dela, Alistair rugiu.

* * * *

O carro derrapou no cascalho enquanto Erik punha o pé nos freios. Saiu pela porta em um segundo, sem deter-se apagar o motor ou inclusive pôr o freio de mão. Grunhiu quando viu o Alistair trocar enquanto perseguia Kim pelo labirinto. Desabotoando a jaqueta e a camisa correu, centrou-se em chegar a Kim antes que fora muito tarde.

Deveria ter sabido que seu irmão estava tramando algo.

Matá-lo?

Alistair estava a ponto de descobrir que não era tão fácil como parecia.

Depois de tudo, ele era o que ia morrer por matar a seus pais e por colocar um dedo em cima de Kim.

Transformou-se em pantera quando entrou no labirinto, rugindo enquanto saía de sua roupa e corria atrás de Alistair. Utilizou seus sentidos para que o guiassem para seu irmão e para a Kim. Podia cheirá-la mais claramente do que seu irmão seria capaz.

Voltou-se em uma esquina bruscamente, grunhindo todo o tempo, sabendo que Alistair seria capaz de escutá-lo.

Estava se aproximando.

Um grito agudo de dor saiu enquanto o derrubavam fortemente e caía sobre a sebe. Deu-lhe uma patada de volta imediatamente, lutando com seu irmão e tentando mordê-lo. Seu irmão esquivou-se, mordendo-o na perna dianteira. Ele grunhiu e tirou Alistair de cima.

A seguir saltou sobre as costas de Alistair e o mordeu com força na orelha, arrancando uma parte dela. Alistair gemeu e rodou, tentando tirá-lo de suas costas. Cravou-lhe as garras e deu patadas com as patas traseiras, arranhando a parte posterior de Alistair e mordendo a parte de atrás de seu pescoço.

Sacudindo a cabeça, sacudiu Alistair. Podia sentir Kim perto e esperava por Deus que não estivesse vendo-o. Lançou Alistair e olhou ao seu redor. Estavam no centro do labirinto. Não via Kim por nenhuma parte. Procurou de novo com seus sentidos e a encontrou mais longe. Provavelmente ainda estaria correndo.

Gritou de novo quando Alistair lhe arranhou o rosto, grunhindo enquanto nivelava suas orelhas contra sua cabeça.

O sangue fluía de sua orelha rasgada, manchando sua pelagem de vermelho. Erik lhe devolveu o golpe, nas costas e a seguir saltou sobre ele. Tombou Alistair no chão, mordendo-o em várias ocasiões e não deixando-o ir quando Alistair o chutou.

Seu irmão estava se debilitando.

Ao pressionar suas patas de novo no estômago de Alistair, Erik conseguiu morder a parte inferior de sua garganta. Fechou sua mandíbula apertando-a enquanto Alistair lutava, com suas garras roçando o peito e o estômago de Erik. As garras do Erik estavam sobre ele, seus dentes o agarravam firmemente na garganta e o estava estrangulando. Mordeu-o de novo, tentando conseguir um melhor agarre e o sangue alagou sua boca. Estava o asfixiando, mas manteve o aperto em Alistair, chutando seu estômago até que seu irmão ficou quieto.

Deixando-o, sacudiu a cabeça, fazendo arcadas até que tirou todo o sangue que tinha tragado.

Paralisando-se no chão, trocou de forma de pantera e respirou fundo. Estava machucado em todas partes. Não tinha tanto dor, mas sim era o sabor do sangue o que o fazia sentir-se doente. Tratou de incorporar-se, mas descobriu que não tinha forças.

Deitado sobre suas costas, sua cabeça se moveu para um lado e olhou seu irmão. As lágrimas encheram seus olhos quando viu que estava ainda em forma de puma, com o sangue cobrindo-o e filtrando-se no cascalho. Alistair não lhe tinha dado escolha. Ele o tinha obrigado a lutar. Tinha tido que defender Kim e vingar seus pais.

Não podendo olhar seu irmão morto por mais tempo, ficou de joelhos e se levantou lentamente. Limpou a boca com a parte posterior de sua mão e olhou seu corpo nu, os cortes que o cobriam. Havia sangue em todas as partes e seu estômago e braço o estavam matando. Levaria tempo para sarar, mais do que Kim e ele teriam tido antes que ela estivesse no cio.

Não podia trocar se não perdia toda sua força. Não teria suficiente energia para o emparelhamento ou para sua transformação.

Tropeçando através do labirinto, surpreendeu-se quando Kim apareceu em um dos cantos. Ela estava com sua roupa e ao que parece correndo sem rumo, tinha corrido diretamente para ele. Ela sorriu quando se deteve, mas o sorriso desapareceu quando viu as feridas em todo seu corpo. Sorrindo através da dor dela, tentou tranquilizá-la lhe dizendo que ia estar bem.

— E Alistair? — Disse.

Ele negou.

Kim não disse nada. Entregou sua calça e esperou que ele a pusesse lentamente antes de lhe dar sua camisa e limpar a parte do sangue em seus braços, costas e testa.

Lágrimas se derramaram sobre suas bochechas enquanto o limpava. Ele tinha matado seu irmão e ela sabia que tinha feito para protegê-la.

Quando retornou para sua frente, ela usou um pedaço limpo de sua camisa para atender o arranhão em sua bochecha.

Franziu o cenho quando o sol desapareceu e logo se encolheu de ombros quando a chuva

começou a cair sobre eles, esquentando sua pele. Olhou Erik diretamente nos olhos.

— Erik? — Disse enquanto o levava de volta à casa a um ritmo lento.

— Sim?

Deteve-se e o olhou de novo. Estavam de pé na entrada do labirinto, com a chuva empapando-os. Ainda fazia calor, mas ouviu um trovão na distância.

— Farei— disse.

Ele só a olhou, com a incredulidade visível em seus olhos.

— Acredito que estou preparada. Hoje me dava conta de que não posso te perder.

— Kim — disse ele e tomou a bochecha. — Não posso.

Ela franziu o cenho de novo.

— O que quer dizer?

— Não está pronta e não posso lhe machucar. Mas não irei a nenhuma parte, Kim. Amo-te. — e sorriu e seu cenho se desvaneceu.

Estava certo. Ela não estava preparada realmente. Os acontecimentos de hoje a tinham feito sentir pânico e a tinham obrigado a tomar uma decisão, mas ainda pensava que era a correta.

— Amo-te. — Lhe sustentou o olhar e lhe acariciou a bochecha, esperando que ele pudesse ver em sua alma a forma em que se sentia.

Ela piscou através da chuva que corria por seu rosto. A que lavava todo o sangue do corpo de Erik. Pôs a camisa, protegendo suas feridas, até que puderam entrar na casa.

Sua casa.

Ela a olhou e logo a ele.

Queria ser sua também, igual Alistair havia dito que era.

— Quando? — Disse.

Ele pareceu confuso.

— Quando vou estar no cio outra vez? — Ela deu um passo para ele, fechando sua camisa sobre seu peito.

— Um ano, possivelmente dois. Quem sabe? Quando os sonhos voltarem de novo. Até então, terá que se conformar com a realidade.

Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço enquanto o beijava, caindo em seus braços e perdendo-se na forma em que a fazia sentir-se feliz, amada e segura. Foi um apaixonado beijo que atiçou o fogo de seu interior igual fazia sempre.

Nunca deixaria de amá-lo. Nunca. Sempre seria assim profundo e intenso. Queixou-se contra sua boca, lutando sua língua contra a sua e sentindo a chuva correr por suas costas. Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto lhe beijava o peito e ficava ali, aferrando-se a ele enquanto jogava a cabeça para trás e se entregava a seu calor.

Um trovão soou acima e a chuva caiu mais forte, mas não lhe importou.

Erik lhe passou os braços, envolvendo-a neles e sustentando-a com força. Ela riu e o beijou, derramando seus sentimentos para que soubesse o muito que o amava e que esperava que não fizesse muito mal.

Havia-lhe dito uma vez que o melhor ainda estava por chegar e que o que tinham

compartilhado eram só sonhos. Enquanto que as fantasias tinham sido poderosas, tinha sido a realidade o que a tinha feito apaixonar-se por ele.

Era esse amor o que a fazia querer estar com ele todos os dias até entregar sua vida normal e chegar a ser como ele. Era só questão de tempo antes que estivesse no cio novamente e quando o estivesse, ela estaria passando pela mudança e dessa maneira este novo sonho deles estaria completo.

Por agora, tinham a metade de seu sonho… se tinham um ao outro.

Mas logo, teriam a outra metade.

Teria para sempre.

Fim

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.
Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.
Respeite o grupo e as revisoras.